

AUTORES E LIVROS

30/11/941 SUPLEMENTO LITERARIO DE "A MANHÃ"
publicado semanalmente, sob a direção de Múcio Leão (Da Academia Brasileira de Letras) Num. 16

A vida de Augusto dos Anjos

Augusto dos Anjos nasceu no engenho Pau d'Arco, em 20 de abril de 1884. Aos 16 anos mudou-se para a Paraíba, indo prestar exames no Liceu. Concluiu o curso secundário, foi para Recife, matriculou-se na Faculdade de Direito e ali se formou com 23 anos de idade.

Não tinha nenhuma vocação jurídica, e de nada lhe serviu a carta obtida. O que o seduzia era a carreira do magistério. Ele foi professor de Literatura no Liceu Pernambucano, e, depois de vir para o Rio, professor de Geografia em nossa Escola Normal e em nosso Colégio Pedro II.

Aqui residia, casado, tendo em seu lar dois filhos, quando, a conselho médico, para tratar de sua saúde, se transferiu para Minas Gerais. Foi residir em Leopoldina, tendo ali a direção de um grupo escolar. Em Leopoldina, seus males se agravaram, e ele veio a falecer no dia 12 de novembro de 1914.

Está sepultado no cemitério daquela cidade, e em seu túmulo se lê apenas esta inscrição: "Augusto dos Anjos. Poeta paraibano. Nascido em 1884, falecido em 12-11-1914". Augusto dos Anjos foi poeta desde a infância, e aos sete anos

já fazia versos. Entretanto, o seu livro, que se tornou tão famoso, o "Eu", ele só o publicou aos vinte e oito anos, em 1912, já bem experiente de sua vocação, bem certo de sua arte.

Foi desde logo um êxito considerável, a que ele suscitou, pela forma nova que trazia, pela imprevisão das imagens, às vezes sem gosto, mas sempre cheias de um pensamento elevado.

Esse livro tem alcançado sempre o maior êxito no espírito do público leitor do Brasil, e — fato raríssimo — está hoje em sua oitava edição.



AUGUSTO DOS ANJOS

O POETA DO "EU" — Hermes Fontes

O estudo pormenorizado à obra de Augusto dos Anjos oferece, entre contrastes, aqui, e incongruências, ali, a percepção de um grande número de sentimentos novos, novos estados de alma, não bem emoções, nuances de emoções, arrepios, dolorosidades...

O primeiro trabalho de volume, "Monólogo de Uma Sombra" escapa a essa vaga classificação. É um trabalho de fôlego, novo e feito moderno, revelando pelos conceitos e pela forma lapidária em que é vazado, numa estrofação disciplinada e coerente, própria de todos os poetas bem dotados de educação literária, e que, entre nós, dizem ser privilégio da espécie parnasiana.

Um só verso pode revelar um poeta — disse-o alguém. E é verdade.

Um só de uma porção de versos, ao acaso, de Augusto dos Anjos, revelaria a sua força e a sua vocação.

Não trocamos, por exemplo, pela obra integral de muitos convencionalmente grandes e poetas nossos, a fundura dessas dois versos impressionantes:

"A solidariedade objetiva
De todas as espécies sofrido-
[ras]."

Ou estes três:

"Na alma crepuscular da mi-
[nha] raça
Como uma vocação para a des-
[graça],

E um tropismo ancestral para o [infórtunio]."

A quinta composição do livro é um soneto típico, quanto à sua essencialidade e à sua profundidade. É a "Idéia".

Nem resistimos à transplantação do belo símbolo e da grande síntese que é o seguinte terceto:

"... E em vez de achar a luz
[que os céus inflama
Somente achei moléculas de
[lana
E a mosca alegre da putrefa-
[ção]."

Todo o livro está cheio dessas curiosidades, desse alvoroço de idéias novas, aspirações novas.

Augusto dos Anjos, teosofista, meditativo, concentrativo, é, talvez por isso mesmo, um cético. O seu livro é a dolorosa viagem através da sua personalidade.

E a sua dor, ele a estende a todas as espécies e a todas as coisas. Os "Versos a um cão" são um verdadeiro trabalho de dolorosa metempsicose: o poeta humaniza o fiel companheiro do homem e fá-lo arrastar-se entre os outros seres com a lamentação desgarrada de uma tragédia que se frustrou:

"E irá assim, pelos séculos,
[adiante]
Latindo a esquisitíssima pre-
[sódia

Da angústia hereditária de seus [pais]."

Augusto dos Anjos é um poeta que não se confunde com os outros. É diferente dos mais pelo credo, pela fortuna, e pela grande independência de pensar e dizer.

Com os outros, isto é, com três ou quatro dos nossos grandes jovens poetas, ele se identifica, apenas, pela força da cultura, pela segurança, pelo brilho, pela excepcionalidade de seu estro.

O seu livro "Eu" é a afirmação de um grande espírito.

Viajando através dessas páginas empolgantes, onde se acambrunham, na mema anarquia luminosa e estonteante, elevação e extravagância, originalidade e preciosismo, vãos e quedas, arrojos e descaldas, há sempre a viva surpresa das coisas, senão imprevisadas, ao menos insólitas, senão agradáveis, ao menos interessantes.

Modesto, pobre, desfeito ao chibantismo dos nossos literatos triunfantes, Augusto dos Anjos, o poeta de "Eu", triunfou, sem se arrastar aos pés dos nossos papas intelectuais, os que organizam nas revistas e nos cenáculos, quadrilhas literárias para amordaçar os bons espíritos surgentes ou para os obrigar ao beija-mão aviltante dos seus deuses de papelão e dos seus mestres, proclamados em família, para melhor destino das suas confrarias...

SUMÁRIO

PAGINA 221:	PAGINA 224:
— A vida de Augusto dos Anjos	— Tristeza de um quarto minusculete, de Augusto dos Anjos.
— O poeta de "Eu", de Hermes Fontes.	— Sonetos a meu pai, de Augusto dos Anjos.
PAGINA 222:	PAGINA 225:
— O poeta da Morte, de Antônio Torres.	— Correspondências de escrituras. Três postais escritos por Augusto dos Anjos.
PAGINA 223:	— Monólogo de uma sombra, de Augusto dos Anjos.
— Re-leitura de "Eu", de D. Miliano.	PAGINAS 226 E 227:
PAGINAS 224 E 225:	— Elogio de Augusto dos Anjos, de Otávio Soares.
— A poesia de Augusto dos Anjos, em alguns sonetos de "Eu".	PAGINA 228:
PAGINA 226:	— Como a crítica nacional recebeu o livro de versos de Augusto dos Anjos.
— O poeta de "Eu", de João Ribeiro.	— Vozes Viciadas, de Augusto dos Anjos.
— Barcelona, de Augusto dos Anjos. Dois sonetos de Augusto dos Anjos.	PAGINA 229:
PAGINA 227:	— As pinturas murais dos cafés e dos restaurantes da cidade, por Manoel Bandeira.
— Augusto dos Anjos em Leopoldina, de João Afonso.	— Página da Sociedade Brasileira de Bibliotecários, de Heloisa Cabral da Rocha Werneck.
PAGINA 228:	PAGINA 230:
— As estímulos de Destino, de Augusto dos Anjos.	— Um falso padre que enganou Tobias Barreto, de José Monteiro.
PAGINA 229:	— Um estudo sobre Carlos Drummond de Andrade, de José Osório de Oliveira.
— Augusto dos Anjos, de José Oliveira.	— Recordação de Machado de Assis, de Aloísio de Castro (da Academia Brasileira).
PAGINA 230:	PAGINA 231:
— O livro mais atemporal e "Eu", de Modesto e Albuquerque.	— O túmulo de Caetano de Abreu, de José Lins do Rego.
PAGINA 231:	PAGINA 232:
— Quatro poemas de Augusto dos Anjos.	— Poema hostil, de Murilo Mendes.
— Quatro poemas de poeta de "Eu".	— A vida é de cabeça baixa, de Álvaro Morayera.
— Quatro sonetos pouco conhecidos de Augusto dos Anjos.	— Canção da Primavera, de Mário Quintana.
— Nota sobre Augusto dos Anjos, de Manoel Bandeira.	— Verso de luz, de Aires de Mota Machado Filho.
PAGINA 232:	— Galeria de nomes ilustres.
— Nota de um visitante, de Augusto dos Anjos.	PAGINA 234:
— Um livro inexistente, de Agripino Grieco.	— Dois poemas de Múcio Leão.
— "Eu", de Augusto dos Anjos, de Mário José de Almeida.	— Sugestões brasileiras de Olinda, de Gilberto Freyre.
PAGINA 233:	— Memórias da Academia.
— A lha de Chicago, de Augusto dos Anjos.	— A árvore da serra, de Augusto dos Anjos.

O POETA DA MORTE - ANTONIO TUNES

Não venho falar de Baudelaire nem de "Correspondance". O poeta da Morte a que me refiro é bem outro.

É um brasileiro, nascido a sombra dos buritanaes da Paraíba e falecido há pouco nas montanhas bruxas de Minas. Faleceu em agosto dos Anjos.

É um poeta estranho, "suave" no Brasil.

Escreve ainda muito distante da perfeição, da "curiosidade", sem a qual é impossível existir qualquer obra de arte. Ele propõe a o primeiro a reconhecer. As suas ideias eram sempre grandes, mas nem sempre a palavra, nem sempre a expressão correspondia à grandezca do seu pensamento. Daí, a falta de homogeneidade na sua obra poética, que consiste toda no seu primeiro e unico livro "Eu", dado à estampa em 1912. Era uma fala preciosa, cheia de essência. A essência, porém, não podia correr abundante, dada a angústia do gargalo.

Não obstante, muitas vezes o que corria era realmente precioso. O poeta mais de uma vez, no seu livro, se queixa dessa dificuldade que experimenta a linguagem humana para exprimir certas ideias e certos sentimentos, cuja amplitude, correndo das profundezas do subconsciente em busca das clarezas objetivas, é obrigado a contrariar-se diante da estreiteza do Verbo e a recluir novamente para dentro de si mesmo e continuar no seu período de gestação no verbo mental. A ideia, diz ele,

Vem do conceito abstrato que a reconstrói.
Chega em seguida às cordas da lírica, táctica, ténue, molina requintada...

Quebra a força centrípeta que a lamarra,
Mas, da repente, quase morta,
No nublado da lingua paralisada

O mesmo sentimento de impotência verbal para exprimir a grande ideia que o atormentava está visível no soneto "O Martirio do Artista", em que, depois de descrever o seu tormento interior em busca da Beleza, tal como ele a entendia, remata com esta imagem:

Tenta chocar e os olhos sente
E como o paraltico que, à minhã
Da própria voz e, na que ardente
Febre de em vão falar, com os
Para falar, puxa e repuxa a lingua,
E não lhe vem à boca uma palavra

...Ele mesmo, pois, era o primeiro a reconhecer a dificuldade de fixar por a palavra a grandezca de uma ideia, portanto, a reconhecer também a imperfeição da sua obra.

O autor do "Eu" era um caso realmente curioso, quase dize, singular na literatura brasileira.

Senhor de uma cultura científica superior a sua idade e ao meio em que estudou; sabendo significar com elegância e brilho; possuindo uma alma verdadeira de poeta e de idealista; era um monista convencido, pelo menos no principio da sua vida. Via-se que a literatura demandada de Haeckel e Spencer deixara-lhe um sulco profundo na intelligencia.

No mundo ele via sempre as combinações cósmicas, as alianças elementares, as conjunções cósmicas, as revoluções telúricas e siderais, o amálgama de todas as forças latentes do Universo, submetidas à fatalidade das leis físicas e biológicas e tendendo para a harmonia e unidade da Vida.

Em sete materialismo que ia

buscar os motivos da sua arte, fecundando-o com o seu idealismo tropical e vendo lutas e combates onde a ciência, através dos seus olhos autoritários, descobre apenas leis, principios, fórmulas e equações.

Nem sempre o seu amor à "realidade" aparente dos fenômenos lhe dava as expressões mais felizes. Mais de uma vez o seu materialismo o fez deslizar inconscientemente em expressões brutais e imagens rebarbaticas, por vezes absolutamente intoleráveis. Não as apontarei.

Entendo que a critica não deve ser confundida com os gabinetes de anatomia, nem foi feita para ostentar monstruosidades. A sua missão é apontar para a Beleza, cultivando o heroísmo daqueles que subvertem em um meio ingrato e inhóspito como o nosso, em que os gelos polares da indiferença, quando não as garrochas do sarcasmo, são o galardão que obtem os que nasceram marcados pela fatalidade dos sonhos e das observações. Critica sistemáticamente demolidora façam-na os hepáticos, os hipochondrícos, os invejosos e os despeitados.

O que torna extremamente destacado no seu meio este poeta é a ausência absoluta da telca erótica n.º orgão magnifico da sua inspiração. Não cria no amor. Por isso não o decantava. Fenômeno inexplícavel num homem nascido sob as ardências do nosso clima bárbaro e numa terra em que o amor é a nota predileta da musa indígena.

Não que se deca condonar a poesia nacional por isso, uma vez que o amor ainda persiste em ser a aspiração máxima do homem, na sua busca incessante das "afinidades eletivas" para perpetuar-se na espécie. Mas a verdade é que, como observa Sully-Prudhomme no seu "Testament poétique", já antes de nós tantos outros toem cantado esse motivo da amor, que é difícil produzir criações dignas de nota em tal assunto. Desde que o lirismo despontou no Hellade, pelas idades remotas em que tentava os seus primeiros passos com os trenos, peans e himeneus, desde esses tempos anteriores a Píndaro, até hoje, a humanidade canta as dores produzidas pelo espinho de que falou Theocrito. E como essas dores são sempre as mesmas, a inspiração não muda.

Restavam aos poetas outros motivos de arte: Deus e o mundo, o primeiro com as suas sugestões místicas e sombrias, o segundo com os seus deslumbramentos pagãos.

Deus já foi suficientemente cantado em todos os tons pelos místicos, pelos simbolistas, pelos decadentes, pelos próprios líricos. O mundo tem sido cantado, mas nos seus aspectos exteriores, nos seus fulgores superficiais, no brilho dos astros (com excepção da lua, que essa é sempre pádua, como os treponemas), na verdade das selvas, no azul dos mares, no multicolorido das flores, na monotonia sempre nova das formas femininas... Era preciso captar-lo agora nas suas lutas interiores, animando os combates dramáticos da sua evolução orgânica da mesma forma que se dera uma vida e um corpo de imagens nos dramas do coração. Daí, dessa descrença em relação a Deus e dessa saciedade em relação ao amor, nasceu uma nova forma de arte, uma nova modalidade de poesia, que, na França, elevou tão alto Sully Prudhomme, e que, no Brasil, teve êxito, sonoro mas transitório como todos os ecos, na inspiração científica do sr. Augusto de Lima.

Ora, Augusto dos Anjos, que, segundo parece, não cria em Deus, pelo menos como o entendem os teólogos, só podia cantar a matéria, idealizando-a, revelando-a sob uma sábia, rutilante e sonora combinação de palavras tão bem ritmadas que adquiriram cor e movimento.

Dirão talvez que a sua filosofia era avulzada, que ele era um secretário de Haeckel e de Spencer, quando há tanta coisa nova e digna de ser decantada. Mas a verdade é que parece certo que ela existe nas teorias evolucionistas não tem idade. Não empolhece nunca. E eu não sei qual será mais novo: se um poeta que canta os velhos símbolos clássicos ou românticos, ou se um outro que decanta os símbolos que a ciência descobriu, há uns cinquenta anos. Desde que Lamarck, Buchner, Haeckel, Spencer, Darwin e outros da mesma escola estabeleceram as bases sólidas as suas teorias, até hoje, ainda não surgiram nenhum rumo novo oportuno aos estetas, aos criticos e aos pensadores pelos homens da ciência de observação e experimentação. Pelo contrário, o que se vê são tentativas para galvanizar a metafísica, feitas por filósofos de salão, como Gerhard Hauptmann, qualificados há pouco tempo o sr. Henry Bergson, cujas obras, graças a Deus, acabam de ser postas no Índice pela respectiva Congregação. Praza aos céus que a condenação nominal da "Matéria e Memória", "Dados indiatos da consciência" e "Evolução criadora" não sirvam de reclamação para o seu intoleravel autor...

Augusto dos Anjos era um "monista-evolucionista-transformatista".

Sou uma sombra! Venho de outras eras,
Do cosmopolitismo das monedas,
Polipo de recônditas reintrâncias,
Larva do chaos telúrico, procedo
Da escuridão do cósmico segredo,
Da substância de todas as substâncias.

A simbiose das cousas me equilibra,
Em minha ignota monada, amplexa,
A alma dos movimentos rotatórios,
E é de mim que decorrem, simultaneamente,
A saúde das forças subterráneas,
E a morbidez dos ares ilustres!

Mais adiante, num belo terceto final, reconhece a unidade substancial do Universo:

Rasgo dos mundos o veiaro espesso,
E em tudo, igual a Goethe, recupero
O império da substância universal.

No "Último Credo", a sua profissão de fé evolucionista é insofismavel:

Creio, como o filósofo mais crente,
Na generalidade decrecente
Com que a substância cósmica evolue...

Creio, perante a evolução imensa,
Que o homem universal de amanhã vença,
O homem particular que os outros têm ful-

E, todavia, seria engano manifesto supor que este poeta, por ser materialista em filosofia, fosse materialista nos sentimentos. Era um idealista na mais nobre, na mais vibrante e, digamos, na mais dramática accepção do vocábulo. Só quem o conheceu pessoalmente é que pode, sob este aspecto, julgá-lo com absoluta isenção de ânimo.

Magro, de uma magreza accética, que lhe dava ao corpo uma aparência por assim dizer fluida; como ele próprio confessava num soneto,

...levando apenas na tumba
de uma honestidade sem limites; de uma pureza que, neste país e nestes tempos, devia ser vibrada aos quatro ventos da terra em clarinadas triunfais por trombetas de prata; incapaz de tergiversar manhosamente no cumprimento de um dever individual, civico ou doméstico: inacessível, impermeável às sugestões da lisonja, que atira, que passiva; nunca se dando ao desporto detestavel de atalassar a reputação literária ou particular dos seus confrades que entre nós, infelizmente, é tão comum nas periódicas campanhas literárias; jamais descendo, na palestra, a cases abandonos durante os quais as palavras, em trajes menores, correm rápidas como dardos e esfusiam como coriscos; bom e leal companheiro na amizade, simples, modesto, recatado, era um tipo de admiráveis virtudes individuais. Era materialista pela cultura; idealista por temperamento.

Ora, cada vez mais nós nos devemos convencer de que a Arte é "a natureza vista através de um temperamento".

Opinião esta já bem antiga, porque Virgílio, nas "Georgicas", no principio daquelle tão encantador livro IV, em que nos pinta a vida das abelhas como nunca o fará Maeterlinck, já reconhecia que o assunto do poema pode ser humilde; o que importa à glória do poeta é que ele tenha a inspiração apolínea:

In tenui labor; at tenuis non gloria, siquem
Numina leva sinunt auditque
[vocatut Apollo...]

E assim que ele, o monista violento e por vezes brutal, sem sombra de necessidade, diz nos "Gêmitos de Arte":

Mas a carne é que é humana. A alma é divina
Dorme num leito de feridas,
O lodo, palpaa a úlcera cancerosa,
Beija a peçonha e não se contém amina.

Nota-se-lhe, então, algumas estrofas adiante, o desprezo pelas realidades chatas, embora inevitáveis, da existência:

Barulho de mandíbulas e abdo-
mens!
E vem-me, com um desprezo
Uma vontade absurda de ser
Para sacrificar-me pelos he-
mens!

As suas perambulações intermundiais deixavam-no insatisfeito. Era insaciavel o seu desejo de ascensão. A sua vibrátil sensibilidade cada vez mais o distanciava do mundo que ele habitava. Quería subir, subir sempre, de mundo em mundo, num incessante "quodare superiorum", como Santo Agostinho, contemplando as estrelas numa praia aromada do Mediterrâneo:

Vestido de hidrogênio incandescente,
Vaguel um século, improficuamente,
Pelos monotônias siderais...

Subi talvez às máximas alturas,
Mas se hoje volto assim, com a alma às escuras,
É necessario que inda eu suba fmal!

Era um fumélico da luz insuperavel, das vastas amplitudes iluminadas, de onde não se enxerga a chatice material da vida ordinária. Não queria ver os maravilhas e os rebarbas da existência. Trazia dentro de si um sonho interior tão grande, que só queria descortinar os amplos horizontes que os miopes da ordem sentimental apa-

recem longínquos e vagamente esfumados. E' o que ele confessava nas "Questões noturnas":

Como um ladrão sentado numa
Espera alguém, armado de ar-
na ansia incoercível de roubar a
Estou à espera de que o sol des-

As minhas roupas quero até
Quero, arrancado das prisões
Viver na luz dos astros incoercíveis
Abraçado com todas as estre-

Observei desde principio que
este poeta era inacessível a
inspiração crítica. Era isto, pa-
rece-me, efeito do seu pessimis-
mo substancial. O mesmo pes-
simismo leopoldiano, de quem
como o poeta de Recanati, nas-
ceu trazendo dentro em si, não
a força da Vida, mas os germes
deletores da Morte; o mes-
mo pessimismo que o fazia des-
testar a Vida, como é fácil ver-
ificar compulsando o seu livro,
fazia-o também ter pelo "amor"
o mais profundo desprezo. Era
natural. E' pelo amor que se
perpetua a Vida; logo, deve des-
testar o primeiro, que é um
"meio", quem detesta a segun-
da, que é um "fim". Era per-
feitamente lógico.

Por duas ou três vezes que se
toca no assunto é para proclama-
r o seu supremo desprezo
não tanto pelo sentimento co-
mo pela sensação, penso eu:

Falás de amor, e eu ouço tudo
O amor da Humanidade é uma
E' E é por isso que na minha
De amores futeis poucas vezes
O amor! Quando virei por fim
Quando, se o amor que a Huma-
E' o amor do sibirita e da he-
De Messalina e de Sardanápalo?

Quis saber que era o amor por
E hoje que, enfim, conheço o
Podera eu ter, eu que idotario
Todas as ciências menos esta

Materialismo brutal. Não.
Enganam-se. Ainda aqui, mais
uma vez, tocam a rebate todas
as campanas do seu acrisolado
idealismo. O que ele detestava
acima de tudo era o que ele
chamava os "amores futeis".
Quería o amor impossível, o
sentimento puro, espiritual,
fluido, étéreo, imarcescível, que
para ele era

... "a transubstanciação de in-
Imponderabilíssima e impalpá-
Que anda acima da carne mi-
Como anda a garça acima das

Eis por que lhe chamo "poeta
da morte", porque não amava a
Vida nem o Amor. Estava na
seu direito, ou melhor, na sua
fatalidade.

Quero, entretanto, antes de
concluir este artigo, oferecer à
gente ledora dois sonetos do
poeta pouco conhecidos. O pri-
meiro em que ele idealiza e es-
piritualiza tão encantadora-
mente as forças universais, é o
seguinte, por ele intitulado "La-
mento das cousas":

Triste, a escutar, pancada por
A sucessibilidade dos segun-
Ouço em sons subterrâneos, do
O choro da Energia abando-

Triste, a escutar, pancada por
A sucessibilidade dos segun-
Ouço em sons subterrâneos, do
O choro da Energia abando-

recem longínquos e vagamente esfumados. E' o que ele confessava nas "Questões noturnas":

Como um ladrão sentado numa
Espera alguém, armado de ar-
na ansia incoercível de roubar a
Estou à espera de que o sol des-

As minhas roupas quero até
Quero, arrancado das prisões
Viver na luz dos astros incoercíveis
Abraçado com todas as estre-

Observei desde principio que
este poeta era inacessível a
inspiração crítica. Era isto, pa-
rece-me, efeito do seu pessimis-
mo substancial. O mesmo pes-
simismo leopoldiano, de quem
como o poeta de Recanati, nas-
ceu trazendo dentro em si, não
a força da Vida, mas os germes
deletores da Morte; o mes-
mo pessimismo que o fazia des-
testar a Vida, como é fácil ver-
ificar compulsando o seu livro,
fazia-o também ter pelo "amor"
o mais profundo desprezo. Era
natural. E' pelo amor que se
perpetua a Vida; logo, deve des-
testar o primeiro, que é um
"meio", quem detesta a segun-
da, que é um "fim". Era per-
feitamente lógico.

Por duas ou três vezes que se
toca no assunto é para proclama-
r o seu supremo desprezo
não tanto pelo sentimento co-
mo pela sensação, penso eu:

Falás de amor, e eu ouço tudo
O amor da Humanidade é uma
E' E é por isso que na minha
De amores futeis poucas vezes
O amor! Quando virei por fim
Quando, se o amor que a Huma-
E' o amor do sibirita e da he-
De Messalina e de Sardanápalo?

Quis saber que era o amor por
E hoje que, enfim, conheço o
Podera eu ter, eu que idotario
Todas as ciências menos esta

Materialismo brutal. Não.
Enganam-se. Ainda aqui, mais
uma vez, tocam a rebate todas
as campanas do seu acrisolado
idealismo. O que ele detestava
acima de tudo era o que ele
chamava os "amores futeis".
Quería o amor impossível, o
sentimento puro, espiritual,
fluido, étéreo, imarcescível, que
para ele era

... "a transubstanciação de in-
Imponderabilíssima e impalpá-
Que anda acima da carne mi-
Como anda a garça acima das

Eis por que lhe chamo "poeta
da morte", porque não amava a
Vida nem o Amor. Estava na
seu direito, ou melhor, na sua
fatalidade.

Quero, entretanto, antes de
concluir este artigo, oferecer à
gente ledora dois sonetos do
poeta pouco conhecidos. O pri-
meiro em que ele idealiza e es-
piritualiza tão encantadora-
mente as forças universais, é o
seguinte, por ele intitulado "La-
mento das cousas":

Triste, a escutar, pancada por
A sucessibilidade dos segun-
Ouço em sons subterrâneos, do
O choro da Energia abando-

Triste, a escutar, pancada por
A sucessibilidade dos segun-
Ouço em sons subterrâneos, do
O choro da Energia abando-

RE-LEITURA DO "EU"

(Especial para "Autores e Livros")

D. MILANO

E' a dor da força desaproveitada,
O cantochão dos dinamos profundos,
Que, podendo mover milhões de mundos
Jazem ainda na estatica do Nada.

E' o soluço da forma ainda imprecisa,
Da transcendência que se não realiza,
Da luz que não chegou a ser lampejo.

E', em suma, o subconsciente aliformidante
Da natureza que parou chorando
No rudimentarismo do desejo!

O segundo soneto que citarei,
e será o derradeiro, chama-se "último Número". Fê-lo o poeta pouco antes da sua morte. É um soneto cabalístico, não há negá-lo. É sibilino. Que será o "último número"? Será a última vibração do seu ser em prol da Beleza? Será o último transporte das suas faculdades em direção à sua companheira de todos os dias — a Poesia? Será a sua derradeira aspiração a objetivar na angústia de uma estrofe todo o infinito que ele trazia dentro de si? Pode não ser nada disso e pode ser tudo isso ao mesmo tempo... Enquanto ao soneto, ei-lo aqui:

Hora da minha morte. Hirta, ao meu lado,
A Ideia estertorava-se... No fundo
Do meu entendimento moribundo
Jazia o Último Número cansado.

Era de vê-lo, imóvel, resignado,
Tragicamente de si mesmo torcendo,
Fora da sucessão, estranho ao mundo,
Como o reflexo fúnebre do lúcriado!

Brádel: — Que fazes ainda no meu crânio!
E o Último Número, atro e subterrâneo,
Parecia dizer-me: "E tarde, amigo!

Pois que a minha autogênita Grandeza
Nunca vibrou em tua língua impressa,
Não te abandono mais! Morro teonigo!

Concluamos. O que Augusto dos Anjos deixou publicado é imperfeito e pouco. Entretanto, é preciso reconhecer que há, no meio de todas as imperfeições da sua obra, extraordinárias belezas. Ele valia sobretudo pelo que era: uma revelação de artista pouco comum num meio inhóspito. Quanto à quantidade, não são os muitos livros ou calhamaças de um homem de letras que lhe dão direito à estima e ao respeito dos seus pares, mas a qualidade da sua inspiração e do seu idealismo, a sua probidade literária e o seu amor ao trabalho. E a este respeito não nos esqueçamos de que para a Academia das Letras tem entrado singulares homens de letras que nem sequer são "unius libri"...

Quanto às suas imperfeições, não percamos de vista que ele acaba de morrer na flor da idade e sem ter tido vapores para expungir os seus versos dos defeitos inevitáveis num primeiro livro. Depois, nem sempre a perfeição marmórea dos versos é suficiente para consagrar um artista. Uma composição poética pode ser um primor de métrica e versificação e não ter sombra de poesia. E' o que sucede inúmeras vezes a Leconte de Lisle, por exemplo, e a multíssimos outros poetas franceses, dos quais diz Sully Prudhomme que aparecem com extraordinária precocidade, revelando-se conhecedores das mais secretas astúcias da versificação, conhecendo à maravilha o seu ofício, em suma, virtuosos consumados, e, entretanto, alheios à verdadeira arte: e isto, remata o grande pensador poeta, porque entre eles o número dos habéis excede de muito o número dos realmente inspirados.

Novembro de 1914.

Augusto dos Anjos é, perdoem-se o uso dessa palavra que já caiu no domínio da gira radiofônica, um poeta "diferente". Obscuro pelo próprio eu, como que existiu num clima diverso, estratosférico, onde se desenvolveu a sua originalíssima personalidade, à maneira da vegetação que sobrevive nas grandes altitudes, refrangida ao ambiente hostil, dura, espessada deformada no seu crescimento. Daí a angústia do estilo contorcido e o esforço concentrado com que o poeta exprime as suas idéias que caem "de incógnitas criptas misteriosas, como as asfálticas de uma gruta", "quebram a força centripeta que as amarra" e por fim esbarram "no mulambo da língua paralisada".

Há uma força estranha no seu verso, a qual provem da rigidez de sua métrica, que não permitia a menor frouzidão no verso, nem o escorregar suave de um hiato, cujo efeito tão grato à índole de nossa língua nem os próprios parnasianos desprezaram. Nenhuma variedade no ritmo e sempre a dura, fatal cisão. De todos os poetas que li e reli, — tantos — só um encontrei que também nunca largava a tesoura para cortar a cabecinha das inocentes vogais que às vezes queriam brincar-lhe no decassilabo: o nobre Petrarca. Este, porém, sabiamente desfargava o assassino em versos melódicos. Augusto dos Anjos expunha sem disfarce a sua dureza:

Sobe-me à boca uma ansia análoga à ansia...
Morde-me a guela igneo e escaldante molho...
Vence o granito deprimido-o. O espanto...
Pego de um fósforo. Olho-o. Olho-o atida. Risco-o...

Submetta-se, com obediência quase monástica, a uma métrica rígida, no entanto rígida por uma cadência excessivamente musical a ponto de se tornar monótona, deixando transparecer o segredo da sua fabricação, que consistia no apoio uniforme do acento tônico na sexta sílaba e no abuso elegante do estruço que imiscuido ao verso lhe dá uma maisabildade exagerada, — sem falar no martelar perene e invariável do ritmo decassilabo. Exemplos entre mil:

No espasmo fisiológico da fome...
O cuspo afrodisíaco das fêmeas...
Fazendo ultra-epitéticos esforços...
Trovejando grandiloquos massacres...

E assim incontavelmente por todo o livro, com uma ressonância fatídica, uma trágica elegância de esqueleto, ou como um paralisado que faz questão de parecer que pisa com desembaraço.

No entanto Augusto dos Anjos possuía uma voz poderosa, e a proporção que o leitor se afunda em seus tetricos poemas sentisse subjogado pela sinceridade da sua desgraça e da sua dor, aquela terrível "dor do pensamento" a que se refere Antero de Quental, que transpõe os limites humanos e é quase cósmica, entre urros de mundos paridos. E-se obrigado a gostar, por imposição do verso que não admite réplicas, brutal.

Mas no fundo sente-se uma espécie de repulsa por esse ambiente patético. O sentido de solidariedade social, de simpatia humana, impresso na consciência do homem moderno, recusa esse super-individualismo romântico do autor do "Eu", esse pessimismo depreciativo, esse ódio ao amor das companhias ideais da vida, esse nojo até do alimento que nos sustenta, essa auto-análise, essa auto-dissociação que trai uma doentia, uma sublimada auto-admiração. Seu pessimismo não nos conpece, sua filosófica atitude superior nos parece pouco fundada e um tanto provinciana, sua ostentação de cientifismo tão ingênua quanto o deslumbramento dos futuristas de há vinte anos, diante dos progressos materiais do século. O estupor e a angústia do poeta ante a podridão de um corpo morto, não nos parece científica, nem filosófica, nem poética. A impressão que se tem é a de que no seu tempo a ciência estava muito atrasada. Operava-se sem assepsia, parece. Um cadáver não era olhado pelo estudante (no caso o poeta) como "uma peça anatômica, mas como um fantasma aterrador.

Nenhuma previsão do futuro, nenhuma compreensão das lutas dos homens que iriam culminar numa guerra homérica, nenhuma complacência com os destinos da humanidade nesse livro egoísta e singular. Era o homem que vivia em si mesmo, preocupado só consigo, e como em todos os casos em que o eu subsidente se mete a atrapalhar a compreensão da vida, seus problemas também para ele próprio ficaram insolúveis. Vejamo-lo sofrer:

PSICOLOGIA DE UM VENCIDO

Ea, filho do carbono e do amoníaco,
Monstro de escuridão e rutilância,
Sofro, desde a epigenese da infância,
A influência má dos signos do zodíaco.

Profundíssimamente hipocondríaco,
Este ambiente me causa repugnância...
Sobe-me à boca uma ansia análoga à ansia
Que se escapa da boca de um cardíaco.

Já o verme — este operário das ruínas —
Que o sangue podre das carnificinas
Come, e à vida em geral declara guerra,

Anda a espertar meus olhos para roê-los,
E há de deixar-me apenas os cabelos,
Na frialdade inorgânica da terra.

Ainda não basta. O poeta vai sofrer mais, com orgulho, com nobreza, sem se entregar a inúteis lamentos:

HINO A' DOR

Dor, saude dos seres que se fanam,
Riqueza da alma, psiquico tesouro,
Alegria das glândulas do choro
De onde todas as lágrimas emanam...

E's suprema! Os meus átomos se ufanam
De pertencer-te, oh! Dor, ancoradouro
Dos desgraçados, sol do cérebro, ouro
De que as próprias desgraças se engalanam;

Sou teu amante! Ardo em teu corpo abstrato.
Com os corpúsculos mágicos do tato
Frendo a orquestra de chamas que executas...

E, assim, sem convulsão que me atorece,
Minha maior ventura é estar de posse
De tuas claridades absolutas!

Depois de Antero de Quental, e Antonio Nobre, sendo que inferior em gênio e alma, nenhum outro poeta em nossa língua teve tanta audácia em mostrar ao público as suas chagas íntimas:

O POETA DO HEDIONDO

Sofro aceleradíssimas pancadões
No coração. Ataca-me a existência
A mortificadora coalescência
Das desgraças humanas congregadas!

Em alucinatórias cavalgadas,
Eu sinto, então, sondando-me a consciência,
A ultra-inquisitorial clarividência
De todas as neuromas acordadas!

Quanto me dói no cérebro esta sonda!
Ah! Certamente eu sou a mais hedionda...
Generalização do Desconforto...

Eu sou aquele que ficou sozinho
Cantando sobre os ossos do caminho
A poesia de tudo quanto é morte.

Conforme se vê, seu verso era um martelo com que ele batia no próprio crânio, tirando sons estranhos, de um tom igual e percurado. Como se todos os seus versos (analisados em sua estrutura e musicalidade) não fossem senão um e o mesmo verso durante toda a vida repetido.

A alguns parecerá talvez importuna esta análise da obra de um poeta de cartas indiscutíveis. Julgaria talvez ninharías este exame minucioso da questão métrica. Porém estas meras questões de forma tem importância, tem demasiada importância, tratando-se de uma arte que através dos séculos — sem se tornando cada vez mais difícil, a arte da Poesia, — e que foi o meio de expressão por ele escolhido para dar corpo às suas idéias e sensações.

Correndo os olhos pelo "estudo" que Antonio Torres escreveu sobre o poeta, o qual vem em face da edição do "Eu" que tenho em mãos, colhi as seguintes frases:

"Não cria no amor".

"Era um monista — evolucionista — transformista".

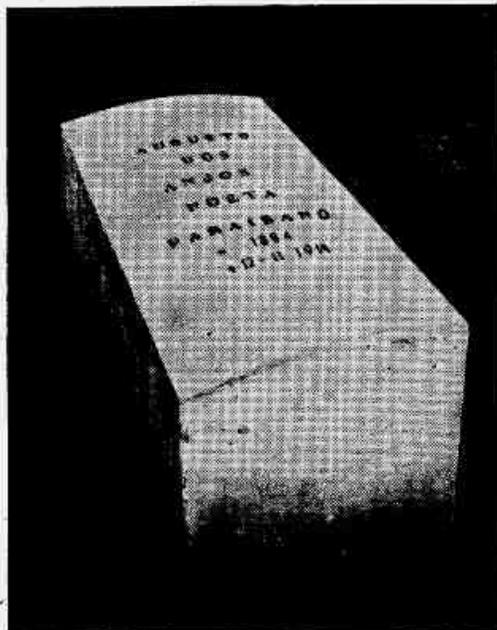
"O pessimismo que o fazia detestar a vida..."

E um "elogio" escrito por Orris Soares para a mesma edição:

"A que escola se filiou? A nenhuma".

— "Não raro começava os sonetos pelo último terceto".

Esta última anotação, que poderá parecer escandalosa e provocar algum sorrisozinho irônico, merece um comentário explicativo, para os leitores. Realmente, o soneto é uma forma arquitetural. Todo ele repousa sobre a base. Pode-se dizer que quem escreve um soneto tem sempre o último verso em mira. E não só o soneto. Toda poesia começa pelo fim. A composição de um poema é inteiramente arbitrária e não tem que obedecer a uma sequência lógica. Com o célebre verso: "Para tão longe amor tão curta vida", por exemplo, Camões poderia ter escrito dez sonetos diferentes daquele que escreveu, porque um verso assim não é o fim de uma composição mas o ponto de partida para muito pensar, sonhar e escrever.



TUMULO DE AUGUSTO DOS ANJOS, EM LEOPOLDINA

A poesia de Augusto dos Anjos,

MATER ORIGINALIS

*Forma vermicular desconhecida
Que estacionaste, misera e mojina,
Como quase impalpavel gelatina,
Nos estados prodrômicos da vida;*

*O microfante que leu a minha alma
ignorante e de que és, talvez, nascida
Dessa homogeneidade indefinida
Que o tizique Herbert Spencer nos ensina,*

*Nenhuma ignota união ou nenhuma nexo
A contingência orgânica do sexo
A tua estacionaria alma pecudou...*

*Ah! de ti foi que, autónoma e sem normas,
Oh! Mãe original das outras formas,
A minha forma lúmbre nasceu!*

SOLITÁRIO

Como um fantasma que se refugia
Na solidão da natureza morta,
Por trás dos ermos túmulos, um dia,
Eu fui refugiar-me à tua porta!

Fazia frio e o frio que fazia
Não era esse que a carne nos conforta...
Curtava assim como em cartilagem
O aço das facas incisivas corta!

Mas tu não vieste ver minha Desgraça!
E eu sei, como quem tudo repele,
— Velho caixão a carregar destroços —
Levando apenas na tumba carcaça
O pergaminho singular da pele
E o choacalho fatídico dos ossos

BUDISMO MODERNO

*Tome, Dr., esta tesoura, e... corte
Minha singularíssima pessoa,
Que importa a mim que a bicharia rou
Todo o meu coração, depois da morte!?*

*Ah! um urubú pensou na minha sorte!
Também das diatomáceas da lagoa
A criticadíssima capada se estroba
Ao contacto de bronca dextra tortel*

*Dissolva-se, portanto, minha vida
Igualmente a uma célula caída
Na aberração de um óculo infecundo;*

*Mas o agregado abstrato das saudades
Fique batendo nas perpétuas grades
Do último verso que eu fizier no mundo!*

SONHO DE UM MONISTA

Eu e o esqueleto esquelido do Eschylo
Viajavamos, com uma ânsia silarita,
Por todo a pro-dinâmica infinita,
Na inconsciência de um zoófito tranqüilo.

A verdade espantosa do Prothylo
Me aterrava, mas dentro da alma afrita
Via Deus — essa nómada esquista —
Coordenando e animando tudo aquilo!

E eu bendizia, com o esqueleto ao lado,
Na guturalidade do meu brado,
Alheio ao velho cálculo dos dias,

Com um pagão no altar de Proserpina,
A energia intra-cósmica divina
Que é o pai e é a mãe das outras energias!

DEBAIXO DO TAMARINDO

*No tempo de meu Pai, sob estes galhos,
Como uma vela fúnebre de cera,
Chorei bilhúca de vezes com a canseira
De inexorabilíssimos trabalhos!*

*Hoje, esta árvore, de amplos agasalhos,
Guarda, como uma caixa devotadora,
O passado da Flora Brasileira
E a palcontologia dos Carvalhos!*

*Quando pararem todos os relógios
Da minha vida, e a voz dos necrológios
Gritar nos noticiários que eu morri,*

*Voltando à pátria da homogeneidade,
Abraçada com a própria Eternidade
A minha sombra há de ficar aqui!*

O DEUS-VERME

Fator universal do transformismo,
Filho da teleológica matéria,
Na superabundância ou na miséria,
Verme — é o seu nome obscuro de batismo

Jamais emprega o acérrimo exorcismo
Em sua diária ocupação fúnebre,
E vive em contúbério com a bactéria,
Livro das roupas do antropomorfismo.

Almoça a podridão das drujas ágras,
Janta hidrópicos, roi visceras magras
E dos defuntos novos inclina a mão...

Ah! Para ele é que a carne pode ficar,
E no inventário da matéria rica
Cabe aos seus filhos a maior porção!

VERSOS A UM CÃO

*Que força pode, adstrita a embriões injermos,
Tua garganta estúpida arrancar
Do segredo da célula oxalor
Para latir nas solidões enormes!?*

*Esta obnóxia inconsciência, em que tu dormes,
Suficientíssima é para prozar
A incógnita alma, avocença e elemental,
Das teus antepassadas vermiformes.*

*Cão! — Alma de inferior rufoado errante!
Resignava, ampara-a, arriana-a, afoga-a, acode-a
A escala dos laidos ancestrais...*

*E irá assim, pelos séculos, adiante,
Latindo a esquisitíssima proscúria
Da angustia hereditária dos seus pais!*

SONETO

*Ao meu primeiro filho, nascido
morto com 7 meses incompletos.
— 2 Fevereiro 1911.*

Agregado infeliz de sangue e cal,
Fruto rubro de carne agonizante,
Filho da grande força recumbente
De minha brônzea neuronal,

Que poder embriológico fatal
Destruí, com a sinergia de um gigante,
Em tua morfogénese de infante
A minha morfogénese ancestral!?

Porção de minha plásmica substância,
Em que lugar irás passar a infância,
Tragicamente anónimo, a feder?...
Ah! Possas tu dormir, feto esquecido,
Panteisticamente dissolvido
Na noumenalidade do NÃO SER!

IDEALIZAÇÃO DA HUMANIDADE FUTURA

*Rugia nos meus centros cerebrais
A multidão dos séculos futuros
— Homem que a herança de ímpetos impuros
Tornara etnicamente irracionais! —*

*Não sei que livro, em letras garrafais,
Meus olhos liam! No humus dos monturos,
Realizavam-se os parias mais obscuros,
Dentre as genealogias animais!*

*Como quem esmigalha protozoários
Metil todos os dedos mercenários
Na consciência daquela multidão...*

*E, em vez de achar a luz que os Céus inflamam,
Somente achei moléculas de lama
E a mosca alegre da putrefação!*

O ÚLTIMO NÚMERO

Hora da minha morte. Hirta, ao meu lado,
A Idéia estertorava-se... No fundo
Do meu entendimento moribundo
Jazia o Último Número cansado.

Era de vé-lo, imóvel, resignado,
Tragicamente de si mesmo oriundo,
Fora da sucessão, estranho ao mundo,
Como o reflexo fúnebre do Incrariado.

Bradei: — Que fazes ainda no meu crâneo?
E o Último Número, atro e subterrâneo,
Parecia dizer-me: "E' tarde, amigo!"

Pois que a minha autogénita Grandexa
Nunca vibrou em tua língua presa,
Não te abandono mais! Morro contigo!

O LAZARO DA PATRIA

Filho podre de antigos Goitacazes,
Em qualquer parte onde a cabeça ponha,
Deixa circunferências de pegonha,
Marcas oriundas de úlceras e antrazes.

Todos os cinocéfalos vorazes
Cheiram seu corpo. A noite, quando sonha,
Sente no torax a pressão melonha
Do bruto emite férreo das tenazes.

Mostra aos montes e aos rigidos rochedos
A bellonla elephantiasis dos dedos...
Há um cansaço no Cosmos... Anoiotece.

Ricm as meretrizes no Cassino,
E o lazaro caminha em seu destino
Para um fim que ele mesmo desconhece!

A IDEIA

*De onde ele vem?! De que matéria bruta
Fera essa luz que sobre as nebulosas
Cai de incógnitas criptas misteriosas
Como os estolacites duma gruta!*

*Vem da psicogénica e alta luta
Do feix de moléculas nervosas
Que, em desintegração maravilhosas,
Delibera, e, depois, quer e executa!*

*Vem do enéfalo absconso que a constringe,
Chega em seguida às cordas da laringe,
Tisca, ténue, mísera, rapitica...*

*Quebra a força centrífuga que a amarra,
Mas, de repente, e quase morta, esbarra
No mulambo da língua paralitica!*

PSICOLOGIA DE UM VENCIDO

Eu, filho do carlono e do amontaco,
Monstro de escuridão e rutilância,
Sofro, desde as epigénese da infância,
A influência má dos signos do zodiaco.

Profundissimamente hipocondríaco,
Este ambiente me causa repugnância...
Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia
Que se escapa da boca de um cardíaco.

Já o verme — este operário das ruínas —
Que o sangue podre das carnicíficas
Come, e à vida em geral declara guerra.

Ânsia a espreitar meus olhos para roé-los,
E há-de deixar-me apenas os cabelos,
Na frialdade inorgênica da terra!

O MORCEGO

*Meia noite. Ao meu quarto me recolho.
Meus Deus! E este morcego! E, agora, vêde:
Na bruta arácnica orgânica da sede,
Moade-me a gula ignea e escaldante molho.*

*"Vou mandar levantar outra parede..."
— Digo. Ergo-me a tremer. Fecho o ferrolho
E olho o teto. E vejo-o ainda, igual a um olho,
Circularmente sobre a minha rede!*

*Fego de um pau. Esforços faço. Chego
A tocá-lo. Minha alma se concentra,
Que ventre produzim tão feio parto!?*

*A Consciência Humana é este morcego!
Por mais que a gente faça, à noite, do entra
Imperceptivelmente em nosso quarto,*

AGONIA DE UM FILÓSOFO

Consulto o P'thah-Hotep, Leão o obsoleto
Rig-Veda, E, ante obras tais, me não consolo...
O Inconciente me assombra e eu nele rola
Com a sóla fúria do harmatan inquieto!

Assisto agora à morte de um inseto!...
Ah! todos os fenómenos do solo
Parecem realizar de polo a polo
O ideal de Anaximandro de Mileto!

No hierático arcaísmo heterogéneo
Das idéias, pereço como um génio
Desde a alma de Haeckel à alma cenobial!...

Rasgo dos mundos o velário espesso;
E em tudo, igual a Goethe, reconheço
O império da substância universal!

em alguns sonetos do «Eu»

O LUPANAR

Ah! Por que monstruosíssimo motivo
Preferiram para sempre, nesta rede,
Dentro do ângulo diédrico da parede,
A alma do homem polígamo e lascivo?!

Este lugar, noção do mundo, vede:
É a grande bebedouros coletivo,
Onde os bundalhos, como um gado vivo,
Todas as noites veem matar a sede!

É a agradável leito da helairismo,
A antecâmara lúbrica do abismo,
Em que é mister que a gênero humano entre,

Quando a promiscuidade aterradora
Matar a última força geradora
E comer o último orvalho do ventral

IDEALISMO

Falas de amor, e eu ouço tudo e calo!
O amor na Humanidade é uma mentira.
E é por isto que na Humanidade inspiro
De amores fúteis poucas vezes falo.

O amor! Quando virei por fim a amá-lo?!
Quando, se o amor que a Humanidade inspira
É o amor do subrita e da hetaira,
De Messalina e de Sardanápalo?!

Pois é mister que, para o amor sagrado,
O mundo fuja imaterializado
— Alavanca desviada do seu fulcro —

E haja só amizade verdadeira
Duma caveira para outra caveira,
Da meu sepulcro para o seu sepulcro?!

ÚLTIMO CREDO

Como ami o homem adúltero e o adultério
E a ébrio a garrafa tóxica de rum,
Amo o covete — este ladrão comum,
Que arrasta a gente para o cemitério!

É o transcendentalíssimo mistério!
E o mais, é o incenso, é o ego sum qui sum,
E a morte, é esse danado número Um
Que matau Cristo e que matau Tibério!

Creio, como a filósofa mais crente,
Na generalidade desreventado
Com que a substância cósmica evolue...

Creio, perante a evolução imensa,
Que a homem universal de amanhã venço
O homem particular que eu ontem fui!

O CAIXÃO FANTÁSTICO

Cêlere in o caixão, e, nele, inclusa,
Cinzas, caixas cranianas, cartilagens
Orindas, como os sonhos dos selvagens
De aberratórias abstrações abstrusas!

Nesse caixão iam talvez as Musas,
Talvez meu Pai! Hoffmannianas visagens
Enchiam meu encefalo de imagens
As mais contraditórias e confusas!

A energia monística do Mundo,
À meia noite, penetra fundo
No meu fenomenal cérebro cheio...

Há tarde! Fazia muito frio,
Na rua apenas o cenário sombrio
La continuando o seu passeio!

SOLILÓQUIO DE UM VISIONÁRIO

Para distinguir o labirinto
Do velho e metafísico Mistério,
Comi meus olhos crus no cemitério,
Nunca antropologia de laminto!

A digestão desse manjar líndico
Turnado talvez transformou-me o instinto
De humanas impressões visuais que eu sinto,
Nos divinas visões de incógnita éterico!

Vestido de hidrógeno incandescente,
Vaguei num século, imprudicamente,
Pelos monotónias siderais...

Subi talvez às máximas alturas,
Mas, se hoje volto assim, com a alma de escuros,
É necessário que ainda eu suba mais!

A UM CARNEIRO MORTO

Misericórdiosíssimo carneiro
Esquartejado, a maldição de Pio
Décimo caía em teu alçoz sombrio
E em todo aquele que for seu herdeiro!

Maldito seja o mercador vadio
Que te vender as carnes por dinheiro,
Pois, tua lá aquece o mundo inteiro
E guarila as carnes dos que estão com frio!

Quando a faca rugeu no teu pescoço,
Ao monstro que espremeu teu sangue grosso
Teus olhos — fontes de perdão — perdoaram!

Oh! tu que no Perdão eu simbolizo,
Se fosses Deus, no Dia de Juízo,
Talvez perdoasses os que te mataram!

DECADENCIA

Ignais às linhas perpendiculares
Corram, como cruéis e horridas hastas,
Nas suas 33 vértebras juntas
Quase todas as pedras tumulares!

A frialdade dos círculos polares
Em sucessivas atuições nelastas,
Penetraram-lhe as próprias neuroplastas,
Estregaram-lhe as centras medulares?

Como quem quebra o objeto mais querido
E começa a apalhar piedosamente
Todas as microscópicas partículas,

Ele hoje vê que, após tudo perdido,
Só lhe restam agora o último dentr
E a ornação funerária das clavículas!

RICORDANZA DELLA MIA GIOVENTÙ

A minha ana de leite Guilhermina
Furtava as moedas que o Doutor me dava.
Sinhá-Mocinha, minha Mãe, ralhava...
Via naquilo a minha própria ruína!

Minha ana, então, hipócrita, afetava
Susceptibilidades de menina:
— Não, não fora ela! — E multizava a sina,
Que ela absolutamente não furtava.

Vejo, entretanto, agora, em minha cama,
Que a mim somente caise o furto feito...
Tu só furtaste a moeda, o ouro que brilha...

Furtaste a moeda só, mas eu, minha ana,
Eu furti mais, porque furti o peito
Que dava leite para a tua filha!

A UM MASCARADO

Rasga esta máscara ótima de seda
E abra-a à arca ancestral dos palimpsestos...
É noite, e, à noite, a escândalos e incestos
É natural que o instinto humano aceda!

Sem que te arranquem da garganta queda
A interjeição danada dos protestos,
Hás de engulir, igual a um porco, os restos
Duma comila horrivelmente azeda!

A sucessão de hebdômadas midonhas
Reduzirá os mundos que tu sonhas
Ao microcosmo do ovo primitivo...

É tu mesmo, após a árdua e atra rejego,
Terás somente uma vontade cega
E uma tendência obscura de ser víco!

VOZES DE UM TÚMULO

Morri! E a Terra — a mãe comum — o brilho
Destes meus olhos apagou!... Assim
Tantalo, aos reais convivas, num festim,
Serviu as carnes do seu próprio filho!

Por que para este cemitério vim?!
Por que?! Antes da vida o angusto trilho
Palhiillasse, do que este que palmilho
E que me assalure, porque não tem fim!

No arido do sonho que o ironia exalta
Construí de orgulho cneza pirâmide alta...
Hoje, porém, que se desmoronou

A pirâmide real do meu orgulho,
Hoje que apenas sou matéria e entulho
Tenho consciência de que nada sou!

DEPOIS DA ORGIA

O prazer que na orgia a hetaira goza
Produz no meu sensorium de lactante
O efeito de uma tónica brilhante
Colocando ampla apostema escrofulosa!

Troveja! E anelo ter, sófrega e ansiosa,
O sistema nervoso de um gigante
Para sofrer na minha carne estuante
A dor da força cósmica furiosa.

Aprás-me, enfim, despida a última alfala
Que ao comércio dos homens me traz praça,
Livre deste cadeado de pegonha,

Semelhante a um cachorro de atalaia
As decomposições da Natureza.
Ficar latindo minha dor medonha!

O LAMENTO DAS COUSAS

Triste, a escutar por pancada,
A sucessividade das segundos,
Ouço, em sons subterrâneos, do Orbe oriundos,
O choro da Energia abandonada!

É a dor da força desaproveitada
— O cantichão dos dinamos profundos,
Que, podendo mover milhões de mundos,
Jazem ainda na estática do Nada!

É a solução da forma ainda imprecisa...
Da transcendência que se não realiza...
Da luz que não chegou a ser lampejo...

É em suma, o sub-conciente ai formulando
Da Natureza que parou, chorando,
No rudimentarismo do Desejo!

O MEU NIRVANA

No abateamento da obscura forma humana,
De que, pensando, me desencarcero,
Fui que eu, num grito de emoção, sincero
Encontrei, afinal, o meu Nirvana!

Nessa nuanimissão schopenhauerana,
Onde a Vida do humano aspecto fero
Se desarraiga, eu, feito força, impeto
Na inanência da Idéia Soberana!

Destruida a sensação que oriunda fora
Do tato — iníqua antena aferidora
Destas tegumentárias mãos piebélicas —

Gozo o prazer, que os anos não caremem,
De haver trocado a minha forma de lúbrica
Pela imortalidade das Idéias!

CAPUT IMMORTALE

(Ad postum.)

Na dinâmica aziaga das descidas,
Aglomeradamente e em turbilhão
Solucem dentro do Universo anão,
Todas as veltes siderais vencidas!

Morra o eter. Cesse a luz. Parem os vidos...
Sobre a pan-cosmológica exaustiva
Reste apenas o acervo árido e vão
Das muscularidades conuvidas!

Ainda assim, a uninar o cosmos ermo,
Morta o comércio físico nefando,
Oh! Nauta aflito do Subliminal,

Como a última expressão do Dar sem termo,
Tua cabeça há-de ficar vibrando
Na nequitruidade universal!

APÓSTROFE A' CARNE

Quando eu pego nas carnes do meu rosto,
Pressinto o fim da orgânica batalha:
— Olhos que o himus nechóforo estraçalha,
Diágnams, decompondo-se, ao sol posto...

E o Homem — negro e heteróclito composto,
Onde a alma flutua psíquica tralha,
Desagrega-se e deixa na mortalha
O tato, a vista, o ouvido, o olfato e o gosto!

Carne, feixe de monádas bastardas,
Conquanto em flúmen fogo efêmero ardas,
A dardejar relampejantes brilhos.

Dói-me ver, muito enlora a alma te acorda,
Em tua podridão a herança horrenda.
Que eu tenho de deixar para os meus filhos!

O POETA DO "EU" — João Ribeiro

AUGUSTO DOS ANJOS foi um dos mais inspirados poetas da geração nova. Nasceu em 1884 e viveu, se se pode dizer que viveu, apenas vinte e nove anos, minados por cruel e terrível enfermidade.

Era de estranha catadura, de olhos cavos e profundos, extremamente magro, "faces recortadas, testa escalvada, o andar desapraxado, e de fisionomia onde erravam tons de catastrofes", assim o diz o biógrafo e prefaciador do livro dos versos — **EU** — do desditoso poeta. Contudo, inspirava grande simpatia.

Não era um egoísta, em um fútil ególatra, como poderiam indicar o título das suas poesias, e as suas atitudes intelectuais.

Era um doente que cantava a própria miséria do sofrimento sem esperança. Materialista, professava a filosofia do mais abstruso ateísmo.

Não acreditava em coisa alguma de superior às forças mecânicas e inconscientes que regem o universo.

Pertenciu a uma era que ainda está viva entre os nossos filósofos, ateus ou crentes, que tiram todas as suas idéias gerais do milímetro físico-químico, dessa mitologia mecânica, como a define o professor Mach. Ainda não passou esta febre, e os nossos filósofos de agora ignoram a agitação recente de Einstein, que ameaça o princípio newtoniano da gravitação e propõe a reforma das nossas idéias gerais quanto à vida universal.

E' grave... para filósofos que andam a pesquisar vellarias centonárias em principio de mineralização.

Como quer que seja, Augusto dos Anjos albeberara-se de teorias huxleyanas, falava de moneras, ontogênese e filogênese, e envenenava-se de todos os reticências ambientais.

O ciclo ainda não está perfeito, e cret-se com a mesma toleima.

Para essa pseudo-filosofia vinha a talho de foice a poesia de Baudelaire, sem náusea para as

podridões, amoral e profundamente insincera, pois que não se inspirava senão no escândalo, no bluff e em doentios reclamos.

Irritar a ingênua pacatez do vulgo era o simulado principio de serenidade de alguns dos últimos românticos. Nas terras portuguesas, Junqueiro e Gomes Leal não escaparam àquele influxo e nele fundaram muitas das suas fátuas declamações.

Augusto dos Anjos foi, todavia, um poeta de inspiração mista, de várias espécies: a poesia parnasiana, a baudelaireana, a científica, ou filosófica...

Era natural, pois, que procurasse inspiração no espetáculo dos lázaros, dos tísicos e epiléticos, nos cemitérios, nos morcegos, e nos vermes. O elenco desses temas prediletos define o livro, o autor e a sua estética.

Esta sim, e apesar de tudo, era poderosa e opulenta na errada inspiração dos seus versos.

Com um pouco de saliva cotidiana, Mostro meu nojo à Natureza humana, A podridão me serve de Evangelho...

Amo o esterco, os resíduos [rains dos quiosques]

E o animal inferior que urra [nos bosques]

E' com certeza meu irmão mais velho.

... Ai veni sujo, a coçar chagas [plcbeias]

Trazendo no deserto das idéias O desespero endêmico do inferno.

Co'a a cara hirta, tatuada de fulgências

Esse mineiro doudo das origens Que se chama o Filósofo [detrac.]

Que é para o poeta a Conciência? um morcego lígubre e incômodo que lhe vela as noites:

Meia noite. Ao meu quarto me [recolho.]

Meu Deus! E este morcego! [E, agora, vede:] Na bruta ardência orgânica da [sede,

Morde-me a guela igneo e escal- [dante molho.

"Vou mandar levantar outra [paredo...]

— Digo. Ergo-me a tremer. [Fecho o ferrolho

E olho o teto. E vejo-o ainda, [igual a um olho,

Circularmente sobre a minha [rede!]

Pego de um pau. Esforço faço. [Chego

A tocá-lo. Minha alma se con- [centra.

Que ventre produziu tão feio [parto?!

A Conciência Humana, é este [morcego!

Por mais que a gente faça, à [noite, ele entra

Imperceptivelmente em nosso [quarto!

A "Idéia", estilizada segundo o seu materialismo poético, é como misteriosa estalactite que pendente de ignotas grutas moleculares e que

Chega em seguida às cordas da [laringe,

Tísica, tênue, mínima, raquid- [tica...

Quebra a força centripeta que [a amarra,

Mas, de repente, e quase morta, [esburra

No nublamo da língua parali- [tica!

O pessimismo, a amargura, a dúvida e a desconsolação não parecem, entretanto, artificiais neste poeta que realmente muito sofreu! A sua fantasia, afinal, não é mais triste nem mais negra que a realidade.

Cheio de desventura e de desgostos, foi sem dúvida um momento de atroz angústia que ditou esses "Versos íntimos":

Vês?! Ninguém assistiu ao for- [midável

Enterro de tua última quimera:

Somente a Ingratidão — esta [pantera —

Foi tua companheira insepa- [trável!

Acostuma-te à lama que te es- [pera!

O Homem, que, nesta terra au- [seravel,

Mora entre feras, sente inevi- [tável

Necessidade de também ser fera.

Toma um fósforo. Acende teu [cigarro!

O beijo, amigo é a véspera do [escuro,

A mão que afaga é a mesma que [apedreja.

Se a alguém causa inda pena a [tua chaga,

Apedreja essa mão vil que te [afaga,

Escarra nessa boca que te beija!

O prefaciador do livro, sr. Orris Soares, alma de artista capaz da extrema simpatia com que acompanhou a vida do desditoso amigo, reuniu neste volume único, os versos completos de A. dos Anjos.

Datam de 1900 as suas relações de amizade:

"Feriu-me de chofre (diz ele) o seu tipo excêntrico de pássaro molhado, todo encolado nas asas com medo da chuva".

De um velho esguinho de açúcar à várzea do rio Una, descia o poeta adolescente a fazer exames na capital, e sempre os fazia brilhantes, com a admiração de mestre e de colegas que transformava em discípulos.

Fascinava os amigos pelas suas declamações. "A sua voz, na frase de Orris Soares, ganhava timbre especial, tornava-se metálica... A voz era tudo: possuía paixão, enternecimento, poder descritivo, movimento, cor e formas."

O seu melhor crítico acta que foram três os fatores essenciais da melancolia irredutível do poeta. Um deles, todo individual, foi a doença; a sua poesia é apenas a expressão mórbida da enfermidade incurável que lhe destruiu a vida.

Outro fator, o mesológico, como classifica Orris Soares; é um estado geral, resultante da origem triplíce da mescla brasileira: a tristeza do índio, o origem triplíce do índio, o "banzo" do africano, a "nostalgia" do imigrante, males atávicos. E' muito esquemática e demasiado apriorística, para ser acolhida sem contestação, essa hipótese.

Enfim, o último fator espiritual é a discordância entre o homem de letras e o público.

Em toda a parte, o idealismo pode dar-se por vítima da massa ignara e amiga de realizações práticas.

Parece-nos, pois, que a doença basta para explicar a excêntrica do poeta. A doença e o próprio artifício e as fraudes de imaginação, em que são fortes os melancólicos, explicam tudo o que não.

Não há jovialidade de raças homogenisadas nem tristeza de raças mestiças.

IMPARCIAL — 22-3-920

DOIS SONETOS DE AUGUSTO DOS ANJOS

A DANÇA DA PSYCHÉ

*A dança dos encefalos accesos
Começa. A carne é fogo. A alma arde. A espaços
As cabeças, as mãos, os pés e os braços
Tambam, cedendo à ação de ignotos pesos!*

*E' então que a vaga dos instintos pressos
— Mãe de esterilidades e conações —
Alva os pensamentos mais devassos
Contra os nossos crâneos indesejos.*

*Subitamente a cerebral corvêcia
Para. O cosmos sintético da Idéia
Surge. Emoções extraordinárias sinto...*

*Avanzo do meu crânio as nebulosas,
E acho um feixe de forças prodigiosas
Sustentando dois monstros: a alma e o instinto!*

O POETA DO HEDIONDO

*Sofro aceleradíssimas pancadas
No coração. Ataca-me a existência
A mortificadora consciência
Das desgraças humanas congregadas!*

*Em alucinatórias cavalgadas,
Eu sinto, então, sombando-me a consciência
A ultra-inquisitorial clarividência
De todas as neuroomas acordadas!*

*Quanto me dói no cérebro esta sonda!
Ah! Certamente eu sou a mais hedionda
Generalização do Desconforto...*

*Fu sou aquele que ficou sozinho
Cantando sobre os ossos do caminho
A poesia de tudo quanto é morto!*

BARCAROLA — Augusto dos Anjos

Cantam nautas, choram flautas
Pelo mar e, pelo mar
Uma serela a cantar
Vela o Destino dos nautas.

Epelham-se os esplendores
Do Céu, em reflexos, nas
Águas, fingindo cristais
Das mais deslumbrantes cores.

E em fulvos filões doirados
Cábi a luz dos astros por
Sobre o marítimo horror
Como globos estrelados.

Lá onde as rochas se assentam
Fulguram como outros sóis
Os flamívoros faróis
Que os navegantes orientam.

Val uma onda, vem outra onda
E, nesse eterno valvem,
Coitadas! não acham quem,
Quem as esconda, as esconda...

Alegoria tristonha
Do que pelo Mundo vai!
Se uma sonha e se ergue, outra
[cá:]
Se um cáe, outro se ergue e
[sonha.

Mas desgrabado do pobre
Que em meio da Vida cá!
Esse não volta, esse vai
Para o túmulo que o cobre.

Vagueia um poeta num barco
O Céu, de cima, a luzir
Como um diamante de Ophir
Imita a curva de um arco.

A Lua — globo de louça —
Surgiu, em lúcido véu.
Cantam! Os astros do Céu
Ouçam e a Lua Cheia ouça!

Ouca do alto a Lua Cheia
Que a serela vai falar...
Haja silêncio no mar
Para se ouvir a serela.

Que é que ela diz?! Será uma
História de amor feliz?
Não! O que a serela diz
Não é história nenhuma.

E' como um requiem profundo
De tristíssimos bemóis...
Sua voz é igual à voz
Das dores todas do mundo!

"Fecha-te nesse medonho
"Reduto da Maldição,
"Viajeiro da Extrema-Unção,
"Sonhador do último sonho!"

"Numa redoma illusória
"Cercoo-te a glória falas,
"Mas nunca mais, nunca mais
"Ha-de cercar-te essa glória!"

"Nunca mais! Sê, porém, forte,
"O poeta é como Jesus!
"Abraça-te à tua Cruz
"E anorre, poeta da Morte!"

— E disse e porque isto disse
O Juar no Céu se apagou.
Subito o barco tombou
Sem que o poeta o presentasse!

Vista de luto o Universo
E Deus se enlute no Céu!
Mais um poeta que morreu,
Mais um coviro do Verso!

Cantam nautas, choram flautas
Pelo mar e, pelo mar,
Uma serela a cantar
Vela o Destino dos nautas!

Augusto dos Anjos em Leopoldina -

(Especial para Autores e Livros)
João Alfonsus

Em novembro de 1914, Antônio Torres escrevia a respeito da Morte de Augusto dos Anjos, para as colunas dos jornais, aquele estudo que veio a ser incluído nas edições do "Eu": "O Poeta da Morte..." "E' um bárbaro, nascido à sombra dos barlitzais da Paraíba e falecido há pouco nas montanhas brumosas de Minas."

Um estudo de compreensão e de comovida ternura para com o poeta infeliz, dizimado aos trinta annos de idade, aproximação capritiosa do panfletário a discutir a verdadeira poesia naquela terminologia complicada com que Augusto dos Anjos vestia a sua inspiração, coisa que Torres não perdoaria a nenhum dos contemporâneos dos erasadores gloriosos, bem postos na vida, que tentasse coisa semelhante...

Porem, quero anotar aqui apenas como, mesmo num panfleto, ás vezes escape a expressão irreal, isando ao simples efeito literário: em Leopoldina há montanhas, mas não há brumas... Na cidade, circundada de elevações, há um calor que lembraria talvez ao poeta Augusto aquele do seu berço paraibano, do Engenho do Pau d'Arco. Dias e noites de uma nitidez de paisagem sem mistérios, pedregulhos à região mineira chamada Zona da Mata, e que não variariam naquele veranico 12 de novembro de 1914, em que o poeta fechou os olhos para sempre. — o que é também uma metáfora, pois são as mãos dos sobreviventes que fecham os olhos sem vida dos mortos...

Com Augusto dos Anjos tem acontecido um fenómeno digno do registro, a pesar da indiferença dos meios literários: a reeditação, o seu livro de poesias, o "Eu", está na 9ª edição no 18º e 19º milhares, saldos neste ano de 1941 (Bedescti, editor, Rio). Atente-se nisso: no Brasil, onde raros escritores atingem a alguns milhares nas suas edições, um poeta morto, falecido em 1914, está no decimo-nono milhar do seu estranho livro! Caso tanto mais extravagante quanto a linguagem científica de Augusto dos Anjos é o que menos o fadaria a vate popular... Seria a magia das palavras difíceis, a perdurar no gosto de 19.000 leitores? Já se procurou explicar o prestigio de Euclides da Cunha também por essa fascinação do nosso leitor pelo "escrever difícil"...

Porem a verdade é que a sensibilidade dos leitores brasileiros se aguçou diante da desventura. E no caso de Augusto, mesmo através das palavras intrincadas que para a nossa peculiar ignorância talvez lhe emprestem uma importância esotérica, os gritos de dor e de miséria são tão dramáticos, tão fundos, que restam para sempre na memória e no gosto do seu "record" de leitores.

"Na sensação barométrica da alma, Eu bem sabia, ansioso e contrariado, Que uma população doente do peito Teus sem remédio na minha alma!"

No começo deste ano eu fiz uma viagem de automovel, do Rio a Cataguazes, em companhia do escritor Francisco Inácio Peixoto. Tinha adquirido justamente um exemplar do "Eu", na 9ª edição, o terceiro exemplar que eu possuía desde a 2ª edição de 1920, feita no Estado da Paraíba, sob os auspícios do governo estadual, trazendo um "Elogio de Augusto dos Anjos", de Orris Soares, sempre incluído nas que se seguiram, e agora juntamente com o estudo de Antônio Torres, proclamado "no meio das imperfeições de sua obra, extraordinárias belezas", ou "uma revelação de artista pouco comum num meio inhóspito".

Antes de Cataguazes, cidade famosa na história do movimento literário modernista pela eclosão do grupo "verde", a que

pertence o meu companheiro de viagem, atravessamos outra cidade acolhedora, festiva e limpa, Leopoldina. E quando gularmos uma rampa forte para ganhar novamente a rodovia, Francisco Inácio Peixoto parou o seu automovel à porta do cemitério, colocado a cavaleiro da localidade e me informou: — Augusto dos Anjos está enterrado aqui.

A pequena nota biográfica do livro trazia o dia da morte do Poeta, sem indicar o lugar, nem mesmo o Estado. E fora ali em Leopoldina, para onde o politico Ribeiro Junqueira trouxe Augusto dos Anjos, já doente do peito — ao que me diziam, como diretor do Grupo Escolar... Facil encontrar nas imediações a casa do zelador do cemitério, que nos veio abrir o portão de ferro e mostrar-nos o seu túmulo. Entre mausoléus de mármore, espalhando-se por pequenos platôs cavados na encosta, está a um canto, à direita de quem entra ali — vivo ou morto, o modesto carneiro de bifele e reboco, caído senão recentemente, pelo menos a um tempo não muito remoto — para dar ao jagado uma decência pobre de exterior remediado, mas limpo. O zelador mora na cidade há uns dez annos apenas: não conhecera Augusto e nada sabia sobre ele, a pesar de uma enorme boa vontade em ser útil aos forasteiros. Informava somente que, de vez em quando, ali apareciam pessoas como nós, para lhe ver o túmulo. E dias atrás, tivera que abrir o portão para um senhor já grisalho que se recolhera por muito tempo à beira daquela sepultura e acabara recitando versos e chorando...

Sobre a parte superior do carneiro, se inscrevera a tinta de modo indezível as intempéries:

AUGUSTO
DOS
ANJOS
POETA
PARAIBANO
* 1884

Aqueles que fizeram a inscrição não sabiam ou não sabiam no momento que o seu nascimento se dera em 20 de abril de 1884; registaram apenas o ano... Aquilo emprestava ainda maior humildade ao carneiro comum, contrastando com mausoléus mais ou menos importantes, sarcófagos que poderiam lembrar aquela magia que o Poeta atribuiu a um celes:

"Dói-lhe (quem sabe?) essa grandeza horrível,
Que em toda a sua existência se expande,
A humana cobição impondo-a, in-
teira..."

Dói-lhe, em suma, perante o Inco-
gnoscível,
Essa fatalidade de ser grande
Para guardar unicamente poesia!"
(O Sarcófago", pag. 134)

Para nós, o pequeno sepulcro caído (e se cal numa expressão evangélica, o sepulcro caído, como demonstração da derradeira hipocrisia com que se esconde a podridão...), digamos — o carneiro comum era bem mais importante do que tudo aquilo, embora pudéssemos abrir o volume e ler na página 134 "Vozes de um túmulo":

"Hoje que apenas sou matéria e en-
tuho
Tendo consciência de que nada sou..."

Uma pergunta, na desorganização destas notas: — teria sido Augusto dos Anjos materialista? Há um depoimento interessante, publicado na "Gazeta de Leopoldina", em contradição, aliás, ao ensaio crítico de um jornal de estudantes, no qual o jovem René M. de Castro chamou o poeta de nômade e materialista.

O sr. Rômulo de Magalhães Pacheco, conchudado de Augusto dos Anjos, casado com uma irmã de sua mulher, depõe que "o materialismo de Augusto revelava-se unicamente através de seus versos admiráveis, inconfundíveis, sem escolas, das conhecidas ou imitadas... Os seus versos reproduzem as impressões que lhe causava a natureza, na sua mais pura realidade. Tais impressões, exteriorizadas nas suas poesias, por isso mesmo materialistas, não traduzem, entretanto, o seu sentimento, o que pela sua alma boníssima, pelo seu eu, por principio e por educação, desde o berço, marcadamente espiritua- lista. Que tropeços nascem daí para os que, não tendo conhecido Augusto na intimidade, procuram decifrá-lo dispondo dos seus versos como elemento único para julgamento."

E mais adiante o conchudado alceira as suas conclusões: "Tendo tido esmerada educação religiosa, conservava o hábito das orações e da frequência aos templos católicos. Não lhe faltou, quando a morte rondava o seu leito, a assistência espiritual do padre Júlio Fiorentini, acolhida prazerosamente pelo poeta. Diante do depoimento que ali fica e em face dos seus versos, como decifrar essa individualidade complexa e exqu coasta? Conclui perguntando..."

Mistérios da poesia... Adorindo convictamente a Haecckel e a Spencer, Augusto dos Anjos fecundou o materialismo "com o seu idealismo tropical" (a antítese é de Antônio Torres...), criando uma espécie de metafísica do nada, intrinsecamente pessoal. Nada disso, porém, seria por si só poesia, existente sim naquela obsessão da morte e da dor e que subsistia sem os seus compromissos científicos. Muitos dos seus versos dizem mais, porque imunes daquela roupagem de termos mais ou menos rebarbativos.

(No entanto, não quero fazer estudo crítico e sim uma simples noticia literária.)

Rezava, frequentava igrejas. Mas não se admitia dal uma tão absurda contradição, quase monstruosa, entre o católico praticante e o autor dos versos. Poder-se-lia admitir, se os versos não valessem nada... Existiria nele um certo fundo místico, sempre companheiro dos que praticam verdadeiramente a poesia. Se era um bom, tornava-se bem simples fazer concessões à família, rezar, talvez gozar de um contacto espiritual com o mistério. Mas não através de uma certeza religiosa absoluta. O mistério do "Útimo número", que escolheram para a última página do seu livro, na parte póstuma:

"Hora da minha morte. Hirta, ao meu lado,
A idola estertorava-se... No fundo
Da meu entendimento moribundo
Jazia o Último Número casado."

Era de vê-lo, imóvel, resignado,
Tragicamente de si mesmo orando,
Pora na successão, estranho ao mundo,
Com o redexco funebre do Ineritado."

Bradei: — Que fazes ainda no meu crânio?
E o Último Número, atro e subter-
fúneo?
Parecia dizer-me: "E' tarde, amigo!"

Pois que a minha autogênita Gran-
deza
Nunca vibrou em tua língua preta,
Nio te abandonas mal! Morro con-
tuito!"

Morreu sacramentado, unglido, e pensamos que sua alma tenha atingido, ao partir, a iluminação da suprema verdade.

Ainda há mais que respigar no depoimento do sr. Rômulo de Magalhães Pacheco, e agora a respeito de uma realidade geralmente aceita: a doença. "Os seus críticos atribuem a angústia de suas poesias a um esta-

do físico de decadência orgânica, ocasionada por minas e prolongada enfermidade — a tuberculose. O próprio prefaciador do seu último livro incorreu no grande erro. Lendo-se o "Hino à Dor", "O Poeta do Hediondo", e "As Clamas do Destino", a impressão é de que, de fato, o poeta era um grande torturado por insídios mal. Tal não acontecia, entretanto, e aliada é tempo de se retificar o manifesto engano dos críticos. Augusto faleceu em consequência de uma súbita pneumonia dupla, moléstia que em 1914 fez em Leopoldina várias vítimas. Foram seus dedicados médicos assistentes os drs. Custódio Junqueira, Felipe Nunes Pinheiro e Costa Velho. Os repetidos exames feitos, então, nos laboratórios da Escola de Farmácia de Leopoldina, a cargo dos farmacêuticos Antônio Machado, Leite Guimarães e o sanitário deste, foram absolutamente negativos quanto a bacilos da tuberculose. Os exames clínicos, por sua vez, nada revelaram quanto a lesões pulmonares. Inoco o testemunho de quantos acabo de citar em favor da minha narrativa."

Ainda há maior interesse em outra contradição do dr. Rômulo Pacheco: "O dr. Artur Ramos, pelo "Anais Médicos Legais", da Baía, em face do "Eu", sem outra fonte informativa senão o "Eu", estudou Augusto à luz da psicanálise, em longas páginas. A despeito do seu estudo científico, profundo, não se abalçou a um julgamento de clavo sobre o poeta paraibano, que classificou de "grande" e de "incompreendido".

Procurando aproximar-se da verdade sobre a psicologia do poeta, concluiu por considerá-lo um louco, que procurando refúgio nos domínios da Arte, evitou a fatalidade do hospício. Outra teria sido a sua conclusão, tivesse conhecido Augusto e a sua vida, na intimidade do lar, no trato social e na cátedra de professor, de rara competência."

Não conheço o estudo do professor Artur Ramos, mas, que diabo, isso de loucura é forte! Num poeta de uma lucidez admirável, tão lúcido como possam ser os maiores poetas. Desculpe-me, mas, para mim, o ilustre professor não entende de poesia. E eis-me de-novo a divagar fora do objetivo de uma noticia literária...

Insurgindo-se contra o adjetivo de nômade, que deram ao poeta, é ainda o seu conchudado que esquetizava o seu percurso na vida: nascido em 1884, na Paraíba, estudou direito no Recife, e "só em 1911, aos 27 annos", veio para o Rio; em "14, do Rio para Lopoldina, onde morreu no mesmo ano."

Então já casara com dona Este Fialho, a quem dedica o "Eu", e tinha dois filhos. Diretor do grupo escolar e professor do Ginásio Leopoldinense, morava num chalé perto do Largo da Estação, num ponto da cidade a que chamavam de Gramma. "Muito querido, muito bom", me disse pessoa que o conheceu ali, a qual acrescentou sorrindo: "Mas o livro de versos dele, uma coisa louca... Gordial e discreto, notista pontoc falante, para muita gente passou como uma sombra, em menos de um ano que decorreu entre a sua chegada e a sua morte. E apenas com a sua morte, com a repercussão que teve (Antônio Torres, por exemplo, um panfletário de nome nacional, tão lido então pelo mineiro "homo politicus", — a elogiar desmandadamente aquele rapaz modesto e discreto!), muita gente ficou sabendo quem era Augusto dos Anjos, embora um mínimo número já o soubesse, é claro, entre os mais informados a respeito de letras. E outros, se aproximando dele na escola ou no gi-

násio, já tinham se aproximado do seu coração.

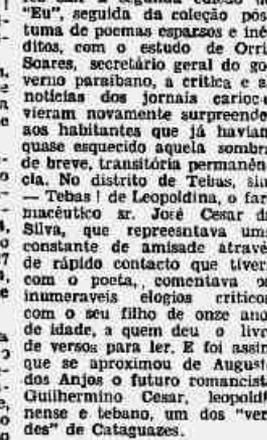
Aquele sentido do dramático e do lancinante, persistente nos seus versos, não lhe marcou o epílogo, pelo menos em doses maiores do que a todos que morrem discretamente numa cama, assistido pela família e alguns amigos. Podia-se dizer porém que marcou o do seu sucessor na directoria do Grupo Escolar, um rapaz portista igualmente de muito talento (me informam), com dotes singulares de oratória, sem poder usá-los por causa do mal comicial (ironia tétrica!), mal que se manifestava depois dos seus discursos e até os interrompendo ás vezes. Antes de fazer o seu último discurso, prometera se matar, se lhe cobriessse um ataque epilético. Na manhã seguinte, no coração da cidade, ouviu-se um tiro dentro da residência do novo diretor das escolas primárias...

Existe, ainda, a proposta do autor do "Eu", uma tradição local, digna de registro porque permaneceu, como um caso à parte, na memória de alguns leopoldinenses. Augusto dos Anjos trouxera para a cidade, na sua bagagem, exemplares da primeira edição do seu livro, feita em 1912 no Rio, e distribuiu alguns, entre os seus novos conhecidos. Na casa do juiz da Comarca, reunia-se à noite um grupo de maiores fofores e outras pessoas gradadas (não todas, diga-se m abono da terra, mas um pequeno grupelho de entendidos, a que poderíamos chamar hoje de gratificos do intelecto). O advogado Varela lia os poemas do "Eu" e a leitura era interrompida por gargalhadas homéricas da roda. Sim, homéricas, a chamar a atenção dos que passavam pela rua. Os poemas foram divididos em seções de riso, diversão para muitas noites, numerosas, intermináveis.

Que é que esta acontecendo na casa do doutor, todas as noites? Tanto riso!

Estão rindo das poesias do Professor Augusto dos Anjos. Quando em 1920, a Paraíba fez sair a segunda edição do "Eu", seguida da coleção póstuma de poemas esparsos e inéditos, com o estudo de Orris Soares, secretário geral do governo paraibano, a crítica e as notícias dos jornais cariocas vieram novamente surpreender aos habitantes que já haviam quase esquecido aquela sombra de breve, transitória permanência. No distrito de Tebas, sim — Tebas! de Leopoldina, o farmacêutico sr. José Cesar da Silva, que representava uma constante de amizade através de rápido contacto que tivera com o poeta, comentava os inumeráveis elogios criticos, com o seu filho de onze annos de idade, a quem deu o livro de versos para ler. E foi assim que se aproximou de Augusto dos Anjos o futuro romancista Guilherme Cesar, leopoldinense e tebano, um dos "verdes" de Cataguazes.

Belo Horizonte, novembro de 1941.



GLÓRIA DOS ANJOS,
filha de Augusto dos Anjos



GLÓRIA DOS ANJOS,
filha de Augusto dos Anjos

AS SCISMAS DO DESTINO

I

Recife, Ponte Buarque de Macedo.
Eu, indo em direção à casa do Aguiar,
Assombrado com a minha sombra magra,
Pensava no Destino, e tinha medo!

Na austera abóbada alta o fósforo aivo
Das estrelas luzia... O calçamento
Baxco, de alfalto rijo, atro e viçento,
Copava a polidez de um crânio calvo.

Lembro-me bem. A ponte era comprida,
E a minha sombra enorme enchia a ponte,
Como uma pele de rinoceonte.
Estendida por tod, a minha vida!

A noite fecundava o ovo dos vícios
Arripais, Do crivo da treva imensa
Caía um ar danado de doença
Sobre a cara geral dos edifícios!

Tal uma horda fez de cães famintos,
Atiravessando uma estação deserta,
Ulrava dentro do "eu", com a boca aberta,
A matilha espantada dos instintos!

E, a como se, na ama da cidade,
Profundamente lúbrica e revo ta,
Mostrando as carnes, uma besta solta
Solta-se o peço da animalidade,

E, aprofundando o raciocínio obscuro,
Eu vi, então, Y luz dos aurocos reflexos,
O trabalho genérico dos sexos,
Fazendo a noite os homens do Pulúo.

Livres de microscópios e scalpéis,
Dausavam, parodiando sarais cúbicos,
E iões de *escleromas* apolinis
Na câmara promiscua do *ritelo*,

Mas, a irritar-me os globos oculares,
Aprezando e a'adando a cor noquenta,
Fetos magros, ainda na plácenta,
Estendiam-me as mãos rudimentares!

Mostravam-me o aporlorismo incognoscível
Dessa fatalidade *ignitúria*.
Que fez minha família originá na
Do antro daquela fábrica terrível!

A corrente atmosférica mais forte
Zunía. E, na ignea crosta do Cr. zeiro,
Juigava eu ver o fúnebre cadavreiro
Que há de me alimiar na hora da morte.

Ninguém compreendia o meu soluço.
Nem mesmo Deus! Da *young* pelas brechas,
O vento bravo me atirava fechas,
E aplicações hienais de gelo russo

A virgindade dos mundos astronômicos
Enviava à terra extraordinária taca,
Posta em rija adesão de goma laca
Sobre os meus elementos anatômicos,

Ah! Com certeza, Deus me castigava!
Por toda a parte, com um réu confesso,
Havia um juiz que lia o meu processo,
E uma força especial que me esperava!

Mas o vento cessava por instantes
Ou, pelo menos, o "ignis sapiens" de Orco
Abafava-me o pelo arqueado e porco
Num núcleo de substâncias abrasantes.

E' bem possível que eu um dia regue,
No *oi* *leal* torrada rona,
A cor do sangue é a cor que me impressiona
E a que mais neste mundo me persegue!

Essa obsessão cromática me abate.
Não sei no que me vem sempre a lembrança
O estômago esfaqueado de uma criança
E um pedaço de viscera escarlate.

Quisera qualquer coisa provisória
Que a minha cerebral caverna entrasse,
E até no fim, cortasse e recortasse
A faculdade aziaza da memória.

Na ascensão barométrica da calma,
Eu *lembro* *o* *leal* e *entrato*.
Que uma população doente do peito
Tossia sem remédio na minha alma!

E o cuspo que essa hereditária tosse
Golfinva, à guisa de acido *re-fero*.
Não era o cuspo só de um indivíduo
Minado pela tísica precoce.

Não! Não era o meu cuspo, com certeza
Era a expectoração pútrida e crassa
Dos brônquios pulmonares de uma raça
Que violou as leis da Natureza!

Era antes uma tosse ubíqua, estranha,
Igual ao ruído de um calhan redondo
Arremessado no apogeu do estrondo,
Felos fundibularios da montanha!

E a saliva daqueles infelizes
Inchava, em minha boca, de tal arte,
Que eu, para não cuspir por toda parte,
Lá engolindo, aos poucos, a hemoptis!

Na alta alucinação de minhas cismas
O microscópio nos líquido da gota
Tinha a abundância de uma artéria rofa,
Arrebetaça pelos aneurismas,

Chegou-me o estado máximo da magual
Duas, três, quatro, cinco, seis e sete
Veze que eu me furei com a caniveta,
A hemoglobina vinha cheia de água!

Cuspo, cujas caudais meu beijos regem,
Sob a forma de minúsculas camândulas,
Benditas sejam todas essas glândulas,
Que, quotidianamente, te sequegem!

Escarrar de um abismo noutro abismo,
Mondando ao Céu o fumo de um cigarro,
Há mais filosofia neste escarro
Do que em toda a moral do cristianismo!

Porque, se no orbe oval que os meus pés tocam
Eu não deixasse o meu cuspo carra-co,
Jamais exprimiria o acerrimo asco
Que os canalhas do mundo me provocam!

II

Foi no horror dessa noite tão funérea
Que eu descobri, ma or talvez que Vinel,
Com a força visualista do lince,
A falta de unidade na matéria!

Os esqueletos desarticulados,
Livres do acro fedor das carnes mortas,
Rodopiavam, com as brancas tibias tortas,
Numa dança de números quebrados!

Todas as divindades malfazejas,
Siva e o Ahriman, os duendes, o Yn e os
[trasgos,

Lunitando o barulho dos engagos,
Davam pancadas no adro das igrejas.

Nessa hora de monólogos subimes,
A companhia dos ladrões da no te,
Buscando uma taverna que os acote,
Val pela escuridão pensando crimes.

Perpetravam-se os atos mais funestos,
E o luar, de cor de um doente de ictericia,
Iluminava, a rir, sem pudicícia,
A camisa vermelha dos incestos.

Ninguém, de certo, estava ali, a espilar-me.
Mas um lampeão, lembrava ante o meu rosto
Um sugestionador olho, ali posto
De propósito, para hipnotizar-me!

Em tudo, então, meus olhos distinguiram
Da minutura singular de uma asa,
A' anatom a mínima da caspa,
Embriões de mundos que não progrediram!

Pois quem não vê ai, em qualquer rua,
Com a fina nitidez, de um claro jorro,
Na paciencia budista do cachorro
A alma embrionaria que não continua?!

Ser cachorro! Ganir incompreendidos
Vetos! Querer dizer-nos que não fuge,
E a palavra embulhar-se no laringe,
Escapando-se apenas em latidos!

Despir a putrescível forma toska,
Na atra dissolução que tudo inverte,
Deixar cair sobre a barriga inerte
O apetite necrófago da mosca!

A alma dos animais! Pego-a, distingo-a,
Acho-a nesse interior duelo secreto
Entre a ânsia de um vocabulo completo
E uma expressão que não chegou a lingua!

Surpreendo-a em quatrillões de corpos vivos
Nos anti-peristálticos abalos
Que *procedem* nos cois e nos cavalos
A contração dos gritos instintivos!

Tempo ziria, em que, daquele horrendo
Caos de corpos orgânicos disformes
Rebentariam cerebros disformes
Como bolhas febris de água, fervendo!

Nessa época, que os sábios não ensinam,
A pedra dura, os montes argilosos
Clariam feixes de cordões nervosos
E o neuropiaama dos que raciocinam!

Almas ignéias! Deus subjura-as, cluge-as.
A imperfeição! Mas vem o Tempo, e vence-O,
E o meu sonho cresce no silêncio,
Maior que as epopeias carolíngias!

Era a revolta trágica dos tipos
Ontogénicos mais elementares,
Desde os foraminíferos dos mares
A grei hiliputiana dos polipos.

Todos os personagens da tragedia,
Cansados de viver na paz de Huda,
Pareciam pedir com a boca muda
A ganglionaria célula intermédia.

A planta que a canícula ignea torra,
E as coisas inorgânicas mais nulas
Apregoavam encefálos, medulas
Na alegria guerreira da desforra!

Os protistas e o obscuro acervo rijo
Dos espongiários e dos infusórios
Recebiam com os seus órgãos sensórios
O triunfo emocional do rezojo!

E, apesar de já ser assim tão tarde,
Aquela humanidade parasita,
Como um bicho inferior, berrava aflita,
No meu temperamento de covarde!

Mas, refletindo, a sor, sobre o meu caso,
Vi que, igual a um amneola subterrâneo,
Jazia atravessada no meu crânio
A intercessão fatídica do atrazo!

A hipótese genial do "microzima"
Me estrangulava o pensamento guapo,
E eu me encolhia todo como um sapo
Que tem um peso incômodo por cima!

Nas agonias do "delirium-tremens",
Os bêbedos alvares que me olhavam,
Com os copos cheios escurelavam
A substância prolífica dos zemenst!

Enterravam as mãos dentro das guélas,
E acudidos de um tremor indômito
Expelliam, na dor forte do vômito,
Um conjunto de gosmas amarelas,

Jam depois dormir nos lupanares,
Onde, na glória da concupiscência
Depositavam quase sem consciência
As derradeiras forças musculares.

Fabricavam destarte os blastodermas,
Em cujo repugnante receptáculo
M'inha perscrutação via o espetáculo
De uma progénie idiota de palermas.

Prostituição ou outro qualquer nome,
Por tua causa, embora o homem te acete,
E' que as mulheres ruins ficam sem leite
E os meninos sem pai morrem de fome!

Porque há de haver aqui tantos enterros?
Lá no "Engenho" também, a morte é ingrata.
Ha o malvado carbúnculo que mata
A sociedade infante dos bezerrós!

Quantas moças que o túmulo reclamam
E após a podridão de tantas noças,
Os porcos esponjando-se nas poças
Da virgindade reduzida à lama!

Morte, ponto final da última cena
Forma difusa da matéria imbele,
Minha filosofia te repele;
Meu raciocínio enorme te condena!

Diante de ti, nas catedrais mais ricas,
Rolam sem eficácia os amuletos.
Oh! Senhora dos nossos esqueletos
E das caveiras diárias que fabricas!

E eu desejava ter, numa ânsia rara,
Ao pensar nas pessoas que perdera,
A inconcência das máscaras de cera
Que a gente traga, com um cordão, na casa!

Era um sonho ladrão de submergir-me
Na vida universal, e, em tudo imerso,
Fazer da parte abstrata do Universo,
Minha morada equilibrada e firme!

Nisto, pior que o remorso do assassino,
Reboou, tal qual, num fundo de caverna,
Numa impressionadora voz interna,
O eco particular do meu Destino!

III

"Homem! por mais que a Idéia desintegre!
Nessas perquirições não teem pausa,
Jamais, magro homem, saberas a causa
De todos os fenômenos alegres!

Em vão, com a brônca enxuda ardega, sondas
A esteril terra, e a hialina lâmpada oca,
Trazes, por prescrutar (oh! ciência louca!)
O conteúdo das lágrimas hediondas,

Negro e sem fim é esse em que te mergulhas
Lugar do Cosmos, onde a dor infrene
E' feita como é feito querosene
Nos reconavos úmidos das hulhas!

Porque, para que a Dor prescrites, fora
Mister que, não como es, em síntese, antes
Fosses, a refletir teus semelhanças,
A própria humanidade sofredora!

A universal complexidade é que Ela
Comprende, E se, por vezes, se divide,
Mesmo ainda assim, seu todo não reside
No quociente isolado da parcela!

Ah! Como o ar imortal a Dór não finda!
Des papilas nervosas que há nos tatos
Veio e vai desde os tempos mais transatos
Para outros tempos que não de vir ainda!

Como o machucamento das insónias
Te estraga, quando toda a estuada Idéia
Dás no sofrido estudo da ninfeia
E de outras plantas dicotiledóneas!

Augusto dos Anjos - José Olílica

ONDE MORREU O POETA



D. ESTER DOS ANJOS, esposa do grande poeta de "Eu"



GUILHERME DOS ANJOS — filho do poeta —

Augusto dos Anjos! quando poderemos, no Brasil, compreender bem toda a desgraça dessa perda! Quando alcançarmos no Brasil estimar, em toda a sua transcendência, a poesia desse monstro! Comparável com tal perda só vejo aqui a morte prematura de Castro Alves. Que soberanos poemas não nos daria Castro Alves se atingisse os quarenta anos! Que prodígios de revelação de estética não leriam bruciado da cabeça desse Augusto na fase trágica do passado lustro! Que martírios íntimos, que revolta, que excitação torva não se alterariam naquela alma vi-bratíssima, diante da catástrofe mundial!

Orris Soares, estudando o poeta, afirma que três fatores fizeram a profunda tristeza de Augusto: um de caráter individualíssimo, outro mesológico e o terceiro espiritual. O primeiro, diz-nos o prefaciador, foi a obsessão da doença, o segundo a raça, o terceiro a tristeza de todo homem de pensamento no Brasil, educado em livros e idíia estrangeiras, sem público e sem futuro.

Não nego a exatidão possível desses apanhados. Porém, tanto quanto pude ver dentro de Augusto e nos seus versos, há fatores muito mais profundos e mais poderosos do seu "Eu".

Um deles, de ordem material, foi a penúria. Conheci Augusto numa fase horrível para nós ambos.

Eu, muito mais forte, mais batalhador, mais esperançado de vencer, com a falta de recursos multiplicava-me. Augusto se moía, concentrava a sua pena, embora, uma vez por outra, me revelasse as suas condições. O que mais o amargurava era a injustiça social, em premiar os rufas, dobrar as falcatruas, entronar os endinhe-

ntos, os sonhadores, os retos de entendimento e coração.

Essa revolta íntima o levava a descer do mundo, a ver em tudo podridão física e moral.

Nunca me falou em doença; jamais o vi doente. Referiu-me apenas uma neurastenia antiga, passada inteiramente, e seguiu para Leopoldina por necessidade pecuniária; foi dirigir uma casa de instrução.

Assim, quando, num teatro, Osório Duque Estrada me anunciou a morte de Augusto, foi isso para mim dolorosíssima surpresa.

O que atrozou a alma do poeta foi a luta pelo vil dinheiro. Outro fator de tristeza de Augusto, do seu pessimismo intelectual, foi a inaficiência da filosofia contemporânea.

Ninguém lhe revolta as dúvidas profundas sobre o porquê e o para que deste universo.

Feliz teria sido se nascesse com a alma facilmente conformável de materialistas e positivistas, ou com a alma também conformável dos espíritas, por exemplo. A ciência não lhe explicava os problemas cósmicos, embora revelasse mundos sobre mundos. O espiritismo, o espiritismo cristão, as filosofias variadas, não lhe matavam na consciência a interrogação fatal.

Suas tendências, entretanto, eram todas anti-materialistas, posso mesmo asseverar: acen-tuadamente espiritualistas.

Em seus versos, nos postu-mos, sobretudo, as intenções teosóficas são frequentes.

Preocupava-o sempre a Uni-dade das coisas e dos Seres, a evolução do Todo, a independência do seu próprio Eu, sua essência animica proveniente da substância de todas as substâncias.

(Continua na página 138)



Casa em que morreu Augusto dos Anjos, em Leopoldina, Minas

A diáfana água alvíssima e a horrída áscua
Que dá ignea flama bruta, estriada, espirra;
A formação molecular da mirra,
O cordeiro simbólico da Páscoa;

As rebeladas cóleras que rugem
No homem civilizado, e a ele se prendem
Como às pulseiras que os mascates vendem
A aderência teimosa da ferrugem;

O orbe feraz que bastos tojos acres
Produz; a rebelião que na batalha,
Deixa os homens detitados, sem mortalha,
Na sangueira concreta dos massacres;

Os sanguinolentíssimos chicotes
Da hemorragia; as nódoas mais espessas,
O achatamento ignobil das cabeças,
Que ainda degrada os povos botentotes;

O Amor e a Fome, a fera ultraz que o fojo
Entra, à espera, que a massa vítima o entre,
— Tudo que gera no materno ventre
A causa fisiológica do nojo;

As pálpebras inchadas na vigília,
As aves moças que perderam a asa,
O fogão apagado de uma casa,
Onde morreu o chefe da família.

O trem particular que um corpo arrasta
Sinistramente pela via férrea,
A cristalização da massa térra,
O tecido da roupa que se gasta;

A água arbitrária que huiolos caules grossos
Carrega e come, as negras formas feias
Dos aracnídeos e das centopeias
O fogo-fátuo que ilumina os ossos;

As projeções flaniômas que ofuscam,
Como uma pincelada rembrandtesca,
A sensação que uma coallhada fresca
Transmite às mãos nervosas dos que a
[Buscam;

O antagonismo de Typhon e Osiris,
O homem grande oprimindo o homem pe-
queno,
A lua falsa de um paraseteno,
A mentira meteórica do arco-íris;

Os terremotos que, abalando os solos,
Lembram paídes de pólvora explodindo,
A rotação dos fluidos produzindo
A depressão geológica dos polos;

O instinto de procriar, a ánsia legítima,
Da alma, afrontando ovante aziagos riscos,
O juramento dos guerreiros priscos
Metendo as mãos nas glândulas da vítima;

As diferenciações que o psicoplasma
Humano sofre na mania mística,
A pesada opressão característica
Dos 10 minutos de um acesso de asma;

E (conquanto contra isto ódios regougues)
A utilidade funebre da corda
Que arrasta a rez, depois que a rez engorda,
A morte desgraçada dos açougues...

Tudo isto que o terraqueo abiamo encerra
Forma a complexação desse barulho
Travado entre o dragão do humano orgulho
E as forças inorgânicas da terra!

Para descobrir tudo isso, embalde cansast
Ignoto é o germe dessa força ativa
Que engendra, em cada célula passiva,
A heterogeneidade das mudanças!

Poeta, feto malsão, criado com os sucos
De um leite mau, carnívoro asqueroso,
Gerado no atavismo monstruoso
Da alma desordenada dos málucos;

Útima das criaturas inferiores
Governada por átomos mesquinhos,
Teu pé mata uberdade dos caminhos
E esteriliza os ventos geradores!

O áspero mal que a tudo, em torno, trazes,
Análogo é ao que, negro e a seu turno,
Traz o ávido filóstomo noturno
Ao sangue dos mamíferos vorazes!

Ah! Por mais que, com o espírito, trabalhes
A perfeição dos seres existentes,
Hás de mostrar a carie dos teus dentes
Na anatomia horrenda dos detalhes!

O Espaço — esta abstração spencereana
Que abraça as relações de co-existência
E' só! Não tem nenhuma dependência
Com as vértices mortais da espécie humana!

As radiantes elipses que as estrelas
Traçam, e ao espectador falsas se antolham
São verdades de luz que os homens olham
Sem poder, no entretanto, compreendê-las.

Em vão, com a mão corrupta, outro eter pedas
Que essa mão, de esqueléticas falanges
Dentro dessa água que com a vista abraçages,
Também prova o princípio de Archimedes!

A fadiga feraz que te esboroa
Há de deixar-te essa medonha marca,
Que, nos corpos inchados de anasarca,
Deixam os dedos de qualquer pessoal

Nem terás no trabalho que lveste
A misericordiosa toalha amiga,
Que afaga os homens dentes de bexiga
E enxuga, à noite, as pústulas da peste!

Quando chegar depois a hora tranquila,
Tu serás arrasado, na carreira,
Como um cepo inconciente de madeira
Na evolução orgânica da argila!

Um dia comparado com um milhão
Seja, pois, o teu último Evangelho...
E' a evolução do novo para o velho
E do homogêneo para o heterogêneo!

Adeus! Fica-te aí, com o abdome largo
A apodrecer!... E's poeta, e embalde viram
O corvo que come as tuas fibras
Há de achar nelas um sabor amargo!

IV

Calou-se a voz. A noite era funesta.
E os queixos, a exhibir trismos danados
Eu puxava os cabelos desgrenhados
Como o rei Lear, no meio da floresta!

Maldizia, com apóstrofes veementes,
No sêntor de mil línguas insurretas,
O convencionalismo das Pandetas
E os textos maus dos códigos recentes!

Minha imaginação atormentada
Paria absurdos... Como diabos juntos,
Persegulam-me os olhos dos defuntos
Com a carne da esclerótica esverdeada,)

Secara a clorofila das lavouras,
Igual aos sustenidos de uma endeixa,
Vinha-me às cordas glóticas a queixa
Das coletividades sofredoras,

O mundo resignava-se invertido
Nas forças principais do seu trabalho...
A gravidade era um princípio falho,
A análise espectral tinha mentido!

O Estado, a Associação, os Municípios
Eram mortos. De todo aquele mundo
Restava um mecanismo moribundo
E uma teleologia sem princípios.

Eu queria correr, ir para o inferno,
Jara que, da paizé no oculto jogo,
Morressem sufocadas pelo fogo
Todas as impressões do mundo externo!

Mas a Terra negava-me o equilíbrio
Na Natureza, uma mulher de luto
Cantava, espiondo as árvores sem frute,
A canção prostituta do Judíbrio!

O LIVRO MAIS ESTUPENDO: O "EU" — Medeiros e Albuquerque

Não é costume desta secção dar notícia de novas edições. Foi um dos vários "frus" do officio, que aprendi com João Ribeiro.

E' forçoso, porém, abrir excepções para os obras póstumas de autores notáveis, muitas das quaes crescem nos trabalhos ineditos.

Este foi o caso de Raul de Leon. Ate é agora o de Augusto dos Anjos, cujo livro representa o mais espantoso successo de livraria dos últimos tempos: três mil volumes esgotados em quinze dias!

O livro de Augusto dos Anjos é talvez o mais estupendo da literatura brasileira. Trata-se positivamente de um livro unico, de que não conheço idêntico em nenhuma outra literatura.

Augusto dos Anjos foi um poeta parabiuno, que morreu aos 29 anos. Sua poesia não se parece com a de ninguém. E' um caso à parte, a que se pode chamar um "belo caso", com a mesma significação que o adjetivo "belo" toma na linguagem dos médicos. Porque de fato é um caso patológico em todo o estensiono do palavra.

Houve, é certo, entre nós, o que se chamou a "poesia científica" e de que Martins Junior nos deixou alguns obomináveis exemplos. Mas no sua poesia científica Martins Junior o que fazia era reduzir a versos teorias científicas, de preferência positivistas. Nunca houve ninguém menos poeta do que esse grande orador.

Augusto dos Anjos, ao contrário, era incontestavelmente um poeta. As idéias de suas poesias claramente o revelam. Mas no maior parte das vezes pode bem dizer-se que todo o seu esforço é o de despoietar as expressões que emprega.

Quando alguém quer exprimir em poesia qualquer sentimento, procura servir-se de expressões concretas, expressões que façam imagem. Ele, ao contrário, buscava servir-se das expressões mais abstratas. E sempre que lhe era possível recorria à aridez dos termos técnicos, nem sempre empregados com muita propriedade. Porque a linguagem técnica tem a vantagem de exprimir com precisão certas idéias, mas tem igualmente a desvantagem de literalidade de não poder significar senão precisamente, matematicamente, o que quer significar, ao passo que a imprecisão da linguagem dos poetas, lhes permite dizer coisas, que simultaneamente tem um sentido exato e um sentido aproximado. O ideal da linguagem técnica é fazer com que cada palavra só queira dizer uma coisa. O ideal da linguagem poética é fazer com que cada palavra queira significar um mundo de idéias ou, como Verlaine disse, na sua famosa Arte Poética,

em l'impécité au Précis se joint.

Augusto dos Anjos fala correntemente no "cosmopolitismo das maneiras", no "palidez das fotoféres mortais", na "vingança dos mundos astronômicos", (como se outros houvesse que não fossem astronômicos), no "fauna covernicola de erdino"; alude à "elipse ignívoma do Luo", o que é positivamente um disparate, e a mil outras coisas idênticas.

A's vezes, nas suas poesias, a gente vê passar pedaços de teorias filosóficas. Assim, Herbert Spencer demonstrou que o progresso consiste no passageo da homogêneo para a heterogêneo. O poeta do "Eu" escreve estes dois prosódicos versos:

"...dessa homogeneidade indefinido

que o insigne Herbert Spencer nos ensina".

E em outro ponto, lembrando naturalmente a classificação dos ciéncias de Augusto Comte escreve:

"Creio, como a filósofa mais crente, no generalidade decrescente com que a substância cósmica erro-lue..."

Craio, perante a evolução imensa, que o homem universal de amanhã vença!

o homem particular que su antem fui!"

Ser-te-se quanto isso é prosódico. Mas esse homem extravagantissimo tem idéias originaes e poéticas. Ele foi um tuberculoso. Essa moléstia o minou durante muitos anos e acabou por dor-lhe a sua obsessão. Esta se revela a cada passo e sempre com pormeno es repugnantes:

"No ascensão barométrica da calma eu bem sabia, ansioso e contrefeito, que uma população doente do peito tossia sem remedio na minha alma!

E o cuspo que essa hereditária tosse golveia, à guisa de ácido residuo, não era o cuspo só de um individuo mirado pela tísica precoce.

Não! Não era o meu cuspo, com certeza, era a expectoração putrida e crasso dos brônquios pulmonares de uma roça que violou as leis da Natureza!

Era antes uma tosse ubiqua, estranha igual ao ruído de um calhuu redondo arremessado no apogeu do estrondo, pelas fundibulários da montanha!

E a saliva daqueles infelizes enchova, em minha boca, de tal arte, que eu, por não cuspir por toda parte, ia engulindo os poucos o hemoptis!"

A sua preocupação do escorro era constante. Falu até no seu "cuspo carrasco" e quando pensa nos bêbedos, diz:

"Enterravam os mãos dentro das gueltes, e sacudidos de um tremor indômito expeliem, no dor forte do vômito, um conjunto de gasmas amoretas!"

Esse rapaz era — e não podia deixar de ser — um pessimista amargo. Não há quase necessidade de escolher entre os seus versos exemplos desse sentimento. Todos o mostram. Anthero de Quental tinha pintado a luz do sol surgindo cada manhã e atirando-se pelo mundo afora para semear o Dôr e o Mal:

"Como um clarim soando pelos montes, a aurora acorda plácida e inflexível as misérias do terra; e a hoste horível enchendo de clamor os horizontes, torva, cega, cólerica, laminta surge mais uma vez e armo-se à pressa para o bruto combate que não cessou..."

Augusto dos Anjos pensa no Marte, empenhada também nessa faina, do principio ao fim do ano:

"E' a Morte — esta carnívora assanhada serpente má de lingua envenenada que tudo que acha no caminho, come..."

— Faminto e atroz mulher, que a 1 de janeiro, sai para assassinar o mundo inteiro, e o mundo inteiro não lhe mata a fome!"

Rodando sempre em torno da mesma idéia, quando tem de ir tomar a sua refeição habitual, o que lhe accade é o morte que o espera:

"Como porções de carne morta... Ai! Como os que, como eu, tem carne; com este assomo que a espécie humana em comer carne tem!..."

Como! E pois que a Razão me não reprime, possa o Terra vingarse do meu crime comendo-me também!"

E essa imagem o perseguia até quando via em mãos dos açouqueiros "a carne que ele havia de comer".

Isso é, em todo caso, incontestavelmente, menos desagradavel do que ver esta declaração:

"Arno o esterco, os residuos ruins dos quiosques",

e proclamar que foi produzido por "nonilhões de moléculas de esterco".

— A par dessas obsessões — Augusto dos Anjos tem outras não menos curiosas. Uma delas é a de que, no latido dos cachorros há talvez frases incompreendidas!

"Ser cachorro! Genir incompreendidos verbos! Querer dizer-nos que não finge, e a palavra embrutchar-se na laringe, escapando-se apenas em latidos!"

E em outro ponto,

"Cão! — Alma de inferior rapsodado errante! resigna-a, ampara-a, arrima-a, ataga-a, acode-a, a escola dos latidos ancestrais..."

E irá assim, pelos séculos, adiante, latindo a exquisitissima prosódia da angústia hereditária dos seus poeis!"

Columella, o velho poeta latino, que escreveu o "De Re Rustica", deplorava ser inxato que os cães não falassem. Achava-lhes os latidos "cheios de eloquência e significação".

Há nos versos acima citados, de Augusto dos Anjos, a rima rebucada de "acode-c" com "prosódia". O autor tem em muitos lugares rimas desse modo estranhas:

"Rasgue e água hórrido o nau órdaga e singre-me! e a verticalidade da Escada ingrem-me..."

"Espelhem-se os esplendores do Céu, em reflexos, nas águas, fingindo cristais dos mais deslumbrantes cores.

E em fulvos filões doirados col a luz dos astros por sobre o maritimo horror como globos estrelados".

"Na intermitência da vital conselra, sois vós que a sustentais, Força Alta exige-o...)

com o vosso catalítico prestigio, meu fantasma de corte possessora!"

"aguarda-o ampia reentrância de engra horrenda, para e, amarra agarrado à âncora, sonha! máguas, se os tem, subjugué-as ou distarce-as..."

E' não haver uma alma que lhe entenda a angústia transoceânico, medonha

"no rangido de todos os enxórcias!" Que a individual psiquê humana tece e o outro é do sonho altruístico da espécie...

Esta procura de rimas estranhas tem sido feita sobretudo em versos humorísticos, dos quais alguns ficaram célebres:

"Acusam-me de místico, mas eu sou cabalístico. Querer que eu participe do oráculo simbólico, mas eu sou parabólico, sou paralelepipedo".

ou ainda, o que é mais simples e melhor:

"Mandou-me o senhor vigário que lhe comprasse uma lâmpada para por diante da estompa da Senhora do Rosário".

Mas Augusto dos Anjos seria incapoz de fazer versos humorísticos. Depois, entretanto que se tenham corrido todos os inumeráveis extravagâncias do poeta de "Eu", é impossível não notar que a seu espirito era realmente o de um poeta. A cada momento, através de sua técnica e a despeito da sua linguagem rebarbativa, é impossível não admirar certas composições em que o seu talento superior se revela. Descrevendo a caçada que fez a um

morcego, que lhe entrou à noite, no quarto, diz:

"A Conciência Humana é este morcego! Por mais que a gente foça, à noite, ele entra imperceptivelmente em nosso quarto!"

Lembrando-se de que a mãe reapreendeu-lhe a omo de leite, que havia furtado, um moedo, diz, até certo ponto, com razão:

"Vejo, entretanto, agora, em minha cama, que o mim somente cabe o furto feito... Tu só furiaste a moeda, o ouro que brilha..."

Furtaste a moeda só, mas eu, minha ama, eu furtel mais, porque furtel o peito que dava leite para o tuo filho!"

Falando ao homem, aconselha-o:

"Deixa, a tuo alegria aos seres brutos, porque na superficie do Planeta tu só tens um direito: o de chorar".

Há no novo Poesia um soneto admiravel a um pai que morreu. E' a composição maravilhosa de Ademar Tavares, "Francisco, meu pai". Esse soneto é equilibrado, sereno, extraordinário de beleza. Os sonetos de Augusto dos Anjos ao pai podem ficar também entre os mais belos:

"Para onde fores, pai, para onde fores, irei também, trilhando as mesmas ruas..."

Que coisa triste! O campo tão sem flores, e eu tão sem crença e os arvôres tão nus, e tu, gemendo e o horror de nossas duas máguas crescendo e se fazendo horrores!

Maguarom-te, meu pai? Que mão sombria, indiferente aos mil tormentos teus de assim maguar-te sem pesar havia?"

— Seria o mão de Deus? Mas Deus emfim é bom, é justo, e sendo justo, Deus Deus não havia de maguar-te assim!"

"Madrugada de Treze de janeiro, rezo, sonhando, o officio da agonia, meu pai nesse hora junto a mim morria sem um gemido, assim como um cordeiro!

E eu nem lhe ouvi o alento dirroadeiro! Quando acordei, cuidel que ele dormio e disse a minha mãe que me dizia: "Acorda-o!" — deixava-o, não, dormir primeiro!"

E sai para ver a Natureza! Em tudo o mesmo obismo de beleza, nem uma névoa no estrelado véu...

Mas pareceu-me, entre os estrelas lídreas, como Elias, num carro azul de glórios, véis a alma de meu pai subindo ao Céu!"

E' verdade que já no terceiro soneto dessa série o autor desgarra nestes tercetos:

"Pobre, meu pai! E a mão lhe enchi de beijos roida toda de bichos, como os queijos sobre: a meso de orgiocos festins!"

Amo meu pai no atômico desordem entre as bocas necrófagos que o mardem e a terra infecta que lhe cobre os sãos!"

Seja como for bastariam estas composições para ver que Augusto dos Anjos era realmente um poeta.

Para o seu renome concorreu em muito a fato da sua moléstia: foi um talo seu caso como o de Antonio Nobre.

Há muito velloha discussão em arte; saber se as manifestações sinceras valem mais que as outras. Convem mais que um autor se identifique com o personagem que representa, ou que guarde todo a sua presença de espirito?

Muitos actores, mesmo representando os papéis mais trágicos e dolorosos, estão na realidade perfeitamente calmos. Talma era assim.

Mas outros sentem realmente, adoeçam da doença dos seus personagens.

A opinião mais corrente favorece estes últimos e uma frase conhecida jante que só o que sal do coração chega ao coração. Sem discutir aqui este caso, o que se pode affirmar com segurança é que quando nós sobemos que um autor de versos pessimistas era realmente um pessimista, porque tinha para isso motivos bastantes, esse fato o reveste a nossos olhos de uma certa aureola de martirio, que lhe valoriza os versos.

Por isso, versos como os de Leopardi e de Anthero de Quental se leem sempre com emoção maior de que se nós sobúsemos que eram feitos por tipos sadios e alegres.

Em alguns casos, como por exemplo no de Antonio Nobre, pode bem dizer-se que metade do seu mectamento poético veio do tuberculoso.

Com Augusto dos Anjos isso também é quase verdade.

Metricífico sempre admiravelmente bem, teve muitos idéios belissimos, mas tudo isso, graças ás inomináveis extravagâncias do fôrmo, que os revela, teria passado despercebido, se ele não tivesse sido, a mais, a aureola do martirio.

Le-se o seu livro como se iria ver a obra de um ourives louco, que tivesse torlado ouro massico e feito com ele um bloco estranho, áspero, onirafuoso, sem representar coisa alguma, tendo apenas, aqui e ali, recipientes, para dejectos imundos...

E quem visse isso exclamaria: "Quanto ouro perdido! Quanto ouro mal applicado!"

Mas bem ou mal applicado, era ouro, ouro de lei.

Esse rapaz, morto aos 29 anos, após uma vida que foi antes uma prolongada agonia, não deixou versos de amor. A unica poesia, que precisamente tem esse titulo "Versos de Amor", diz:

"Parece muito doce aquela cano, Descasca-o, prova-o, chupa-o... Ilusão trefda!

O amor, poeta, é como a cana açeda: a toda a boca que o não prova engana..."

Mas esse homem coscu, teve filhas. Ao primeira, que nasceu morto, ele fez um soneto espontaneo, que acaba aliós com um disparate filosófico, falando no "nomencladad do não-ser". Aos outros disse também em uma quadra que está acimo citada, que com o seu "catalítico prestigio" sustentavam o seu "fantasma de carne possessora".

A forma é, como em geral no livro inteiro, bizarra, mas ele assegurava que a simples presença deles lo catalítico prestigio bastava para reanimá-lo.

Parece, portanto que no seu pessimismo, superior ao de todos os pontos de todos os tempos, o que ele leve foi vergonha de cantar certas sentimentos intimos. Talvez o horror de saber que era um semeador de morte o impedisse de ter effeitos, que em outras condições manifestaria.

O seu livro não tem igual no nosso literatura. E' uma monstruosidade. O que há de ap. is é que sob tal monstruosidade palpita um formidavel talento...

L'ornel do Comércio", 30-9-9281.

Queixas noturnas - Augusto dos Anjos

Quem foi que viu a minha Dor chorando?
Sato, Minha alma sae agoniada,
Andam monstros sombrios pela estrada
& pela estrada, entre estes monstros, ando!

Não trago sobre a túnica fingida
As insignias medonhas do infeliz
Com os falsos mendigos de Paris
Na atra rua de Santa Margarida.

O quadro de aflições que me consomem
O próprio Pedro Americo não pinta...
Para pintá-lo, era preciso a tinta
Feita de todos os tormentos do homem!

Como um ladrão sentado numa ponte
Espera alguém, armado de arcabus,
Na ância incoercível de roubar a luz,
Estou à espera de que o Sol desponete!

Bati nas pedras dum tormento rudo
E a minha máguia de hoje é tão intensa
Que eu penso que a Alegria é uma doença
E a Tristeza é minha única saúde!

As minhas roupas, quero até rompê-las!
Quero, arrancando das prisões carniús,
Viver na luz dos astros mortuários,
Abraçado com todas as estreitas!

A noite vai crescendo apavorante
E dentro do meu peito, no combate,
A Eternidade esmagadora bate
Numa dilatação ezorbiante!

E eu luto contra a universal grandeza
Na mais terrível desesperação,
E' a luta, é o prêmio enorme, é a rebelião
Da criatura contra a natureza!

Para essas lutas uma vida é pouca
Inda mesmo que os músculos se esforcem;
Os pobres braços do mortal se torcem
E o sangue jorra, em coelhos, pela boca.

E muitas vezes a agonia é tanta
Que, rolando dos últimos degraus,
O Hercules treme e vai tombando no céu
De onde seu corpo nunca mais levanta!

E' natural que esse Hercules esforce,
E tombe para sempre nessas lutas,
Estrangulado pelas rodas brutas
Do mecanismo que tiver mais força.

Ah! Por todos os séculos vindouros
Há de travar-se essa batalha vã
Do dia de hoje contra o de amanhã,
Igual à luta dos cristãos e mouros!

Sobre histórias de amor o interrogar-me
E' vão, é inútil, é improficuo, em suma;
Não sou capaz de amar mulher alguma
Nem há mulher talvez capaz de amar-me.

O amor tem tapas e tem caídos dentes
E ao mesmo tempo que faz bem, faz mal;
O coração do Poeta é um hospital
Onde morreram todos os doentes.

Hoje é amargo tudo quanto eu gosto:
A benção malutina que recebo...
E é tudo: o pão que como, a água que bebo,
O velho tamarindo a que me encostei!

Vou enterrar agora a harpa doênia
Na atra e assombrosa solidão feroz
Onde não cheguem o eco duma voz
E o grido desairado da dissidência!

Que dentro de minha alma americana,
Não mais palpite o coração — esta arca,
Esta relógio trágico que marca
Todos os atos da transição humana! —

Seja esta minha queixa derradeira
Cantada sobre o túmulo de Orpheu;
Seja este, enfim, o último canto meu
Por esta grande noite brasileira!

Melancolia! Estende-me a tua asa!
Es a árvore em que deito reclinar-me...
Se algum dia o Praxer vier — não sei —
Dize a este monstro que eu fugi de casa!

Quatro sonetos do poeta de "Eu"

A FOME E O AMOR

A um monstro

Fome! E, na ónsia voraz que, óvida, aumenta
Recoando outras mandíbulas a esbanguem,
Os dentes antropófagos que rangem.
Antes da releição sanguinolenta!

Amor! E a satiriasis sedenta
Rugindo, enquanto as almas se confrangem,
Todas as danações sexuais que abrangem
A upolínica besta famelenta!

Ambos assim, irragando a ambiência vosta,
No desembestamento que os arrasta
Suber-excitadíssimos, os dois

Representam, no ardor dos seus assomos
A alegoria do que outrora fomos
E a imagem branca do que inda hoje sois!

HOMO INFIMUS

Homem, carne sem luz, criatura cega,
Realidade geográfica infeliz,
O Universo calado te renega
E a tua própria boca te maldiz!

O nomenclato e o fenómeno, o alfa e o omega
Amarguram-te Mebdónadas hostis
Passam... Teu coração se desagrega,
Sangram-te os olhos e, entretanto, ris!

Fruito injustificável dentre os frutos,
Montão de estercoarria argila preta,
Excrecência de terra singular,

Deixa a tua alegria aos seres brutos,
Porque, na superfície do planeta,
Tu só tens um direito. — o de chorar!

A NAU

A Heitor Lima

Sôfrega, alçando o hirto espárido guerreiro,
Zarpa. A ingrene cordoalha úmida fica...
Lambe-lhe a quilha a espúma onda impudica
E ébrios tridentes, babando, haurrem-lhe o cheiro!

Na glauca artéria equívoca ou no estaleiro
Ergue a alta mastreação, que o Ester indica,
E estende os braços de madeira rica
Para as populações do mundo inteiro!

Aguarda-a ampla reentrância de angra horrenda,
Para e, a amarra aparrada à ôncora, sonha!
Máguã, se as tem subjugue-as ou disjarce-as...!

E não haver uma alma que lhe entenda
A angústia transeacânica medonha
No rangido de todas as encurrais!

VOLÚPIA IMORTAL

Cuidas que o genesiaco prazer,
Fome do átomo e curímico transporte
De todas as moléculas, aborte
A hora em que a nossa carne apodrecer?!
Não! Essa luz radial, em que arde o Ser,
Para a perpetuação da Espécie forte,
Tragicamente, ainda depois da morte,
Dentro dos ossos, continua a arder!

Surdos destarte a apóstrofes e brados,
Os nossos esqueletos descarnados,
Em convulsivas contorsões sensuais,
Haurindo o gás sulfúdrico das covas,
Com essa volúpia das ossadas novias
Hão de ainda se apertar cada vez mais!

QUATRO SONETOS POUCO CONHECIDOS DE AUGUSTO DOS ANJOS

A MÁSCARA

Eu sei que há muito pranto na existência,
Dores que ferem corações de pedra
E onde a vida borbulha e o sangue medra
Ai existe a máguia em sua essência.

No delírio, porém, da febre ardente,
Da ventura fugaz e transitória,
O peito rompe a capa tormentória
Para sorrindo palpitar contente.

E assim a turba inconsciente passa,
Muitos que egolam do prazer a taça
Sentem no peito a dor indefinida.

E entre a máguia que a máscara eterna apouca
A Humanidade ri-se e ri-se louca
No carnaval intermínio da vida!

O MAR

O Mar é triste como um cemitério
Cada rocha é uma eterna sepultura
Banhada pela imaculada brancaura
Das ondas em bramir louco e funéreo.

As vagas neste abismo insano e tredo
Amorrialhando lúgubres destroços
Semelham mãos chorando sobre os ossos
De amados filhos que perderam cedo

Quando a cândida espuma dessas vagas,
Banhando a fria solidão das frayas,
Onde a quebrar-se tão fugaz se estuma,

Reflete a luz do sol que já não arde,
Dorme na treva a púrpura da tarde,
Chora a saudade entulhada nesta espuma!

O NEGRO

Oh! negro, oh! filho da Hotentóttia ufana
Teus braços bronzeos como dois escudos
São dois colossos, dois gigantes mudos,
Representando a integridade humana!

Nesses braços de força sobe a na
Gloriosamente à luz do sol desnudos
Ao bruto encontro dos ferros agudos
Geme: por muito tempo a alma africana!

No colorido dos teus bronzeos braços,
Fulge o fogo mordente das mormaços
E a chama fulge de solar brasileiro.

E eu cuido ver os múltiplos produtos
Da Terra as flores e os metais e os frutos
Simbolizados nesse colorido!

AMOR E RELIGIÃO

Conheci-o. Era um padre, um desses santos,
Sacerdotes da Fé de creença pura,
Da sua fala na eternal doçura,
Falava o coração. Quantos oh! quantos,

Ouviram dele frases de candura
Que de infelizes enaguraram prantos
E como alegres não ficavam tantos
Corações sem prazer e sem ventura?!

No entanto dizem que esse padre amara,
Morrera um dia, desvalrado, esulto,
— Su'alma livre para o céu se alara,

E Deus lhe disse: "E' duas vezes santo
Pois se da religião fizeste culto,
Foste do amor o mártir sacrosanto!"

NOTA SOBRE AUGUSTO DOS ANJOS

A 12 do corrente, passou a falta da morte de Augusto dos Anjos. Em nossa edição daquela dia publicamos sobre o poeta do "Eu" uma nota da autoria de Manuel Bandeira. Aqui reproduzimos a notícia biográfica sobre Augusto dos Anjos, escrita pelo admirável poeta de "Carnaval" e da "Cinza das horas".
Faz hoje vinte e sete anos que falecia na cidade de Leopoldina, zona da Mata mineira, o poeta Augusto dos Anjos. Os seus restos já repousam a sombra de uma bogavilha lilá, e na lápide do seu túmulo lê-se apenas isto: "Augusto dos Anjos, Poeta parabaiano, nascido em 1884, falecido em 12-

11-914". Havia quatro meses que o poeta chegara àquela cidade, para onde o nomeara diretor do grupo escolar, o dr. Americo Leopoldino secretário do Interior de Minas.
Augusto dos Anjos nascera no engenho Pau d'Arco, à beira do rio Una, no dia 29 de abril de 1884. Aos dezesseis anos vinha para a capital da Paraíba, a fim de prestar exames no Liceu. Orla Soares, que o conheceu então, descreve-o como "um pássaro molhado, todo encolhido nas asas

com medo da chuva". Terminados os preparatórios, seguiu o poeta para Recife em cuja Faculdade de Direito se bacharelou aos 23 anos. Dedicou-se, porém, ao magistério e foi sucessivamente professor de Literatura no Liceu Pernambucano, de Geografia na Escola Normal e do Internato do Colégio Pedro II, desta capital. Atacado de tuberculose, procurou os bons ares de Minas, e alguns dias descreveu então "magro, de faces roncitrantes, olhos profundos, olheiras violáceas e

testa escalvada". Conta-se que o poeta para Recife escreveu o belo soneto intitulado "Último número".
Poeta desde menino, pois os seus primeiros versos datam dos sete anos, escreveu aos dezesseis o "Monólogo de uma sombra", e vindo em 1910 para o Rio, publicou dois anos depois o livro "Eu". Título bem expressivo da marcada originalidade desses poemas, entre os quais se contam alguns dos sonetos mais patéticos da nossa poesia. O livro despertou

atenção desde a capa, tomada pelas letras garrafais em vermelho do promome "haizabale". Houve muita gente que levasse a mal a terminologia cientíca abundante naquelas versos de mistura com acentos pingentes de tristeza e amargura. Mas foi certamente este último elemento que tornou popular a poesia de Augusto dos Anjos. E é curioso constatar que enquanto outros poetas de expressão mais acessível vão deixando de ser lidos, as edições do livro de Augusto dos Anjos se sucedem (há encareceram oito). Onde se pode concluir que o público já integrou o nome do grande poeta da Paraíba no patrimônio lírico dos brasileiros.

Noite de um visionário

Número cento e três. Rua Direita.
Eu tinha a sensação de quem se estofa
E inopinadamente o corpo atola
Minha poça de carne liquefeita!

— "Que esta alucinação tãtil não cresça!"
— Dizia; e erguia, oh! céu, alto, por ver-vos,
Com a rebeldia acérrima dos nervos
Minha potentíssima cabeça.

E a potencialidade que me eleva
Ao grande Deus, e absorve, em cada viagem
Minha alma — este sombrio personagem
No drama panteístico da treva!

Depois de dezessete anos de estudo
Generalizações grandes e ousadas
Traíam minhas forças concentradas
Na compreensão monística de tudo.

Mas a aguadilha pátrida onbto inermem
Me aspergia, banhava minhas líbias
E a eia se aliviava o ardor das sírtes líbias,
Cortando o melanismo da epiderme.

Arimando gênio destrutivo
Desconjuntava minha autônoma alma
Esbaldando essa unidade calma,
Que forma a coerência do ser vivo.

E eu saí a tremer com a língua grossa
E a volição no cumulo do exício,
Como quem é levado para o hospício
Aos trambolhões, num canto de carroçal

Perante o inexorável céu nesso
Agregações abióticas espúrias,
Como uma cara, recebendo injúrias,
Recbiam os cuspos do desprezo.

A essa hora, nas telúricas reservas,
O reino mineral americano
Dormia, sob os pés do orgulho humano,
E a cimilha minúscula das ervas.

E não haver quem, íntegra, lhe entregue,
Com os ligamentos glóticos precisos,
A liberdade de virar em riso
A angústia milenária que o persegue!

Boia nos obscuros labirintos
Da fértil terra gorda, úmida e fresca,
A infima fauna abscondida e grotesca
Da família bastarda dos helmintos

As vegetalidades subalternas
Que os serenos noturnos ornavam,
Pela alta frieza intrínseca, lembravam
Toalhas molhadas sobre as minhas pernas.

E no estreme fresquíssimo da gleba
Formigavam, com a simplice sarcode,
O vibrão, o ancilóstomo, o colpode
E outros irmãos legítimos da amóeba!

E todas essas formas que Deus lança
No Cosmos, mas pediam, com o ar horrível,
Um pedaço de língua disponível
Para a filogenética vingança!

A cidade exalava um podre bafo:
Os anúncios das casas de comércio,
Mals tristes que as elegias de Propércio,
Fareciam talvez meu epitáfio.

O motor teleológico da Vida
Parara! Agora, em diástoles de guerra,
Vinha do coração quente da terra
Um rumor de matéria dissolvida.

A química feroz do cemitério
Transformava porções de átomos juntos
No óleo malsão que escorre dos defuntos,
Com a abundância de um "geyser" deletério.

Dedos denunciadores escreviam
Na lígubre extensão da rua preta
Todo o destino negro do planeta,
Onde minhas moléculas sofriam.

Um necrófilo mau fervava as lousas
E eu — coetâneo do horrendo raticulismo —
Era puxado para aquele abismo
No rodomeinho universal das cousas!

UM LIVRO

Relendo agora o "Eu" de Augusto dos Anjos, acrescido de várias poesias anteriores ou posteriores a esse livro, graças a cuidadosos recoll. d. sr. Orris Soares, prefaciador atencioso e lucido do poeta parabalno, revejo aquela singular figura, qual a vi em 1912, nas vizinhanças da Muda da Tijuca, onde o pobre Augusto ia, premido pela necessidade, dar lições a uma família abastada do bairro.

Revejo-o magro, todo em arestas, andando meio a cair para a frente e com um vivacidade nervosa que emprestava ao menor dos seus movimentos a importância de um gesto categorico, decisivo. "Minha a pele acobreada dos malaios e a andar, tão erquético que se sentia a impressão de ouvir-lhe os estalidos da caracassa mal azetada, dizia, com um ar timorato, coisas de significação bastante atrevida.

Depois, foi para uma cidade de Minas dirigir um grupo escolar, e lá morreu nos vinte e nove anos de idade, mais cansado do que um octogenário.

Mas o seu livro ali está, imortal.

Tudo fez ele para comprometer-se diante da glória, para dar náuseas aos leitores, para desconcertá-los, afugentá-los com detalhes de enfermaria e necrotério. Saturado dos resíduos, bem notistas, de um cientificismo tolosco, de epigrama retardado da escola de Recife, Augusto dos Anjos aproveitou os últimos lampejos de evolucionismo de Haeckel e Spencer, sobrecarregand. os seus versos de expressões arresvadas, que tresandam a compêndio para exame: moneras, caos telúrico, cósmico segredo, movimentos rotatórios, metapequismo, tropismo, vida fenomenica, desespero endêmico, eterizações, energia intra-atômica, quimiotaxia, estratificações, zooplasmia, megatérios ellipse, dialectica, fonemas, fotofensas, etc.

Alinhava estrofes que chelram à salmoura de cadáveres do anfitrião da Santa Casa, praticando a rigor, o Romantismo do Macabro:

E' uma trágica festa emocionante!
A bacteriologia inventariante
Toma conta do corpo que apodrece...
E até os membros da família sang.
Vendo as larvas malignas que se em-
brulham
No cadaver mal são, fazendo um "se-"

Ou, com arte mais expressiva,
ofertava-nos isto:

Os esqueletos desarticulados,
Livres do acto fêdor das carnes
Inortas.
Rodopiavam, com as brancas bíbias
fôrtas,
Numa darna de números quebrados!

Sim, é inocultável o seu abuso das minúcias de lazareto e manicômio. Quem quer que se debruce sobre os seus poemas não deixa de ficar aturdido. O pessimismo do autor fascina-nos como um poço de sombra. E' que o obsedavam o horror à morte, o pavor da decomposição, e, não raro, sentia ele nas rosas mais fragrantés um fêdor a queijos podres ou a carnes humanas locadas pela sãno final.

Embora fosse de um pudor inventível e enxergasse no vicio uma deslegância do espirito, arrastava-se entre visões de incubos e súcubos, tonteado por mil pesadelos monstruosos em que homens e bestas se confundiam nas atitudes mais alucinantes.

Teria sido meio abúlico, sem sangue e músculos fortes que o ajudassem a agarrar a vida pelos cabelos e a subjuga-la. A fobia (distarçada em "filia") da covã, e a possibilidade do ver desaparecer nesta a alma despojada da vestimenta carnal, conduziu-o para o panteísmo, no desejo de dissolver-se e, logicamente, renascer no seio do cosmos.

E desandava a falar em intestinos, úlceras e antraes,

humus dos monturos, mosca da putrefação, fetos, vermes, bacterias, visceras, carnes pobres, placentas, cuspo, tosse, expectoração pútrida, aneurismas, zecarras, incestos, caspa, vômito, asma, pustulas, antropofagia, clonca, azaros, escarradeiras, cancerosidades, odor cadaveroso, tétano, peçonha, apostema escrofulosa, estrume, etc. Tinha passagens como esta, que se me affigura simples charada zool-farmacologica:

Naquela angustia absurda e traci-
comica
Eu chorava, rolando sobre o braço.
Com a contorsão neurótica de um
bicho
Que ingeriu 36 grammas de nux-vomica.

Frequentemente, repetia Cesario Verde, o confrade que talvez haja exercido maior influencia nele e a quem bastantem se assemelha, pela mescla sistemática de lirismo e sarcasmo, de ternura e brutalidade. Ambos versavam em ângulos agudos, em riscos incisivos, cortantes como laminas, em irras chelas de ácidos e gumes, atralidos ambos pelos pratos avinagrados e pelos frutos verdes ou podres, nunca em beuzação. Ambos gostavam dos nomes de molestias e dos termos de quimica, dos contactos ásperos, dos perfumes ambiguos, das paisagens em desali... das músicas dissonantes, vaci-

lando entre o anjo e o macaco, o êxtase e o terror, o estupro e o sonho, a um tempo fidalgo e plebeus, amigos simultâneos da cidade e do campo, das perfumarias do centro e dos estabulados de arrabalde, e expandindo-se em antitezes ainda bem, ainda muito românticas, em exagero dos objetivos em serm.

Como em Cesario, persistia em Augusto, a proposito de infecção e decomposição, certa volúpia feraz de escandalizar o burguês, ou seja o velho prazer aristocrático de, tanto quanto possível, contrariar os escrúpulos do próximo. Isto, assinado pelo artista português, ficaria muito bem na entonação geral do seu livro póstumo:

Em torno a mim, nesta hora, estrigra
Evania,
E o cemitério, em que entro, acrede
Dá-me a impressão de um boulevard
Isto é, (que lado,
pela degradação dos que o povoam,
Ser homem! escapar de ser aburto!
Sair de um ventre inchado que
Lança
Comprar vestidos pretos numa loja,
E andar de luto pelo pai que é morto!
Barulho de mandíbulas e abdomens
E vem-me com um desprezo por
Tudo isto
Uma vontade absurda de ser Cristo
Para sacrificá-me pelos honras!
Avista o vulto das sombrías granjas
Perdidas no alto... Nos terrinos
[balso].

"EU", DE AUGUSTO

Todos os brasileiros tem medo de editar livros de versos. E' razoavel esse temor porque do Brasil não há poeta nenhuma que nunca tenha feito versos: Joaquim Nabuco, Ruy Barbosa, Epitacio Pessoa, Francisco Glycerio, etc., etc. O maior volume de versos publicado, nos últimos tempos, é do sr. Reis Carvalho, o mesmo poeta de todos os positivistas, — adoradores de Clotilde e, paradoxalmente, terríveis matadores da poesia. O sr. Rodrigo Octavio, respeitavel juriconsulente, é autor dos "Pampanos" e nos "Idilios". Houve quem dissesse que o sr. João Ribeiro é, acima de tudo, poeta. Não é verdade. Ele mesmo já declarou que nasceu para pintor e creio que chegou mesmo a tomar parte numa exposição de artes plásticas, ao tempo em que Alberto Silva, autor dos "Nomades" e "Sedentários", também fazia quadros. Farias Britto, o nobilissimo pensador da "Finalidade do Mundo", escreveu os "Cantos Modernos". O moralista Nestor Victor, a quem Cruz e Souza deve a immortalidade, é autor das "Transfigurações", Medeiros e Albuquerque, o homem mais inteligente do Brasil, é autor de três ou quatro volumes de versos. Antonio Torres, integralmente jornalista, é o Armando Silvio, autor das "Horas Místicas", publicadas em Diamantina, e do "Carmen Tropical", que ele, convenientemente, defende, numa curiosissima nota-préfacio. E, pior ainda, às vezes, a gente vai conversar com um chefe de seção, que é um excelente burocrata, e fica sabendo que ali está o autor de um livro de poemas que, há muitos anos, encara serenissimo como uma múmia — o curioso que visita a Livraria Quarentena.

O editor sabe de tudo isso, melhor do que nós, e quando lhe falou em editar versos, arrepia-se todo. Pois lideado por esses fatos o editor, sr. A. J. de Castilho, acaba de fazer mais uma edição dos versos de Augusto dos Anjos.

O elegio a esse poeta ficou sendo perfeitamente desnecessário. Em todo caso vou recordar umas coisas em torno desse livro: Augusto dos Anjos surgiu, no Rio, com a sua figura de passado exausto, quando Hermes Fontes atordava-se ao barulho impudico das "Apoteoses". Ele surgiu algum tempo depois, mas a estreia de Hermes Fontes ainda era o livro do momento.

— Ah! este é maior que o Hermes Fontes! dizem os que não sabem admirar distinguindo livremente, e só sabem louvar comparando. São inteligências que se equilibram por essa forma.

E a comparação, entretanto, é a maneira menos positiva de julgar. Mas naquele momento a questão era ser maior que o Hermes Fontes.

Então, era lembrado o "Sangue", de Da Costa e Silva, o grande livro do autor de "Verônica", e o "Ementário", de Gustavo Teixeira, poeta paulista de que nunca mais tive noticia. Excelente poeta, esse Gustavo Teixeira, que encontrei Vicente de Carvalho com uma quadra que ainda sei de cor:

Quem perde uma ilusão vidente nada perde
Pois outras ilusões
Se abrem no coração que é uma rosetra verde
Coberta de botões...

E outros livros antavam as conversas daquele tempo de lindas revelações. — "Selvas e Céus", de João Pereira Barreto; "Encicliaras", de Theodorico de Brito; "Estro", de Carlos Mauel; "Luz Gloriosa", de Ronald de Carvalho; "Poesias", de Goulart de Andrade; "Legenda da Luz e da Vida", de Alvaro Morcya; "Vida Extinta", de Felipe d'Olveira; "Anforax", de Agrippino Gracco, que a Academia de Letras laureou pelo julgamento de Araripé Junior e creio que de Raymundo Corrêa; "Solidão", de Thomé Reis; "Sonetos", de José Ottilico; "Primeiras Poemas", de Heitor Lima; "Angelus", de Olegario Maranhão, o único simbolista que a Academia aceitou: — para dar força ao bando artistico de Gonzaga Duque, modifio a frase: — o unico simbolista que acellou a Academia.

Dos livros desse tempo destacou-se o "Eu", pelo super-individualismo, e foi discutido como nenhum outro: negado terminantemente; aplaudido sem restricções, como ainda se costuma dizer. Morto Augusto dos Anjos, seu livro tornou-se uma raridade o

Augusto dos Anjos

IMORTAL - Agripino Grieco

A ilha de Cipango

Das lanças e do admira os cachos e a ampla circunferência das lanças.

Augusto dos Anjos escreve:

Dessa homogeneidade indetida Que o insigne Herbert Spencer nos [ensina.

Cesario Verde escreve:

Cá se empalham as "maças d'espelho" Que Herbert Spencer talvez tenha [convido.

Modesto em pessoa, incapaz de usar uma gravata rubra ou de falar alto no bonde, Augusto dos Anjos encapuçou, parodoxamente, o seu livro com um título egolatra em duas grandes letras vermelhas, não obstante o seu amor à cor negra, ocorrendo-se de singularidades, entre pueris e orgulhosas, que o tornam dificilmente catalogável nas categorias oficiais da poesia e o deixam entre os "out-law" da arte, espantando os florilegios e as histórias da literatura.

Mas que poeta era ele quando se evadia da obsessão fisiológica, cirúrgica, patológica em suma, e abria as janelas e se limpava e se arrejava! Deixando a paródia ririca, da ciência materialista do monismo e de outras teorias em bancarrota, e contentando-se com ser apenas lírico, num amargor ainda assim otimista, porque

não se insulta assim senão aquilo que ainda se ama, fex coisas que nos consolam de ser patriotas de tantos cérebros sub-baltemos e nos reconciliam com a tão injuriada língua portuguesa, mostrando que ela também possui acústica para a repercussão das vozes eternas. Tal no cristianismo "Carnelino morto."

Quando a face tangeu no teu pescoço, Ao manstro que espremeu teu sangue [grosso. Teus olhos — fontes de perdão — [perdoaram —

O visionário que, adorando quanto os demais desprezam, aludia ao estorco franciscanamente, com uma espécie de melgulec, e enxergava um "irmão mais velho" no "animal inferior que urra nos bosques;" o sonhador que nada desejava rir da sua afeição, achando que, na harmonia universal, um sapo vale a primavera, era exatamente admirável quando se voltava contra si mesmo, contra a sua estética violentamente realista.

Objetarão: mas o seu vocabulário técnico é impecável, mas a sua monomania de putrefação era explicável, porque a vida lhe foi uma constante molestia, porque um tuberculoso como ele não poderia furtar-

se à visão, ao horror do pú e sangue em que se destazia! Elm, mas não é por isso que ele é grande e tantas vezes crepita em faúlhas de gênio. E' apesar disso. Ele é maravilhoso quando sofre e se queixa com a simplicidade das outras criaturas, sem erudição de hospital, quando se expande na velha linguagem de paixão e amargura que os homens soluçam desalvorada do mundo, quando se exprime, nobremente ativo:

Melancolia! Estende-me a tua sem! Ex a árvore em que devo reclinarme. Se algum dia o Prazer vier pro- [curar-me!

Eu, depois de morrer, depois de Tristeza, quero, em vez do nome — [Augusto. Pousar aí o nome de um arbusto Qualquer ou de qualquer obscuro [planta!

Bati nas pedras de um tormento [trude E a minha mágoa de hoje é tão [intrusa Que eu penso que a Alegria é uma [doença E a Tristeza é minha única saúde!

Ai está o elegico inegalável, poeta de cabeceira de tantos noços, diamante negro, astro negro de todo um período de nossa poesia.

apaixonado delírio da própria enfermidade — forçoso é confessá-lo — está sempre atento, senão o pensador, ao menos o artista, o versificador inexcusável que convertia o ritmo na melhor substância plástica para os seus dedos ágeis. Como o teu verso corre, circula livre-

mente entre os termos mais rebarbativos, sem um empeco, um cambaleio, um acesso de gaguez! Como ele enfiava, umas nas outras, palavras difíceis, que ele próprio tinha o cuidado de acentuar escrupulosamente, para ajudar a dição do leitor de poucas letras! O trabalho de forma de estilo, é sempre irreprochável nesse escoreito rimador. Senão, veja-o o que se segue, a propósito de uma nau:

Sofrega, atando o birto esporão [ferreiro. Zarpa. A ingreme cordalho unida [tica... Lambe-lhe a quilha a espuma ainda [impudica E ébrion tristes, babando, haurim-lhe [cheiro! Na glouca artéria equbre ou ao [testeiro Ergue a alta mastroacho, que o Elze [indica... Aguarda-a ampla recumbência de an- [tra barrenda. Para e, a umbra aparrada à óscora, [sonha!

As vezes didático, parecendo fazer anatomia em verso para auxiliar memoricamente os examinandos da Escola de Medicina, esse contemplativo, de imagens, forradas de veludos negros, traia o abuso, a 1830, das caveiras e discos, sobre necrópotes no m de Gray e Young, incidindo num macabro muito cerebral, calculado, premeditado à Rollinat:

Como ama o homem adúltero o [adulterio E o ébrio a garrafa tóxica de rum, Amo o covêto — essa latrão comum Que arrasta a gente para o covê- [trio!

No fundo, porém, era um afeitivo, ao que prova a dedicatória do livro à Mãe, Esposa, filha e Irmãos (entre os quais há um satírico estimável), o ex-julg Agripino dos Anjos), e os sonetos do "Eu" ao pai morto e ao filho-feto serão mais literários que sinceros para aturdir o cliente vulgar, tanto o homem de letras é sempre — queira-o ou não — homem de letras, é o comediantes de si mesmo e das suas próprias desgraças.

Os poemas do "Eu" são era geral desconexos, a pretexto de serem ditados por vozes de espectros, que repetem a boca de sombra de Vitor Hugo das zo- (Continua na pag. seguinte)

Estou sozinho! A estrada se descobre Como uma inensa e rutilante cobra De epiderme finíssima de areia... E por essa finíssima epiderme Eis-me passeando como um grande verme Que, ao sol, em plena podridão, passcia!

A agonia do sol vai ter começo! Caio de joelhos, trêmulo... Ofereço Precês a Deus de amor e de respeito E o Ocaso que nas águas se retrata Niridamente reproduz, exata, A saudade interior que há no meu peito...

Tenho alucinações de toda a sorte... Impressionado sem cessar com a Morte E sentindo o que um lízaro não sente, Em negras nuances lúgubres e aziaças Vejo terribilíssimas adagas, Atravessando os ares bruscamente.

Os olhos volto para o céu divino E observo-me pigmeu e pequenino Através de minúsculos espelhos. Assim, quem diante duma cordilheira, Para, entre assombros, pela vez primeira, Sente vontade de cair de joelhos!

Soa o rumor fatídico dos ventos, Anunciando desmoronamentos. De mil lagedos sobre mil lagedos... E ao longe soam trágicos fracassos De heróis, partindo e fraturando os braços Nas pontas escarpadas dos rochedos!

Mas de repente, num enleio, doce, Qual se num sonho arrebatado fosse, Na ilha encantada de Cipango tombo, Da qual, no meio, em luz perpétua, brilha, A árvore da perpétua maravilha, A cuja sombra descansou Colombo!

Foi nessa ilha encantada de Cipango, Verde, afetando a forma de um losango, Rica, ostentando amplo floral risenho, Que Toscanelli viu seu sonho extinto E como sucedeu a Alfonso Quinto Foi nessa ilha que extingui meu sonho!

Lembro-me bem. Nesse maldito dia O gênio singular da Fantasia Convidou-me a sorrir para um passeio... Iríamos a um país de eternas pazes Onle em cada deserto há mil oásis E em cada rocha um cristalino veio.

Gozei numa hora séculos de afagos, Banhei-me na água de risenhos lagos E finalmente me cobri de flores... Mas veio o vento que a Desgraça espalhou E cobriu-me com o pano da mortalha, Que estou cosendo para os meus amores!!

Desde então para cá fiquei sombrio! Um penetrante e corrosivo frio Anestesia-me a sensibilidade E a grandes golpes arrancou as raízes Que prendiam meus dias infelizes A um sonho antigo de felicidade!

Invoco os Deuses salvadores do erro. A tarde morre. Passa o seu enterro!... A luz descreve zig-zags tortos Enviando à terra os derradeiros beijos, Pela estrada feral dos realejos Estão chorando meus amores mortos!

E a treva ocupa toda a estrada longa... O Firmamento é uma caverna oblonga Em cujo fundo a Via-láctea existe. E como agora a lua cheia brilha! Ilha maldita vinte vezes, a ilha Que para todo o sempre me fez triste!

Augusto dos Anjos

DOS ANJOS - Mario José de Almeida

chegou a valer mais de 500000 exemplar. Veio a segunda edição, esgotou-se; feita a terceira, toda gente comprou o livro extraordinário! Esse é um poeta, quero dizer é um espírito necessário à evolução do pensamento. A obra de Augusto dos Anjos viverá em todas as fases da poesia; é um livro sincero, feito de uma Arte inevitável, a quem o escreveu e a quem o lê. Não tem nenhuma relação com a "poesia científica" que foi apenas uma atitude de inteligências que queriam ser diferentes.

Em Augusto dos Anjos acentua-se, a cada página, a sua individualidade legítima e lúcida. "Augusto dispunha de um poder de penetração quase enigmático", diz o seu amigo íntimo e equilibrado prefaciador Orris Soares.

Não é fácil escolher entre as suas páginas.

Mas citemos dois sonetos, forma que parecia inaceitável, depois da divulgação da arte que aí anda, — a arte de todos os ritmos:

Tome, dr., esta tesoura e... corte Minha singularíssima pessoa. Que importa a mim que a bicharia roa, Todo o meu coração, depois da morte?!

Ah! Um urubú pousou na minha sorte! Também, das diatomáceas da lagoa A criptogama capsula se esbroa Ao contacto de bronca destra forte!

Dissolva-se, portanto, minha vida Igualmente a uma célula calda Na aberração de um óvulo infecundo;

Mas o agregado abstrato das saudades Fique batendo nas perpétuas grades Do último verso que eu fizor no mundo! Escusarado corruptido idiota, Olha a atmosfera livre, o amplo eter belo, E a alga criptogama e a usnea e o cogumelo Que do fundo do chão todo o ano brota. Mas a ansia de alto voar, de à antiga rola Voar, não teus mais! E, pois, preto e amarelo, Põe-te a assobiar, bruto, sem cerebeto A garralhada da última derrota.

A gaiola aboliu tua vontade. Tu nunca mais terás a liberdade!... Ah! tu somente atáris é igual a mim.

Continua a comer teu milho alpiste. Foi este mundo que me fez tão triste Foi a gaiola que te pôs assim!

O livro de Augusto dos Anjos e a "Luz Mediterrânea", de Raul de Leoni, também agora reeditado, vieram renovar o prestígio do soneto, que parecia totalmente vencido. E são dois poetas modernos, que todos aplaudem condenando assim, sem nenhuma preocupação reaccionária, a estética da desarrumação. Augusto dos Anjos não se valeu sequer do verso polimétrico e o seu livro possui todos os ritmos interiores que fazem a poesia; que ilumina todas as artes. Não pode haver dúvida: o "Eu" e a "Luz Mediterrânea", realizando o milagre das reedições sem "camouflagem", estão exigindo que os actualistas nos apresentem alguma obra capaz da mesma irradiação. É necessário que isso não demore porque do contrário teremos para este Brasil a dentro uma apavorante ressurreição de sonetismo; tanto mais que os versos de Luiz Delfino estão ameaçando, com seus bons e maus exemplos, a todas as conquistas dos caudatários de Marinetti, que ainda não smconstram a expressão definitiva da Nova Arte.

**UM LIVRO
IMORTAL**

(Continuação da pág. anterior)

nas de mistério. Mas, entre os sonetos há no mínimo melancolia que são das mais puras melodias saídas em qualquer tempo da alma brasileira, e repassadas de uma ternura que chega a doer-nos o coração, com algo de dulcíssima punhalada.

"O Morcego" é robusto de Ideação e belíssimo de execução, vindo-se a imagem do remorso tomar o obsessante relevo do olho hugano que persegua Caim.

Na "Idéia", ciência e poesia se conciliam num trabalho perfeito, o seu que a primeira oprimia a segunda, sentindo-se bem o pensamento em marcha que bruscamente esbarra "no mullambo da língua parafítica".

"Debaixo do Tamarindo" é — com a hipérbole, também romântica, das lágrimas — a efêmera vida animal querendo prolongar-se pantelisticamente na vida dos troncos e das raízes:

No tempo de meu Pai, sob estes iglhos,
Como uma vela fúnebre do cora,
Chorei bilhões de vezes com a náusea
De incorrutibilissimos trabalhos!

Quando pararam todos os relógios
Da minha vida, e a voz dos neófitos
Gratiz nos noticiários que eu morri,
Voltando a pátria da homogeneidade,
Abençoada com a própria eternidade!

A minha sombra há de ficar aqui!
"Buddismo moderno": eis um altivo desafio à Dor, à Morte, apenas entravado por três versos excessivamente botânicos do segundo quarteto, mas libertando-se na impetuosa arrancada final, em que há uma orgulhosa certeza de imortalidade:

Tomé, Dr. esta tesoura e... corte
Minha singularíssima pessoa.
Que importa a mim que a bicharia
Tudo o meu coração, depois da morte?
Ah! um urubá pouso na minha sorte!

Mas o apogeuo abstrato das saudades
Fique batendo nas perpétuas grades
Do último verso que eu fiz no teuindo!

"Idealismo": desdem pela esmola precária do amor carnal que caba em sepulcro e esqueleto, e amor a um outro amor que não passa porque é ideal transcendente a Platão e Petrarca.

"Asa de corvo", asa com que a morte "cose para o homem a última camisa".

"Uma noite no Cairo" é plerórica e, especialmente, musicalíssima, com uma doçura de violinos tocando na penumbra.

"Recordança della mia gioventu" deve ser a obra prima das obras primas de Augusto dos Anjos:

(Continua na pág. 344)

Tristeza de um quarto minguante - Augusto dos Anjos

Quarto-Minguante! E, embora a lua o aclare,
Este Engenho Pau d'Arco é muito triste...
Nos engenhos da varzea não existe
Talvez um outro que se lhe equipare!

Do observatório em que estou situado
A lua magra, quando a noite cresce,
Vista, através do vidro azul, parece
Um paralelepípedo quebrado!

O sono esmaga o encéfalo do povo.
Tenho 300 quilos no epigastro...
Dói-me a cabeça. Agora a cara do astro
Lembra a metade de uma casa de ovo.

Diabo! não ser mais tempo de milagre!
Para que esta opressão desapareça!
Vou amarrar um pano na cabeça,
Molhar a minha fronte com vinagre.

Aumentam-se-me então os grandes medos.
O hemisfério lunar se ergue e se abaixa
Num desenvolvimento de borracha,
Variando a ação mecânica dos dedos!

Vai-me crescendo a aberração do sonho,
Morde-me os nervos o desejo doudo
De dissolver-me, de enterrar-me todo
Naquele semi-circulo medanho!

Mas tudo isto é ilusão de minha parte!
Quem sabe se não é porque não saio
Desde que, sexta-feira, 3 de maio,
Eu escrevi os meus Gemidos de Arte?!

A lâmpada a estirar linguas vermelhas
Lambe o ar. Na bruto horror que me arrebatou,
Como um degenerado psicopata
Eis-me a contar o número das telhas!

— Uma, duas, três, quatro... E aos tombos, tonta
Sinto a cabeça e a conta perca; e em suma,
A conta recomeça, em ânsias: — Uma...
Mas novamente eis-me a perder a conta!

Sucede a uma tortura outra tortura.
— Estarei morto?! E a esta pergunta estranha
Responde a Vida — aquela grande oranha
Que anda tecendo a minha desventura! —

A luz do quarto diminuindo o brilho
Segue todas as foses de um eclipse...
Começo a ver coisas de apocalipse
No triângulo escaleno da ladrilha!

Deito-me enfim. Ponho o chapéu num gancho.
Cinco lençóis balançam numa corda,
Mas aquilo mortelhos me recorda,
E o amontoamento dos lençóis desmancho.

Veem-me à imaginação sonhos dementes.
Acho-me, por exemplo, numa festa...
Tomba uma torre sobre a minha testa,
Coem-me de uma só vez todos os dentes!

então dois ossos roídos me assombraram...
— "Por ventura haverá quem queira roer-nos?!"
Os vermes já não querem mais comer-nos
E os formigueiros já nos desprezaram."

Figuras espetais de bocas duranças
Tornam-me o pesadelo duradouro...
Choro e quero beber a água do choro
Com as mãos dispostas à feição de conchas.

Tal uma planta aquática submersa,
Ante-gozando os últimas delicias
Mergulho as mãos — vis raízes advéncias —
No algodão quente de um tapete persa.

Por muito tempo rolo no tapete.
Súbito me ergo. A lua é morta. Um frio
Cai sobre o meu estômago vazio
Como se fosse um copo de sorvete!

A alta frialdade me insensibiliza;
O suor me ensopa. Meu tormento é infindo...
Minha família ainda está dormindo
E eu não posso pedir outra camisa!

Abro a janela. Elevam-se fumaças
Do engenho enorme. A luz fulge abundante
E em vez do sepulcral Quarto-Minguante
Vi que era o sol batendo nas vidraças.

Pelos respiratórios tenues tubos
Dos poros vegetais, no ato da entrega
Do mata verde, a terra resfolega
Estrumada, feliz, cheia de adubos.

Côncavo, o Céu, radiante e estriado, observa
A universal criação. Broncos e feios,
Vários reptis cortam os campos, cheios
Dos tenros tinhorões e da única erva.

Babujada por baixos beijos brutos,
No humus feraz, hierática, se ostenta
A monarquia da árvore opulenta
Que dá aos homens o ábulo dos frutos.

De mim diverso, rígido e de rastos
Com a solidez do tegumento sujo
Sulca, em diâmetro, o solo um caramujo
Naturalmente pelos mata-pastos.

Entretanto, passei o dia inquieto,
A ouvir, nestes bucólicos retiros
Toda a salva fatal de 21 tiros
Que festejou os funerais de Hamleto!

Ah! Minha ruína é peor do que a de Thebas!
Quisera ser, numa última cobra,
A fatia esponjosa de carniça
Que os corvos comem sobre as jurubebas!

Porque, longe do pão com que me nutres
Nesta hora, ah! Vida, em que a sofrer me exhortas
Eu estaria como as bestas mortas
Pendurado no bico dos abutres!

SONETOS A MEU PAI - Augusto dos Anjos

I

A meu Pai doente

Para onde fores, Pai, para onde fores,
Irei também, trilhando as mesmas ruas...
Tu, para amenizar as dores tuas,
Eu, para amenizar as minhas dores!

Que coisa triste! O campo tão sem flores,
E eu tão sem crença e as árvores tão nuas,
E tu, gemendo, e o horror de nossas duas
Máguas crescendo e se fazendo horrores!

Magnaram-te, meu Pai?! Que mão sombria,
Indiferente aos mil tormentos teus
De assíã magnar-te sem pesar havia?!

— Seria a mão de Deus?! Mas Deus enfim
É bom, é justo, e, sendo justo, Deus,
Deus não havia de magnar-te assim!

II

A meu Pai morto

Madrugada de Treze de Janeiro
Rezo, sonhando, o ofício da agonia.
Meu Pai nessa hora junto a mim morria
Sem um gemido, assim como um cordeiro!

E eu nem lhe ouvi o alento derradeiro!
Quando acordei, cuidei que ele dormia,
E disse à minha Mãe que me dizia:
"Acorda-o!" deixa-o, Mãe dormir primeiro!

E saí para ver a Natureza!
Em tudo o mesmo abismo de beleza,
Nem uma névoa no estrelado céu...

Mas pareceu-me, entre as estrelas flórias,
Como Elias, num carro azul de glórias,
Ver a alma de meu Pai subindo ao Céu!

III

Potre meu Pai! A Morte o ostar lhe vibra,
Em seus lábios que os meus lábios osculam
Micro-organismo fúnebres pululam
Numa fermentação gorda de cidra.

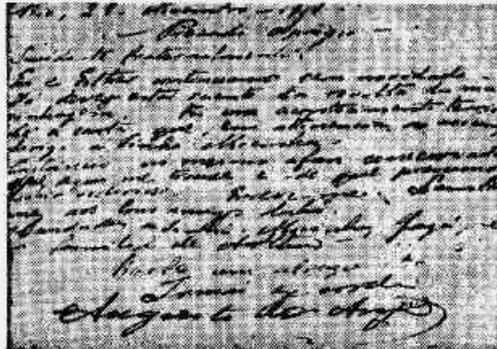
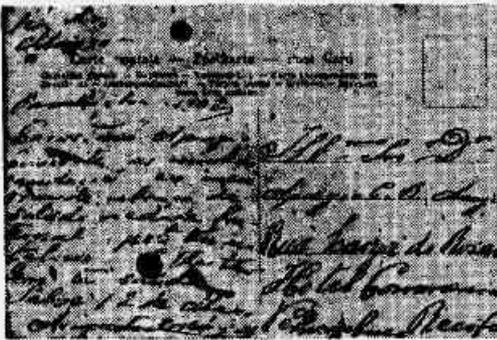
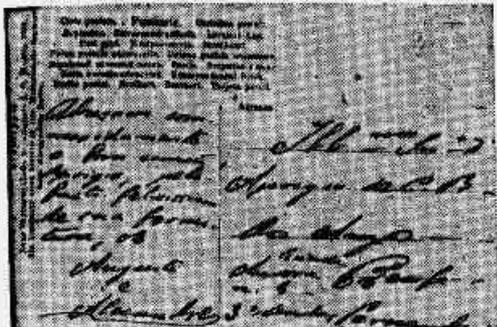
Duras leis as que os homens e a horrída hidra
A uma só lei biológica vinculam,
E a marcha das moléculas regulam,
Com a invariabilidade da clepsidra!...

Potre meu Pai! E a mão que enchi de beijos
Roida toda de bichos, como os queijos
Sobre a mesa de orgiacos festins!...

Amo meu Pai na atômica desordem
Entre as bocas necrófagas que o mordem
E a terra infecta que lhe cobre os rins!

Correspondência de escritores Três postais escritos por Augusto dos Anjos

Monólogo de uma Sombra- Augusto dos Anjos



Os três postais cuja fac-símile aqui publicamos, são autógrafos do grande poeta do Eu. Foram-nos cedidos por Apriego dos Anjos, irmão de Augusto, como ele também poeta — poeta satírico, dos mais espirituosos e temíveis que o Brasil tem produzido.

Esses cartões foram enviados a Apriego dos Anjos, quando ele residia em Recife, fazendo o seu curso de Direito. Eis a redacção dos três postais de Augusto dos Anjos:

Primeiro postal:
"Março.
Paraíba. 1902.
Caríssimo Apriego.
Envia-te as minhas saudações e o meu grande abraço de solidariedade fraternal pelo teu natalício. Ester também te saudou. Salve 12 de março.
Augusto dos Anjos."

Endereço:
"Ilmo. sr. dr. Apriego dos Anjos. Rua Larga do Rosário. Hotel Comercial. Pernambuco. Recife."

Segundo postal:
"Rio, 29 novembro 1910.
Presado Apriego.
Sauda-te fraternalmente.

Eu e Ester continuamos sem novidade. Já deves estar ciente da revolta da marinagem. Foi um acontecimento terrível. Lê a carta que, em atinência ao assunto, dirigi à Sinhá Mocinha.

Continua no mesmo afã conservador que aqui me trouxe e de que presumo sair vitorioso. Escreve-me. Lembrações aos bons amigos daí.

Saudades à Sinhá Mocinha, Iaiá, e à família de Artur. Recebe um abraço do irmão ex-corde Augusto dos Anjos."

Terceira postal:
"Abraçam comovidamente o bom irmão Apriego, pelo fato felicíssimo de sua formatura, os Augusto e Alexandre."

Endereço:
"Ilmo. sr. dr. Apriego de C. B. dos Anjos. Rua de Aurora n.º 3, terceira andar. Recife. Pernambuco."

"Sou uma Sombra! Venho de outras éras,
Do cosmopolitismo das monéras...
Polypo de recônditas reintrâncias,
Larva do chão telúrico, procedo,
Da escuridão do cósmico segredo,
Da substância de todas as substâncias!

A symbiose das coisas me equilibra,
Em minha ignota mônada, ampla, vibra
A alma dos movimentos rotatórios...
E é de mim que decorrem, simultâneas,
A saúde das forjas subterrâneas,
E a morbidez dos seres iludidos!

Palrando acima dos mundanos tetos,
Não conheço o acidente da "Senectus"
— Esta universitária sanguisuga
Que produz, sem dispendio algum de uras,
O amarelecimento do papyrus
E a miséria anatómica da ruga!

Na existência social, possuo uma arma
— O metafisicismo do Abhidharma —
E trago, em brahmânicos tesouros,
Como um dorso de azemia passiva,
A solidariedade subjetiva
De todas as espécies sofredoras.

Com um pouco de saliva quotidiana
Mostro meu nojo à Natureza Humana.
A podridão me serve de Evangelho...
Amo o esterco, os resíduos ruins dos guiaques
E o animal inferior que urra nos doiques
E' com certeza meu irmão mais velho!

Tal qual quem para o próprio túmulo olha,
Amarguradamente se me anolha,
A luz do americano plenilúno,
Na alma crepuscular de minha raça
Como uma vocação para a Desgraça
E um tropismo ancestral para o Infortúnio.

Ai, sem sujo, a coçar chagas plebeas,
Trazendo no deserto das idéias
O desespero endêmico do inferno,
Com a cara hirta, tatuada de foligena,
Esse mineiro doído das origens,
Que se chama o Filósofo Moderno!

Quis compreender, quebrando esteréis normas,
A vida fenomênica das Formas,
Que, ignais a fopos passageiros luzem...
E apenas encontrou na ideia gasta,
O horror dessa mecânica nefasta,
A que todas as coisas se reduzem!

E hão de achá-lo, amanhã, bestas agrestes,
Sobre a esteira sarcófaga das pestes
A mostrar, já nos últimos momentos,
Como quem se submete a uma sarqueada,
Ao claro tropical da luz danada,
O espólio dos seus dedos peçonhentos.

Tal a finalidade dos estames!
Mas ele viverá, rotos os tiames
Dessa estranguladora lei que aperta
Todos os agregados perecíveis,
Nas eterizações indefiníveis
Da energia intra-atômica liberata!

Será calor, causa ubigua de gozo,
Rato X, magnetismo misterioso,
Quimiofátia, ondulação aérea,
Fonte de repulsões e de prazeres,
Sonoridade potencial dos seres,
Estrangulada dentro da matéria!

E o que ele foi: clavículas, abdomen,
O coração, a boca, em síntese, o Homem,
— Engragem de vísceras vulgares —
Os dedos carregados de peçonha,
Tudo coube na lógica medonha
Dos apodrecimentos musculareat

A desarrumação dos intestinos
Assombra! Vede-a! Os vermes assassinos
Dentro daquela massa que o humus come,
Numa plutoneria hedionda, brincam,
Como as cadelas que as dentuças trincam,
No espasmo fisiológico da fome.

E' uma trágica festa emocionante!
A bacteriologia inventariante
Toma conta do corpo que apodrece...
E até os membros da família engulham,
Vendo as larvas malignas que se embriulham
No cadáver maltsão, fazendo um "s".

E foi então para isto que esse doído
Estragou o vibrati plasma todo,
A guisa de um faquir, pelas cenóbios?...
Num suicídio graduado, consumir-se,
E, após tantas vigílias, reduzir-se
A herança miseravel dos microbios!

Este outro agora é o satiro peralta
Que o sensualismo sodomista exalta,
Nutrindo sua infâmia a leite e a trago...
Como que, em suas células vilíssimas,
Há estratificações requintadíssimas
De uma animalidade sem castigo.

Branças bacchantes bêbedas o beijam.
Suas artérias hírcicas latejam,
Sentindo o odor das carnações abstinéas,
E, à noite, vai gozar. ébrio de vicia,
No sombrio banar do meretrício,
O cuspo afrodisíaco das femens.

No horror de sua anómala neurose,
Toda a sensualidade da symbiose,
Utando, à noite, em líbricos arroubos,
Como no babilónico "sansara",
Lembra a fome incoercível que escancara
A mucosa carnívora dos lobos.

Sofrego, o monstro as vítimas aguarda.
Negra paixão congénita, bastarda,
Do seu zooplama ofídico resulta...
E explode, igual à luz que o ar acometa,
Com a veemência manórtica do arlete,
E os arremessos de uma catapulta.

Mas muitas vezes, quando a noite avança,
Hirto, observa através a tenue trança
Dos filamentos fluidicos de um halo
A dextra descarnada de um duende,
Que, lateando nas tenebras, se estende
Dentro da noite má, para agarrá-lo!

Cresce-lhe a intra-cefálica tortura,
E de sua alma na caverna escura,
Fazendo ultra-epilépticos esforços,
Acorda, com os candieiros apagados,
Numa choreografia de danados,
A família alarmada dos remorsos.

E' o despertar de um povo subterrâneo!
E' a fauna cavernícola do cérebro
— Macabris da patológica vigília,
Mostrando, em rembrandtescas léias várias
As incestuosidades sanguinárias
Que ele tem praticado na família.

As alucinações tatis pululam,
Sentie que megatérios o estrangulam;
A asa negra das mostas o horroriza;
E autopsiando a amaríssima existência
Encontra um canero assíduo na consciência
E três manchas de sangue na camisa!

Míngua-se o combustível da lanterna
E a consciência do satiro se infurna,
Reconhecendo, bêbedo de sono,
Na própria ánsia dionísica do gozo,
Essa necessidade de "horroroso",
Que é talvez propriedade do carbonol

Ah! Dentro de toda a alma existe a prova
De que a dor como um darto se renova,
Quando o prazer barbaramente a ataca...
Assim também, observa a ciência crua,
Dentro da elipse ignômia da lua
A realidade de uma esjera opaca.

Somente a Arte, esculpindo a humana magna,
Ablanda as rochas rígidas, torna água magna
Todo o fogo telúrico profundo
E reduz, sem que, entanto, a desintegre,
A condição de uma planície alegre,
A aspereza orográfica do mundo!

Provo desta maneira, ao mundo oriente
Pelas grandes razões do sentimento,
Sem os métodos da abstrusa ciência fria
E os trovões gritadores da dialética,
Que a mais alta expressão de dor estética
Consta essencialmente na alegria.

Continua o martírio das criaturas:
— O homicídio nas vielas mais escuras,
— O ferido que a hostil gieba atra escuro,
— O último solitôquio dos suicidas —
E eu sinto a dor de todas essas vidas
Em minha vida anônima de larva!"

Disse isto a Sombra. E, ouvindo estes vocábios,
Da luz da lua aos pálios renábios,
Na ánsia de um nervosíssimo entusiasmo,
Julgava ouvir monótonas corujas,
Executando, entre caextras sujas,
A orquestra arripadora do sarcasmo!

Era a elegia panteísta do Universo,
Ne, podridão do sangue humano imerso,
Prostituído talvez, em suas bases...
Era a canção da Natureza exausta,
Chorando e rindo na tróica infansta
Da incoerência infernal daquelas frases.

E o turbilhão de tais fônemas acres
Trovejando grandíquios massacres,
Há de ferir-me as audíltas portas,
Até que minha efêmera cabeça
Reverta à quietação da treva espessa
E à pulidaz das fotosferas mortais!

ELOGIO DE AUGUSTO

Oh! trabalho sagrado e magnífico dos poetas! Tu arrancas todas as coisas ao destino, tu dás intortabilidade aos povos mortais.

LUCANO

Foi magro meu desventurado amigo, de magreza esquelada — faces reentrantes, olhos fundos, olheiras violáceas e testa descalvada. A boca fazia a cadaverosa crescer de sofrimento, por contraste do olhar doente de tristura e nos lábios uma erisipela de demônio torturava. Nos momentos de investigações suas vistas transmutavam-se rápido, crescendo, interrogando, teimando. E quando as narinas se lhe dilatavam? Parecia-me ver o violento acordar do anjo bom, indignado da vitória do anjo mau, sempre de si contente na fecunda terra de Jeová. Os cabelos pretos e lisos apertavam-lhe o sombrio da epiderme trigueira. A clavícula, arqueada. No omoplavato, o corpo estreito quebrava-se numa curva para diante. Os braços pendentes, movimentados pela dança dos dedos, semelhavam duas rabeças tocando a alegria dos seus versos. O andar legeríssimo, nada apumado, parecia reproduzir o evocar das imagens que agitavam o cérebro.

Essa fisionomia, por onde erravam tons de catastrofe, traía-lhe a psique. Realmente lhe era a alma uma água rofunda, onde, luminosa, se refletiam as violetas da mágia.

Nascera sofredor; e se tal não houvesse acontecido, impossível fora a Augusto liberar-se tão às alturas dos pináculos. Só a dor remove o homem do terral-terra esterilizante. E a alegria aquele ópio que torna a alma descaída e cega; — dinamo de repulsa e dispersão. Dez vezes infelizes os que passam pela vida espanhando-se na alacridade de perpétuo contentamento. São os esconjurados. Nunca compreenderão a beleza dos mistérios, nem o mistério da beleza. A única força criadora e redentora é a dor. E de todos os seus partos o maior foi o da consciência. do homem. Falta a dor, não haveria percepção. Se a consciência é o sentimento íntimo do "eu", só a dor possui a faculdade de aumentar, aclarando, essa manifestação imediata e poderosa da sensibilidade, enquanto a alegria, no seu redoplar eterno de fardante, dançando ao som do pandeiro, a dispersa e anula.

Foi sempre amparado por essa visão sofredora que o poeta viu e sentiu a vida. Teve da dor a compreensão flagrante, sendo o seu coração, por ultra-sensível, uma fonte inesgotável de aflições, que ele nunca soube distrair ou enganar;

Es suprema! Os meus átomos
[se ufanam
De pertencer-te, ó! Dar, an-
coradouro
Dos desgraçados, ao do cére-
bro, ouro
De que as próprias desgraças
[se engalanam!

Augusto entrou na vida pelo ano de 1884, e dela foi violentamente arrancado no 1913. Faltou-lhe atingir o marco da existência em que a criatura se apodera dos esplendores e riquezas de todas as suas aptidões mentais.

São os quarenta anos o apogeu da humana inteligência. Até aí o encanto da flor pode fludir o valor do fruto. Antes de alcançar essa fronteira, de cuja ribança o homem deve debruçar-se nas águas do rio que passa, todos são factíveis de alterações e mutações. Daí por diante, haver-se-á de ser e que se haja sido. Dobrando a quinta dos quarenta, o pensador se desapega do engano das

novidades, integrando-se no pensamento puro, o que, partindo do fundo dos sentimentos, vai à praça fiado apenas nos quilates do seu próprio ouro.

Por muito que de mim procure na memória, não alcanço data mais velha à do ano de 1900, para o começo de minhas relações pessoais com Augusto dos Anjos. Feriu-me de choque o seu tipo excêntrico de passaro molhado, todo encolhido nas asas com medo da chuva.

Desela do "Pau d'Arco", sombrio engenho de aquecer plantado à aba do rio Una, vindo prestar exame no Liceu. O aspecto fisionômico então alerta, e o desembarço nas respostas anunciavam a qualidade do estudante, cuja fama de preparo correu por todos os recantos do estabelecimento, ganhando foros de cidade. Cada ato prestado valia por afirmação de talento, e de peito aberto louvores se erguiam ao melancólico pol, único professor que tivera no curso de humanidades.

Não soube resistir ao desejo de travar relações com o poeta. Fui imperiosamente atraído, como para um sítio encantado onde a vista se alertia por encontrar movimento. E de tal tornou nos acamardados, que, dias depois, lhe devia o exame de latim desembracando-me de complicada tradução, numa edição de Horácio.

De coréia feita bati-lhe as portas, na rua Nova, onde costumava hospedar-se. Peguei-o a passear, gesticulando e monologando, de canto a canto da sala. Laborava, e não enterrando nas cogitações que só minutos após deu acordo de minha presença. Foi-lhe sempre este o processo de criação. Toda arquitetura e pintura dos versos as fazia mentalmente, só as transmitindo ao papel quando estavam íntegras, e não raro começava os sonetos pelo último terceto.

Sem nada pedir-lhe, recitou-me. Recordo-me, foram uns versos sobre o carnaval, que o batucava nas ruas anunciavam próximo.

Declamando, sua voz ganhava timbre especial, tornava-se metálica, tinnindo e retinindo as sílabas. Havia mesmo transfiguração na sua pessoa. Ninguém diria melhor, quase sem gesto. A voz era tudo: possuía paixão, ternura, complacência, enternecimento, poder descritivo, movimento, cor, forma. Dando de mim, estava pasmado, co'hido pelo assombro inesperado de sua lira que ora se retracia, ora se arqueava, ora se distendia, como um dorso de animal felino.

Mais tarde, ouvindo no violoncelo um concerto de Devorack, recebi impressão igual, de surpresa e domínio, à do meu primeiro encontro com os versos de Augusto.

A que escola se filiou? — A nenhuma. Se o homem vale por seus sentimentos, com dobras razões o poeta, dada sua maior riqueza de sensações. Isso de escolas é esquadria para medidores. Só existe uma regra de escrita — a do escritor apoderar-se de sua língua e maneja-la de acordo com o seu individualíssimo sentir. Se for um iluminado, fatalmente será grande; se lhe faltar a centella divina, explorará quantos processos ou confrarias apareçam e nunca passará de número anódino, no meio da turba-multa dos escrevinhadores. O paradoxo de Francis de Croisset, um "dandy" das letras, por espirituosidade, não é menos verdadeiro: *une école est quel'un qui a du talent et beaucoup d'autres qui n'en ont pas.*

Há modos de versar, nuns modos de poetar. O verso

é o elemento material de que o espiritual é a poesia, podendo haver, como há, muito verso sem poesia e muita poesia sem verso. O verso propriamente dito não é arte, é artifício. A arte está contida no elemento subjetivo, na alma da forma, que é a poesia. Não quero assim afirmar possa haver um verdadeiro poeta sem o verso. O verso está para a poesia em maior exigência que a pauta para a música. Platão não foi um poeta, foi um prosador poético, do mesmo modo Renan, embora muitas das suas frases sejam dos melhores versos da poesia francesa.

Todo homem vibra por suas paixões. Se assim o homem em geral, pior o poeta em particular, criatura cujas forças intelectuais se denunciam pelo alto grau de construção espontânea com que o dotou a natureza. A paixão é um acréscimo de força da sensibilidade. Quando Montesquieu afirma que ela faz sentir e nunca ver, ou toma a paixão pela explosão das paixões, ou esquece que é de baixo do seu império que se criam as formas de arte e se apreendem os segredos da vida. E tal só se consegue, sentindo-se, vendo-se e compreendendo-se.

Para ser suas paixões acima de mais nada, o poeta tem que sentir a vida, o amor, os desejos, a força, a vastidão, a piedade, a cólera, o que sorri à flor das águas e o que brama no fundo dos oceanos, tudo que é bom ou tudo o que é mau, o que rasteja ou o que se alcançadora, a beleza atraente e a repelente fealdade dentro de si mesmo, do seu temperamento transbordante, no mundo de sua visão. Afastando-se do "eu" para trabalhar conforme medida, pode conseguir talho plimpão, mas sacrificando-se na individualidade e imolando a lira. O que há, sempre houve e haverá é um gigante gravando a fisionomia nas medalhas que cinzela. A grandeza é uma decorrência íntima e sonora da própria personalidade.

Se o formoso e triste passaro do amor, batizado de Alfredo de Musset, cedesse à rogativa de Lamartine para imitar, não teria atingido ao poder de graça e sedução, com que ainda hoje, dormindo à sombra do seu merencório salgueiro no "Père Lachaise", conquista o exaltado coração dos jovens e o beijo doído das Ninons.

Timbrasse, por seu turno, o dorido criador das "Premières Méditations", em ser Byron, por quem se arrebatou de entusiasmo, não teria feito o coração da França, conforme o dito sedutor de Julio Janin, bater em nome de Deus e em nome de Elvira.

Se Baudelaire, o diabo de cornos e cauda, que importuna e ainda importa para a glória sucessivas gerações, houvesse seguido as pegadas da outrem, podiam se achar valores, mas não pepitas dentro de sua santa estremeira.

No chamado parnasianismo, perfeito só é Leconte de Lisle, cujos versos lhe refletiam a plástica do físico. Não escrevia de pena, trabalhava de martelo e escopro em punho, arrancando das palavras todo o ritmo escondido.

Querendo Mallarmé lugar distinto ao sol, teve de apelar para os símbolos, como lhe exigia a musa enigmática. Destarte o excelente Verlaine, o maior dos contrastes nunca visto — alma de violências inopinadas, escrevendo poesia com o fino e sedutor desenho de Girodet e a música extremamente pura, sutilmente mística, de Vincent d'Indy.

E a escola crismada de científica? Pergunto assim por muito supor ter-lhe sido o nome de batismo o de filosófica. Pelo menos, quanto me é dado

saber, os críticos que até o século passado exploraram o "De natura rerum", sempre trataram Lucrecio de poeta filósofo. Ainda depois disso, o sa-boroso Anatole, registando a morte da miudinha Luiza Akermann, houve por acertado também assim chamar-lhe. Seria devido aos "Poemas filosóficos"?

Ignoro se os comentaristas embaralham os dois termos, por mais clara que seja a dissimilitude. A filosofia é o espírito da ciência, enquanto a ciência é a exploração ordenada dos fenômenos e suas relações.

Para mim, nunca houve poeta científico ou filosófico, porque ainda se me não depararam ciências ou filosofias poéticas. O que sempre existiu foram poetas comovendo-se em face dos fenômenos da natureza, das leis regedoras da vida e do mundo, como outros se arrebataam diante dos quadros de amor, exaltam-se pela beleza, quemadam-se na contemplação, e vivem do ideal.

A admitir-se a existência da escola científica ou didática, como quem terceiros, então toda a poesia tem sido científica, dado serem os poemas verdadeiras lições de cátedra, explicando, reproduzindo, explorando acontecimentos históricos e tudo que se observa na terra, no ar e no céu. Isso desde Homero, o cego, ao cego Milton, passando pelo cego Camões, sem esquecer Dante — Torquemada a quem, doídos de amir, belamos-lhe os pés, não obstante o perfil ministro de ave de rapina.

Porque científico Lucrecio e não Ovídio, com as "Metamorfoses"? E Shakespeare, o criador de mundos? E Goethe? E esse, de ontem, Sully Prudhomme, se não Hércules capaz de alcançar a corça dos pés de bronze, mas realmente poeta absolvido com o sentimento da felicidade e da justiça humana?

O que existe por todos os séculos alem é a poesia, espiritualidade das coisas, e o poeta, intérprete dessa espiritualidade, por via, obra e graça de maior poder sensorial que os demais humanos. E tanto é poeta o que parte do real para se mergulhar no ideal, como o que desce do ideal para sentir o real. Nesta ascensão ou nesta descensão, cada um tem e seu colorido, a sua música, a sua forma, sua personalidade tocada de luz. (*)

O título do livro vale por uma auto-psicologia. E' um monossilabo que fala. Este aqui, então, diz tudo, pintando de pincel a alma e o físico do autor. O "Eu" é Augusto, sua carne, seu sangue, seu sopro de vida. E' ele integralmente, no desnudo gritante de sua sinceridade, no clamor de suas vibrações nervosas, na apoteose de seu sentir, nos aletos e desalentos de seu espírito.

Analisem-lhe as poesias, e em todas, como numa lâmina de aço polido, encontrarão espelhada a imagem do trágico poeta. Aquela amargura dos primeiros versos é a sua própria e singular amargura. Não fomenta aos sentimentos e esta é a capital condição de valia de seus carmes. Quanto piora e anuviados os tempos, quanto mais de borrascas as horas, repudica-se o valor da sinceridade. Foi um extraordinário sincero, deates de boa estofa, para os quais a mentira não oferece gosto, só desgosto.

No "Monólogo de uma sombra", não treme, como parece, nenhuma acrimonia, sim angustias. Isto porque tudo lhe ressa-bia amargor. Imagine-se o tormento cruciante de um fantasma apodetado de horror pe-

los outros fantasmas. Tal por tal, é a poesia de abertura. Trinta e uma estrofes trovejan-do vinganças e provando, "pelas grandes razões do sentimento, que a mais alta expressão da dor estética consiste essencialmente na alegria". A verdadeira sombra que fala, vem:

... de outras eras,
Do cosmopolitismo das mones-
[ras...

e todas as demais são de supplito, despertando piedade ou inflamando repulsas, a primeira entre as quais, a do filósofo moderno,

Esse mineira doído das origens,
que ambiciona compreender,

... quebrando estereis nor-
[mas,
A vida fenomênica das Formas.

Depois surge novo espectro:

Este outro agora é o satiro
Iperalta
Que o sensualismo sodomista
[lexalta.

A amaríssima vida desse la-zaro, como um escorpião, passa, torcendo-se, pela excitada pena do bardo, que lhe encontra na consciência um cancro assíduo

E três manchas de sangue na
[camisa!

Toda a poesia do "Monólogo" é um quadro mesológico, onde cada ser se movimenta dentro do seu ambiente:

...coreografia de danados,
A família alarmada dos ra-
[morosos.

Por fim de cont'as, na vibra-ção de um protesto, fala a sombra do poeta, clamando:

Somente a Arte esculpindo a
[humana mágia,
Abranda as rochas rígidas,
[torna água

Tudo o fogo telórico profundo
E redut, sem que, entanto, a
[desintegre.

A condição de uma planície
[alegre,
A aspreza orográfica do
[mundo.

Augusto foi um penitente dos livros, devorando-lhes as explicações com sofreguidão de fome. Darwin, Haeckel, Spencer mereceram-lhe primazia, e por eles se orientou, sem, contudo, deixar-se subjugar, exibindo sempre, como um pavão de honra, os dons da liberdade de seu raciocínio. Nunca se despojou das facultades de meditação e análise. Sua razão era uma soberana de vastos forais, austera e ativa.

Os exploradores de mundos, com as ilustrações de seus descobrimentos, enriqueciam-no, desdobrando-lhe o saber, mas, como a todo espírito autônomo, não lhe ensinavam a sentir. Foi-lhe mestra, neste particular, a sua própria percepção, dom divinatório herdado de certos homens pelo berço. Para lhes garantir a independência, quando assaltados por guerrilheiros de idéias.

Os livros também lhes serviam de refrigério:

Para fludir minha desgraça,
[lestudo,
Íntimamente sei que não me
[fluido.

Repelindo as frioleiras, que encantam e seduzem, Augusto ergueu-se às grimpas do pensamento humano e de lá desferiu voo, galgando culminâncias inacessíveis ao comum dos mortais.

Servido por uma compren-

DOS ANJOS - ORRIS SOARES

ção filosófica, que se assentava no princípio de evolução, transformismo e determinismo, para a regência do mundo, e na crença de reunirem as cinzas todas as formas da matéria, ao cabendo ao homem a continuidade emocional através da prole; o poeta constatacionou nela todos os seus prodigiosos versos. Servem de documento os que dedicou a sua germe:

Começaste e existir, gelêa crua,
E has de crescer, no teu silêncio, tanto
Que, é natural, ainda algum
Da tuas concreções plasmicas
[falsa]

A água, em conjugação com a
[terra nua,
Vence o granito, deprimindo-
[do-o... O espanto
Convulsões os espíritos, e, en-
[tanto,
Teu desenvolvimento continua!

Antes, gelêa humana, não pro-
[gride
E em retrogradações indefini-
[das,
Volvas à antiga inexistência
[calma!...

Antes o Nada, oh! germen, que
[ainda haveres
De atingir, como germen de
[outros seres,
Ao supremo infortúnio de ser
[alma!

Certo, no pessimismo está a
[verdade verdadeira, a verdade
Inclemente. Mas só um espírito
criado no leite do budhismo e
alimentado pelo schopenhauerismo,
seria capaz de soltar grito
tão desesperativo.

Na retina do poeta é o preto
a cor predominante, não de-
vendo os matizes passar do
meio-tom violáceo. A vida, na
atilgente esterilidade de suas
energias, não lhe merece ser
vivida. Tudo é negação. A felicida-
de reside no Nirvana, na
Paz Absoluta, no Não Ser, no
Nada, e tal é a convicção aterrora-
dora do poeta que chega a
suplicar à gelêa — forma inacabada,
primeira animação da
matéria, — que não progrida,
que não passe do seu silêncio
de gelêa, que fique na inexistência
tranquila para evitar o
infortúnio, a desgraça das desgraças,
a desgraça de vir a ser
alma.

Leopardi, beija aqui a face do
teu irmão mais moço! Quereres
ver com que força de visão ele
percebeu a mágia eterna do
homem, aquela mágia que tanto
te cruciou na vida? Olha:

O homem por sobre quem calu-
[nia praga
Da tristeza do mundo, o homem
[que é triste
Para todos os séculos existe
E nunca mais o seu pesar se
[apaga!

Não cre em nada, pois, nada há
[que traga
Consoio à Magua, a que só ele
[assiste.
Quer resistir, e quanto mais
[resiste
Mais se lhe aumenta e se lhe
[afunda a chaga,

Sabe que sofre, mas o que não
[sabe
E' que essa mágia infanda
[passim, não cabe
Na sua vida, é que essa mágia
[infanda
Transpõe a vida do seu corpo
[linerne;
E quando esse homem se trans-
[forma em verme
E' essa mágia que o acompanha
[ainda!

Coisa alguma de Antero de
Quental apaga o brilho dessa
gema. Digo maravilha perturbada
do espanto pela percepção
do poeta.

A mágia é a única doença
moral do homem, e o vate, com
o ultra-violeta do seu poder vi-

sual, alcançou que, mesmo no
túmulo, não há libertação:

E quando esse homem se trans-
[forma em verme
E' essa mágia que o acompanha
[ainda!

Parcal, aquele possessor do de-
mônio com rutilâncias de gênio,
também ditou leis para modos
de escrever: — "Il faut avoir
une pensée de derrière et juger
de tout par là, en parlant et
pendant comme le peuple"

Quanto ao pensamento pre-
concebido, compreende-se como
a própria razão de ser do tra-
balho em elaboração, embora
sofra mudanças radicais. O sub-
conciente, não raro, presta ao
escritor maiores serviços que o
próprio consciente. Para sua es-
crita e linguagem, porém, o ar-
tista só se utiliza das tintas de
sua paixão, ou nunca será poe-
ta. Augusto o foi, porque obedeceu
exclusivamente ao tempera-
mento que lhe coube por dadi-
va. Se da primeira para a se-
gunda parte do livro há modifi-
cações, devem-se apenas à mar-
cha ascensional do seu espírito.

Com o "Lamento das coisas",
atingiu à perfeição. E' um man-
to formidável, dos maiores da
língua portuguesa; grande pela
idéia predominante, grande pela
verdade científica, grande pelo
sentimento doloroso, grande
pela estrutura. Exagéro?
Lêde comigo:

Triste, a escutar, pancada por
[pancada,
A sucessividade dos segundos,
Ouço, em sons subterráneos, do
[orbe oriundos,
O choro da Energia abando
[nada!

E' a dor da força desaprovat-
[lada
— O cantochão dos dinamos
[profundos.
Que, podendo mover milhões de
[mundos,
Jazem ainda na estatica do
[nada!

E' o soluço da forma ainda im-
[precisa...
Da transcendência que se não
[realiza...
Da luz que não chegou a ser
[lampejo.

Não é, em suma, o subconciente
[ai formidando
Da Natureza que parou, cho-
[rando,
No rudimentarismo do desejo!

Augusto dispunha de um poder
de penetração quasi enigmá-
tico. Não era o trivial psicólogo
dos mexerices humanos. Jamais!
Penetrava a alma da Natureza
como na de uma criatura in-
tima de quem es embocem os
refolhos. Vêde aqui o soneto
dedicado a Farias Brito:

Cansada de observar-se na cor-
[rente
Que os acontecimentos refletia,
Reconcentrando-se em si mes-
[ma um dia,
A Natureza olhou-se Interior-
[mente!

Baldada introspecção! Noume-
[nalmente
O que Ela, em realidade, ainda
[sentia
Era a mesma imortal mono-
[tonia
De sua face externa indiferente!

E a Natureza disse com des-
[pôsto:
"Terei somente, porventura,
[tresto? !
"Serei apenas nétra crusta es-
[pessa? !
"Pois é possível que Eu, causa
[do mundo,
"Quanto mais em mim mesma
[me aprofundo
"Menos interiormente me co-
[nheça? !

As excentricidades dos acor-
des lúgubres do seu plectro le-

varam cultores de belas letras
a incriminá-lo de extravagante,
como se o caso do seu afastamento
nas normas vesteziras no
Brasil, o incompatibilizasse com
a grande razão da poesia.

Lá isso nunca! Mesmo quan-
do a lira parece delirar, soita
por mundos da imaginação, não
há nas tonadas a menor incoerência.
Todas se entretecem de
maneira que a urdidura das
proposições forma verdadeiro
corolário de idéias.

Esta ai á mostra o "Poema
Negro" entresachado de alucina-
ções, e sem a mais leve desconexidade.

Nele o poeta sonha, não é so-
nho, é pesadelo que o põe as-
sombreado com a passagem ve-
locíssima dos séculos. No meio
da vertigem, ele quer saber
quem é, para onde vai, e, dentro
da angústia, torce os braços,
vendo o verme frio, que lhe há
de comer a carne toda:

E' a Morte — esta carnívora as-
[sanhada —
Serpente má de língua enven-
[nada
Que tudo que acha no caminho,
[come...
— Faminta e atra mulber, que,
[lá 1 de janeiro,
Sal para assassinar o mundo
[luteiro,
E o mundo inteiro não lhe mala
[a fome!

Nesta sombria análise o vate
reconhece a própria sina, e torna
a desvaivar. Agora a morte
enfurecida lhe levanta os gran-
des cutelos exterminadores:

E quando vi que aquilo vinha
[vindo
Eu fui caído como um sol
[caído
De declínio em declínio, e de
[declínio
Em declínio, com a gula de uma
[fera.
Quiz ver o que era, e quando vi
[lo que era...
Vi que era pó, vi que era ester-
[quilínio

Depois impreca à Natureza,
madrasta, e não mãe. Clama
vingança contra a sementeira
terrível de defuntos que matou
o seu tempo de criança. Súbito,
outra visão negra lhe aparece:
— Está em Roma, num dia de
sexta-feira santa e os ventos
gemedores dizem que Jesus é
morto. O poeta, unido de re-
ligiosidade, no atavismo de um
arroubo mistico, brada:

Não! Jesus não morreu! Vive
[na serra
Da Borborema, no ar de aninha
[terra,
Na molécula e no átomo... Re-
[sume
A espiritualidade da matéria
E ele é que embala o corpo da
[miséria
E faz da cloaca uma urna de
[perfume.

Na agonia da sufocação des-
perta e vê, com amargura, o
vazio de sua vida.
Tremenda iniquidade de Au-
gusto consigo mesmo! Nunca a
existência de um poeta será
vazia, pois no seu seio está sem-
pre presente uma grandeza
por conquista do saber ou doa-
ção de suas próprias facultades
que lhe enche o espírito do sen-
timento total das coisas, como
se o poeta fosse a própria idéia
eficaz do mundo.

Acusam-no de pobreza de
sentimento, tomando-se esta
sensação pela maneira lerna,
suave, docemente colorida de se
expressarem as paixões da alma,
quando ele mais não é que
a alma excitada na paixão da
verdade.
Mesmo que assim fôra, como
muitos assim querem, há ver-
sos de Augusto tão impregna-
dos de lirismo que o defendem
da acusação.
Os dois primeiros sonetos dos

três dedicados ao Pal são de
profunda ternura: "Ricordanza
della mia gioventù" é de um
e n e n t o e sentimentalismo
quasi ingenuos; na "Barcarola"
há o langor dos cancioneiros de
Veneza e do Bósforo; as "Duas
Estrofas" são puro João de
Deus, a cuja enternecedora me-
mória ele as dedica:

A queda do teu lirico arrabal
De um sentimento português
Lembra Lisboa, bela como um
Ibrico,
Que um dia, no ano tragico de
[mi]
E setecentos e cincoenta e cinco,
Foi abalada por um terremoto!

A água quieta do Tejo te aben-
[ção.
Tu representas toda essa Lisboa
De glorias quasi sobrenaturais,
Apenas com uma diferença
[triste.
Com a diferença que Lisboa
[existe
E tu, amigo, não existes mais!

Na poesia de Augusto nota-se
a ausência de uma chave: — a
do amor com os seus susten-
tos e tremolos. Nas cordas do
seu alaúde nunca estremeceu o
som da volúpia:

"Pote, prends ton luth, et me
[donne un baiser"

Nada de encantos de dama en-
treflorindo-lhe os versos. O
amor, seiva e fronde da vida
não lhe tirou uma lágrima, nem
no peito lhe fez bater contem-
plamentos. Tal caso não é, ver-
dade maldita! singularidade
no país. Nos próprios poetas do
amor, haja vi-? o magnifico
Bilac, cujo sensualismo febril
val á lascívia, as mulheres pas-
sam como seres imaginários.

As heroínas mil vezes decanta-
das e suspiradas não existiam,
nem existem. São exuberâncias
da gloriosa imaginação dos
vates. Duendes cobertos de
rosas. Procurem a influência
feminina neste ou naquele ar-
tista, debate o esforço! De
Gonzaga a B. Lopes, há uma
Marília, e uma Sinhá, niveladas
na mesma sensorialidade, indo
por além da velhice tocar na de-
crepitude. Ai damas do meu
Brasil "El perdez-vous encore le
temps avec des femmes?" Cor-
nelie admira! Quanto a Au-
gusto, fate ele mesmo:

Sobre histórias de amor o in-
[terrogar-me
E' vão, é inútil, é improficuo,
[fem suma;
Nao sou capaz de amar mulher
[alguma
Nem há mulher talvez capaz
[de amar-me

A derradeira cintilação do
poeta, foi o soneto da última
página. Já a morte, a olhos de
todos, entrara-lhe no quarto,
distendendo sobre o leito as
asas encurvadas. De mansinho,
calcando veludo, surge-lhe a
inspiração para lhe beijar a
fronte. A diva estremece por
aquele moribundo e não quer
vê-lo partir sózinho:

Hora da minha morte. Hirta, ao
[meu lado,
A Idéia estertorava-se. No
[fundo
Do meu entendimento moribun-
[do
Jazia o Último Número cansado.
Era de vê-lo, imóvel, resignado,
Tragicamente de si mesmo
[forjando,
Fôra da sucessão, extranho ao
[mundo.
Como o reflexo fúnebre do in-
[creado:
Bradel: — Que fazer ainda, no
[meu crâneo?

E o Último Número, atro e sub-
[terrâneo,
Parecia dizer-me: — "E' tarde,
[amigo!"

Pois que a minha autogênita
[grandeza
Nunca vibrou na tua língua
[presa,
Não te abandonou mais! Morro
[contigo!"

Realmente não o abandonou e
vinte e quatro horas depois,
caiam-lhe as pálpebras para
todo o sempre.

Três fatores fizeram a profun-
damente tristeza de Augusto dos
Anjos: — um de caráter indi-
vidualismo, outro mesológico o
terceiro espiritual.

O primeiro dentre eles foi o
da própria morte que o poeta
trazia no seio. A principio so-
freu muito por obcessão da
doença; depois a doença lhe
abriu os sulcos da consterna-
ção.

O segundo dos elementos ori-
ginadores da sua melancolia
decurrou do meio ou, se quize-
rem mais forte, saiu da raça.
Muitas gerações brasileiras ain-
da serão predominantemente,
numa percentagem de 75, tristes
por força e causa dos ele-
mentos atávicos que atuaram
na sua formação; — o índio per-
seguido, o negro escravizado e o
europeu emigrado. Três doentes
de tristura, cujo nome para o
índio ignora, chamando-se bau-
zo no africano e nostalgia no
imigrante.

A América do Sul há uma
distância clamorosa entre o ho-
mem de letras e o publico. No
Brasil, o caso se extrema — in-
significamente minoria profunda-
mente culta e um vasto oceano
de...
Adebas, de tudo, entre nós
o homem de pensamento com
que ser triste por se educa
com livros estrangeiros, idéias
estrangeiras, coisas estrangeiras,
e vive num meio ainda lon-
ge de assimilar os frutos das
poderosas civilizações.

Foi este o terceiro fator, o
chamado espiritual, na forma-
ção da tristeza do poeta para-
bano.

O "Eu" é um livro de sofrimen-
to, de verdade e de protes-
to: sofre as dores que dilate-
ram o homem e aquelas do
cosmos; e, em relação ao ho-
mem e ao cosmos, diz as ver-
dades apreendidas por indaga-
ção e ciência, protestando na
nome delas, pelo que no homem
e no cosmos há de desconexo,
de lógico, de absurdo. Um li-
vro de pensamentos, sem fan-
tasia nem dodivâncias. Como
vive e sentiu a vida. — na
multiplicidade dos fenômenos — na
grandeza dos mistérios inson-
dáveis, — assim escreveu o poe-
ta, sempre molhando a pena
na "chaga aberta do coração".

Todas as postas vestem-se de
mesmo tom de beleza sombria,
possuem o mesmo poder suges-
tivo, a mesma opulência de
erudição, a mesmíssima riqueza
de imagens que se encontram
nos versos citados. (*)

Quizera fôlego para percorrer
toda a extensão do terreno que
o poeta desbravou e cultivou.
Não me serviriam os céus da ne-
cessária força.

E agora, ás despedidas, le-
vanta-se a saudade. Como a
melancolia deste punge mais
que o terror dos outros espe-
ctros! Tudo porque Augusto
foi bom, dessa bondade solidi-
dade com todos os sofrimentos,
bondade brandura que suaviza
desejados e acalenta almas.
Não teve largos instantes
desaenados, sendo-lhe a exis-
tência uma luta, trabalhando
dia e noite, noite e dia. Can-
seira de professor de ciências
e letras, obrigado a ensinar
como único recurso de vida. Po-
bre, extraordinário Augusto!
(Continua na página seguinte)

COMO A CRÍTICA NACIONAL RECEBEU O LIVRO DE VERSOS DE AUGUSTO DOS ANJOS

J. L., o crítico do "Jornal do Comercio" (edição da tarde), em suas "Noticias Literarias", assim se exprimiu sobre o "Eu" por occasião do aparecimento desse admiravel livro:

"No nosso meio literario, tao intolerante, tao rebelde as grandes commoções, raras obras terao obido, nos ultimos dez ou quinze annos, o êxito de agitacao e barulho, de controversia, de opinioes variadas, desde a adoracao e descompostura, e desde a polemica ao escarnio — o êxito dillamos, que pelos jornais e nas rodas de arte se formou em torno deste livro privilegiado. Livro de estroia, de verdadeira estrea, por ser de um poeta ain-

da ontem absolutamente ignorado, e um livro sensacional, e até, no bom sentido, se pode dizer — um livro de escandalo.

Logo o titulo, para mais em caracteres enormes e em tinta vermelha, impressao como um brado de orgulho e uma imposicao a homenagem universal. "Eu!" Dir-se-lhe, realmente, o ritmo duma imensa filauca, o anuncio de qualquer coisa como uma auto-epopéa, uma auto-glorificacao. — Quem é este poeta que assim vem, no apaixonado delirio da propria contemplacao, resumindo todas as belas e grandes cousas, todos os assuntos dignos da consagracao da rima, todas as idéias capazes de inspirar um poema na sua incomparavel pessoa? Que nos vai elle dizer de si, para só nos falar de si, por estas largas paginas fora, ao longo duma consideravel brochura? — E abre-se o livro, numa expectativa de ineditismos e de assombros...

Com effeito, muito fala de al o sr. Anjos nas suas poezias sempre extensas e elasticas, a excepcao dos sonetos que, esses, são tamanhos como os de toda a gente... A idéia da natalia, porem immediatamente se dissipa nas nossas impressões. O poeta não se admira, analisa-

se; em vez de se louvar, como supurhamos, submete-se a uma serie de estudos e de exames, impassivel, implacavel, dentro dos principios scientificos a que sujeitou a sua inspiracao. As mais das vezes se torn' ate cruel consigo mesmo, como um anatomista que, na ansia do "caso" occulto em si proprio, se rasga-se a bisturi as proprias carnes, gemendo de dor e de volupia... E' cruel consigo, com os outros, com tudo o que existe e tudo que se imagina. O seu pessimismo scientifico poderia comparar-se ao de Richepin nas "Blasfemias", para mais febril e hiperbolico. Sim hiperboles o sr. Augusto dos Anjos as sentença, as multiplicas, as desbarata as mancheias em cada estrofe... Os temas das "Blasfemias" rima-dos por Cruz e Souza. E dessa combinacao que ele faz, aliando o rigor de historia natural das concepções a exuberancia e a arcaica da forma, resultam, ás vezes, tais exotismos, tais fenomenos de expressao que chega a gente a duvidar — si acaso o poeta não estara a caçar o desconhecido... Não está... Sente-se-lhe bem, por fim a seriedade, a conviccao. E' positivamente assim que ele concebe a vida e entende dever praticar a arte; e essa sinceridade de algum modo se impõe e se faz respeitar.

Abre o livro o "Munblogo de uma Sombra":

Sou uma sombra! Venho de outros [lras.

Do cosmopolitismo das moneras...
Lavra de ciosos teluricos precedas,
Da escuridão do classico segredo,
Da substancia de todas as substancias!

A simbiose das coisas me equilibra,
Em minha gorta monada, supia, vi- [bra

A alma dos movimentos rotatórios...
E é de mim que decorrem, simultâ- [neas,

A saude das forcas subterrâneas...
E a morbidez dos seres illustres!

Patrando acima dos mundanos telos,
Não conheço a accidente da "Sen- [tencia

— Esta universitaria angustiosa
Que produz, sem dispensa algum de [lvrus,

O amarellecimento do papirus...
E a miséria anatomica da ruga!

Na existencia social possui uma arma
— O metafisico de Abhidharma —
E trago, sem brandadas lesouras,
Como um docto de academia passava
A solidiedade subjetiva,
De todas as especies subrotoras.

Com um pouco de sativa quotidiana
Mietro meo meio a natureza humana,
A poezia me serve de Ranzinho...
Amo e estero, em estultos ruis dos [quitosques

E o animal inferior que urra nos [bosques
E' com cordão meu irradia mais velho!

...
A este poeta tao disculpido,

uma cousa de certo ninguem negara: a intuicao plastica e o conhecimento tecnico do verso que geralmente, no seu livro, oferece um rigoroso capricho de ritmo e a mais bela sonoridade.

AUGUSTO DOS ANJOS

(Continuacao da pagina 228)

Di-lo admiravelmente bem, rosos, e avarissima com os ho-
este extraordinario soneto, um dos mais belos que já se escre-
veram em qualquer lingua.

Quando o homem, resgatado da
lceguera,
Vir Deus num simples grão de
[argia errante,
Terá nascido nesse mesmo ins-
[tante,

A mineralogia derradeira!

A imperia escuridão obnubi-
[lante

Há de cessar! Em sua glória in-
[lra

Deus resplandecerá dentro da
[poezia,
Como um gasoflacio de dis-
[manter

Nessa última visão subterrânea,
Um movimento universal de in-
[santa

Arrancará da incinção o ho-
[mem precilo...
A verdade virá das pedras mor-
[tas

E o homem compreenderá todas
[as portas
Que ele ainda tem de abrir para
[o infinito!

Vê-se, por ai, sob a nomen-
clatura rigida e scientifica, no
entrecheio de termos crus e
imagens por vezes repulsivas,
quanto esoterismo, quanto pen-
samento superior, quanta cla-
rividencia intuitiva.

E nisso está, precisamente, o
prestigio enorme do inimitavel
Augusto.

Poucos o compreenderão hoje.
No futuro será, sem possivel
dúvida, o mais assinalado poeta
brasileiro do seu tempo.



AUGUSTO DOS ANJOS
— aos 8 annos de idade —

A OPINIAO DE MANUEL BANDEIRA SOBRE AUGUSTO DOS ANJOS

Depois de se referir aos poe-
tas da geraçao neo-panthasea-
na):

"Entre essas poezias cumpre
destacar o paribano Augusto
dos Anjos, pela forte originali-
dade dos poemas do seu livro
"Eu", no qual um sentimento
pungente de pessimismo e desgra-
ça se exprime ironicamente
atraves de uma terminologia
cientifica, de que o poeta sou-
be tirar estranhos effeitos."

(Noções de História das Lite-
raturas, pag. 322).

VOX VICTIMÆ

Morta! Conciência quieta surja o assassino
Que me acabou, dando-me ao corpo vão
Esta volúpia de ficar no chão
Fruindo na tabidez saber divino!

Estiando o meu cadaver resupino,
No uor da humana profleraçao,
Outras cabeças appareçao
Para compartilhar do meu destino!

Na festa genethica do Nada,
Abrija-me com a terra atormentada
Em conturbénio concluzionador...

E ai! Como é boa esta volúpia obscura
Que une os ossos cansados da criatura
Ao corpo ubiquitario do Criador!

AUGUSTO DOS ANJOS

ELOGIO DE AUGUSTO DOS ANJOS - Orris Soares

(Continuacao da pag. anterior)
No limiar do "Eu", se lhe qui-
serdes experimentar a beleza,
despi-vos dos pensamentos fol-
gozes e furtivos, que todos são
solerles e traidores. A vida aqui
só há-de ser comprehendida por
quem primeiro comprehender a
agitacao e a amargura do poeta.
Passem de largo os enoideidos
de alegria, muito de largo.
"Riqueza da alma, psiquico tesou-
ro", só é a dor.
Praia Formosa, Paraíba —
Dezembro de 1919.

ORRIS SOARES

NOTA URGENTE — Sobre a
manada de escolas, quisera
socorrer-me de poetas brasileiros
e com eles argumentar. Não
por jereniadas regionalistas, de
que me sinto liberto. A pátria,
eu a amo na expressao de huma-
nidade que ella comporta e
representa, alheando-me do
fato de ser o Brasil terra de
meu nascimento.
Conheço a força com que o
ambiente opera na formação do
individuo. Daí a razão do patri-
otismo. E em alta escala o
pratico, sem, contudo, perturbar
o ansio de solidariedade
humana que começa a envolver
o homem, empurrando-o além
fronteira. Será a pátria tanto
mais vantajosamente querida,
quanto mais o patriota não
perca o contato com o senti-
mento universal.
Se, por um lado, a menção
de poetas nacionais botar-me-lhe
perto de rico material, dando-

me o gosto de expor nomes que
valem medalhas, por outro, senti-
r-me-lhe embaraçado por não
ser aqui hergo de nenhuma das
correntes poeticas, passadas ou
presentes.
Quanto à poesia, minha com-
preensão se accentua. Defino-a
procurando o mais possivel o
elemento filosofico das defini-
ções. Assim digo — poesia é
uma presenca de verdade metafisica.
O real absoluto de Novales.
Por isso o commercio do poeta
com tudo o que o cerca, será
totalmente constituído de tran-
sações espirituais.
O filosofo, que é hoje homem
de ciencia, procura a verdade
metafisica, utilizando-se o mais
possivel dos dados experimen-
taes, que o distanciam das espe-
cuações ontologicas; ao poeta
ella virá espontânea, pelos ca-
minhos do sentimento. E a elle
lhe basta, a apparencia de ver-
dade, portanto uma impressao;
o outro tem que collocar o fato
ou fenomeno como real, embora
não consiga interpretá-lo logo,
assim.
No "elogio" falo em espiri-
tualidade. Tal expressao excede
do sentido vulgar da palavra
"espirito". Esta pode referir-se
à suposta coisa em si, baixar
ao fato, ser o homem sem seu
aerescismo de paixoes. Espiri-
tualidade restringe-se à essen-
cia. Restricao de espaço para
maior altura do valor signifi-
cado.
Agora, quando dizemos espiri-
to, nos referimos ao conscien-
te, portanto ao objetivo. A es-

piritualidade permanece subje-
tiva. Riqueza do subsoito, que só
vem à face da terra por um
processo de coação. Não digo
intelectual. Talvez nervosa.
Predomínio da inspiração senti-
mental. Tanto assim que toda
poesia é uma paisagem da alma.
Sendo o poema uma paisagem
infinita em que a alma do poe-
ta se conjuga em várias expres-
sões de cor.
Na poesia o horizonte, ima-
gem do limite, guarda sempre a
mesma distancia por mais pas-
sos que o poeta dá em sua di-
reção.
Tudo limite importa num sa-
crificio. Por isso a desvaloriza-
ção da rima. Se o poeta cria-
do, e não fabricando o verso,
encontrá-la, bem, que ella se
mantenha. Procurá-la, caçá-la,
encontrá-la, compromete os fo-
rais da poesia, reduzindo-a a
uma especie de officio bate-bate.
Há quem veja na rima um
motivo musical, como se a mu-
sica deixasse de ser expressao
do inexistente (o Não-ser de
Nietzsche antes do desastrado
rumpimento com Wagner), ex-
pressão do inexistente para
maior positividade de existencia.
Por isso mesmo mais melodia,
que é altura, e menos harmonia,
que é forma.
Schopenhauer considerou a
rima um meio de encadear nos-
sa atença, inclinando-a a
aquiescer ao recitativo. O nada-
do de águas profundas dexou-
se ir nas ondas dos que re-
duzem a poesia à missão de
agradar, como se o poeta, em

vez de tirano, que impõe sua
vontade fosse um súdito as or-
dens de outros.
A rima se me affigura uma
corrupçao decorativa que na
maioria dos casos, principalm-
mente nos poetas que são poe-
tas por que fazem versos (ex-
pressao de Thibaudet), estraga
a integridade do sentimento
poético.
Urge distinguir o ritmo, fun-
çao estetica, por consequente
lei de poesia, da rima, processo
mecânico. O primeiro pôde ser
desigual. O segundo está im-
mediatame incluído à resonancia
especie de ponto de referencia
que obriga o poeta a determi-
nado caminho, muitas vezes da-
nificando-o na enoçao.
Augusto dos Anjos rimando
não se diminui, porque con-
segue manter integra sua sensi-
bilidade. Fenomeno involgar. En-
tre centenas de seus poderosos
versos não deparo vinte em que
ele se visse forçado a ceder à
rima.
Quando no trecho do "Elo-
gio", a que se prende esta nota,
encontrei meio de afirmar que
a poesia consiste no sieme-
[s] subjetivo, ainda o logico Valéry
não havia escrito o prefacio do
"La Connaissance de la Désace
nem Bremrod explorado a mina
do inefavel!

Atualista o que, de certa fórma,
já o distancia da concepção
mais desenvolvida, onde a pre-
dominancia toca à sensibili-
dade, ordenada ou desordenada.
O milagre Valéry consiste no
geometrico manter o espirito do
subtileza. Esta aliança importa
num dom quase sobrenatural.
No intuito de justificar a poe-
sia como uma presenca da ver-
dade metafisica, quisera esclari-
ficar o que chamo "afetivis-
mo". A principio, no convivio
de amigos, usei o termo sensibi-
lismo, sensibilidade aguda.
Meu pensamento se acionava
melhor com a expressao "afeti-
vismo", annunciando um estado
em que a intelligencia atua com
a predominancia da sensibili-
dade.
O doloroso é que a palavra
representa sempre uma dimi-
nuicao no modo de ser da poe-
sia. Ella, para que o poeta de-
nuncie sua presenca, reclama
ainda o instrumento do verso.
Cumpre, porém, ao verso ser-
vi-la com o máximo da liberda-
de para obter o máximo de ver-
dade.
Na verdade puramente intelec-
tual, muito menos moral. Ver-
dade do sentimento que está no
homem com projecção para
além. Sente-a o poeta graças à
extraordinaria capacidade de
afeto que o ure a tudo, aliada
à maravilha do seu poder per-
ceptivo, e transmite-a numa
impressao inteiramente pessoal.
Personalissima. Exemplo — Au-
gusto dos Anjos.
Rio, agosto, 1928. — ORRIS.

Um falso padre que enganou Tobias Barreto - Josué Montelo

Escrevendo sobre a imprensa do Maranhão, num livrinho publicado em 1881, Joaquim Serra, ao falar de a "Civilização" — gazeta que se editou por essa época na capital da provincia — de uma ideia bem exata do célebre periódico inspirado e dirigido pelo clero de São Luiz. "E' uma folha, embora bem escrita, cheia de azedume e daquele fel de que Boileau admirava-se de ver na alma dos devotos" — disse o grande abolicionista.

Esse azedume faria o renome do periódico dos padres. Duas campanhas lhe dariam ingresso na historia das letras brasileiras: a primeira, em 1881, contra Aluizio Azevedo, a proposito de "O Mulato"; a segunda, no ano seguinte, contra Tobias Barreto, a proposito de um discurso em que o mestre sergipano expuzera com desassombos as novidades rebeldes do pensamento alemão.

Em ambas as pelepas o clero se veria com água pela barba. E Tobias, com aqueles impetuosos destabulados de quem se sentia bem no tumulto, atiraria aos cléricos confederados nas colunas do jornal maranhense, remoques deste teor jogaescolico:

"Oh! que padre danado
Só é Forseção
Coluna ecclésiastica
Do Maranhão..."

A polémica com Tobias ficaria nos annals litterarios como das mais azedas e das mais representativas do espirito brio do grande sergipano. E um padre Fonseca, até então obscuro na sua vida apagada de sacerdote da provincia, ficaria subitamente com o nome na historia. — Seria ele, na batalha, o contendor de Tobias, e a immortalidade dai resultante, lhe custaria uns galardões, incomodos de estupidéz bernarda.

Esse padre Fonseca, que ao tempo era cônego se chamava, por extenso, Raimundo Alves da Fonseca — recebeu injustamente os galardões que Tobias lhe conferiu na polémica tumultuosa. E essa injusticia advem da circunstancia de que não foi o cônego o autor do artigo que provocou a discussão.

nem tambem dos demais que se lhe seguiram em resposta a Tobias Barreto. A historia da polémica com os padres da Civilização ainda não foi devidamente estudada. Silvio Romero não soube relatá-la ao certo — e todos os que tem escrito sobre o caso vem vindo a laborar manosamente no mesmo erro.

Esclareço o problema.

A Civilização mantinha, mais ou menos assiduamente, uma secção intitulada *Secas e Mecas*, assinada por Joaquim de Albuquerque. Esse Joaquim de Albuquerque, na secção referida, foi quem lançou, em 1882, a provocação a Tobias Barreto, em artigo reprodúzido na imprensa do Recife pelo clero pernambucano. Ao tempo — o cônego Raimundo Alves da Fonseca occupava na Civilização, o cargo de principal redator. Seu nome era conhecido fora do Maranhão — principalmente em Recife — em virtude da polémica que, em defesa da Igreja, sustentara com Celso Maga-

lhães — nome bastante conhecido e admirado pela mocidade pernambucana.

Ao ter conhecimento do artigo e sabendo que o cônego Fonseca era o redator principal do periódico católico, Tobias Barreto, que conhecia o estilo do sacerdote, attribuiu-lhe a autoria da descompendida, Revidou, logo, em termos enérgicos. E para dar a entender ao padre que sabia perfeitamente quem era o articulista, ligou ao pseudónimo e o sobrenome do clérigo, dai resultando um padre Joaquim de Albuquerque Fonseca. — nome aceito como verdadeiro por Silvio Romero. Apesar do proprio Tobias ter lançado, neste passo de um dos seus artigos, a dúvida orientadora: "O miseravel assina-se — Joaquim de Albuquerque — Será este o seu proprio nome? Não, que não. O padre é tão burro, que escolhendo um pseudónimo, lança mão de um nome que pode facilmente encontrar, dono".

Na verdade tratava-se de um

pseudónimo. Mas ninguem sabia, ao certo, a quem elle pertencia. A suposição geral, mesmo em São Luiz, via em Joaquim de Albuquerque o padre Raimundo Alves da Fonseca. A prova disso é que, na resposta ao unico trabalho que se escreveu em São Luiz sobre "O Mulato" e foi assinado por "Joaquim de Albuquerque" — Aluizio Azevedo attribuiu a critica despiadada e violenta ao padre Fonseca, conforme se verifica no artigo publicado no número de 20 de julho de 1881 de "O Pensador". Mais tarde, ao escrever, quase dez annos depois, o prefacio à segunda edição do mesmo romance, foi que Aluizio revelou ao pais, para escarmento eterno, o nome verdadeiro do furibundo articulista de provincia.

E Euclides de Faria, que durante tanto tempo se occultara sob aquela dissimulação de "Joaquim de Albuquerque", saiu, ao final de seu esconderijo, onde vivera sob a protecção e o silencio dos padres de São Luiz.

Dessa fórma, toda a discussão que Tobias Barreto supuzera travar com um membro ilustre do clero maranhense, não foi mais do que uma querela com um leigo espiritudo e mordaz.

Euclides Faria, poeta satirico, católico truculento ao getto de Louis Vellot, soube provocar habilidosamente as iras do grande sergipano, contundendo-lhe em muitos passos a vaidade atrevida.

Tobias Barreto enxergou no Joaquim de Albuquerque uma batina católica e atirou o melhor dos seus deostes e da sua dialéctica contra o suposto padre. Hoje, esclarecido quem era o dono verdadeiro do pseudónimo, muitos desses deostes perdem naturalmente a sua razão de ser. E o episodio passa á historica como um dos mais pitorescos exemplos de camouflagem ocorrido em nossas letras, ao mesmo tempo que faz voltar para a figura esquecida de Euclides Faria um certo movimento de furtividade e indignação

UM ESTUDO SOBRE CARLOS

Na revista Ultramar, que se publica em Lisboa, o brilhante critico portuguez José Osório de Oliveira publicou um estudo muito interessante sobre Carlos Drummond de Andrade.

Com a devida venia reproducimos em nossas colunas esse ensaio acerca do grande poeta de Sentimento do Mundo.

Éis a trabalho de José Osório de Oliveira:

Um poeta de cultura classica, que apesar disso foi um dos três primeiros renovadores da poesia brasileira (refiro-me a Manoel Bandeira, sendo os outros dois: Mario de Andrade e Oswald de Andrade, pois que Augusto Frederico Schmidt desempenhou um papel á parte, de poeta solitario), teve um dia este desabafo, que marca uma data na historia da libertação poetica dos brasileiros:

Estou farto do lirismo comedido
Do lirismo bem comportado
Do lirismo funcionario público com livro de ponto expediente
protocolo e manifestações de apreço ao sr. director

Estou farto do lirismo que para e vai averiguar no dictionário o
cunha vernaculo de um vocabulo
Abaixo os puristas

Todas as palavras sobretudo os barbarismos unipersonais
Todas as construções sobretudo as sintaxes de excepção
Todos os ritmos sobretudo os inumeraveis

Estou farto do lirismo namorador
Político
Raquitico
Sifilitico
Le todo lirismo que capitula ao que quer que seja fora de si
mesmo

De resto não é lirismo
Será contabilidade tabela de co-senos secretario do amante
exemplar com cem modelos de cartas e as diferentes maneiras
de agradar ás mulheres etc.

Quero antes o lirismo dos loucos
O lirismo dos bêbedos
O lirismo diásculo e pungente dos bêbedos
O lirismo dos "elous" de Shakespeare

— Não quero mais saber do lirismo que não é libertação

Ao autor desta Poética se devem duas magnificas antologias da poesia anterior do Brasil: a *Antologia dos Poetas Brasileiros da Fase Romântica* e a *Antologia dos Poetas Brasileiros da Fase Parnasiana*, mandadas publicar pelo Ministério da Educação e Saude, á frente do qual está há annos, como devia estar, um homem para quem as coisas do espirito fazem parte das preocupações do governo. Chama-se esse homem Gustavo Capaneira, e excepcionalmente cito o seu nome por não ser hábito meu honrar os homens de Estado. Como deixar, porém, de apontar o exemplo desse politico que tem como colaborador principal um poeta modernista: Carlos Drummond de Andrade, que tem dado o seu patrocinio á obra revolucionaria do grande pintor Candido Portinari, que tem tornado possível a obra de cultura do poeta da *Libertinagem*, esse Manoel Bandeira cuja arte poetica, como rimos, proclama, acima de tudo, a libertação de todas as ordens? É certo que, no Brasil, a literatura moderna, porque fez obra nacional, descobrindo o pais e a alma do seu povo, está já integrada na vida colectiva, a tal ponto que Manoel Bandeira pode occupar, sem escândalo público, a cadeira de Literatura num estabelecimento superior de ensino official e pode ser, há pouco, eleito para a Academia, continuando o mesmo e sem renegar página alguma da sua obra ou qualquer principio da sua poetica revolucionaria.

Oswald de Andrade diz-me só ter notado uma omissão na minha *Historia Breve da Literatura Brasileira*: a do nome de Annibal Machado. Reparo absurdo, porque se eu, por mero favor das circunstancias, conheço o importante papel desempenhado pela pessoa de Annibal Machado na literatura brasileira dos últimos annos, impossível se me tornava apontar o nome de um homem que não tem livro algum publicado, mesmo numa historia não-didáctica da literatura brasileira. E no entanto, um simples conto do Annibal Machado, intitulado, se não me enga-

no, *A porta-estandarte*, e que o *Boletim de Arici* em tempos publicou, dá ao insatisfeito autor do eternamente Inédito *João Ternura*, o direito a occupar um dos primeiros lugares entre os contistas brasileiros. O mesmo succede, aliás, com um dos mais raros espiritos criticos do Brasil: Prudente de Moraes Netto, que usa o pseudónimo de Pedro Dantas, mas que nunca deixou as paginas das revistas e que não é possível indicar, portanto, aos leitores portuguezes. Mas veio isto a proposito de Manoel Bandeira porque queria eu dizer que impossível será a um portuguez que não conheça a vida brasileira, mesmo que tenha lido os versos daquele poeta, avaliar a sua verdadeira importância. Seria preciso que eu lhes transcrevesse aqui, por inteiro, a admiravel *Ode ao cinquentenario do poeta brasileiro* de Carlos Drummond de Andrade — uma das mais belas manifestações que conheço da virtude de admirar, testemunho daquela nobre fraternidade litteraria que no Brasil existe e que em Portugal é letra morta. Por ser longa, transcreverei, apenas, dois fragmentos da parte final:

Por isso sofremos: por essa mensagem que nos confias
entre os ôníbus, abafada pelos pregões dos jornais e mil quebras
operarias,

essa insistente mas discreta mensagem
que com cinquenta annos, poeta, nos trazes;
e essa fidelidade a ti mesmo com que nos appareças
sem uma queixa no rosto entretanto experiente,
a mão firme estendida para o aperto fraterno,
— o poeta acima da guerra e do odio entre os homens, —
o poeta ainda capaz de amar Esmeralda embora a alma anotteça,
o poeta melhor que nós todos, o poeta mais forte,
— mas haverá lugar para e poesia?

E enquanto os homens suspiram, combatem ou simplesmente
ganham dinheiro,
ninguem percebe que o poeta faz cinquenta annos,
que o poeta permaneceu o mesmo embora alguma coisa de ex-
traordinário se houvesse passado,
alguma coisa encoberta de nós, que nem os olhos traíram nem
as mãos apalparam,
um suspiro, uma emoção, um enternecimento,
o desejo de dizer: Emmanuel, disfarçado na melguice elástica
dos abraços,
e uma confiança maior no poeta e um pedido lancinante para
que não nos deixe sozinho nesta cidade
em que nos sentimos pequenos á espera dos maiores aconteci-
mentos.

Que o poeta nos encaminhe e nos proteja
e que o seu canto confidencial ressoe para consolo de muitos e
esperança de todos
(soldados, prostitutas, estudantes, chapeleiros e lavradores).
Que o poeta Manoel Bandeira escute este apelo de um homem
humilde.

"Humilde", eis o que, de fato, define, não a condição do
poeta Carlos Drummond de Andrade, que é illustre, mas a sua
posição diante das coisas e dos seres. No seu primeiro livro, hu-
midamente intitulado *Alguma Poesia*, há um pequeno poema,
esquemático como então eram quase todos os seus e que provo-
cou escândalo, que já vi ser tomado, por um espirito excepção-
nalmente culto, como manifestação de humorismo, e que me pa-
rece constituir a maior expressão de humildade diante das coisas
até hoje alcançada por um poeta. Chama-se esse poema *No
meio do caminho* e é, apenas, esta notação monótona de uma
obcecção:

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho

Recordação de Machado de Assis

ALOYSIO DE CASTRO
(Da Academia Brasileira)

Foi um dia, já bem longe, que conheci o mestre da nossa geração litteraria, quando, menino de colégio, entrei com meu Pai á livraria Garnier. Era uma casa velha e escura, cujo soalho gretado tremia sob os pés. A um canto folheava livros certo homem de grande aspecto, a quem o dr. Francisco de Castro logo se dirigiu com significações de estima. Não sabia eu quem era elle, mas recordo-me que lhe beijei a mão, ou porque adivinhasse que se gradaria á vontade paterna, ou porque já no mais verde dos annos despoite ás vezes o instinto das grandes venerações.

Enterneceu-se com o gesto o sr. Machado de Assis. Minimizei na face, dizendo-me que me vira quando ainda lhe cabia no bolso do casaco. Longa conversa conversaram os dois amigos. Ao despedir-se, bem me lembra, sorria o mais velho a dizer: "Sim, a vida é um baile de máscaras, uns vão saindo depois de outros. Já me sinto no fim do baile". E repetia, com voz melo saqueada, "a vida é um baile de máscaras". Na rua interceptei meu pai sobre que baile era aquele. Respondeu-me que eram coisas de fillofo. Não atizei ao certo o que fossem fillofos, mas nunca me esqueci do encontro e das palavras.

O túmulo de Casimiro de Abreu - José Lins do Rego

Com um grupo de amigos fui à Barra de São João ver a terra de Casimiro de Abreu, a vizinhança onde o poeta correu atrás das borboletas azuis e amou de amor mortal. De Cabo Frio a Barra de São João, a viagem é deserta de encher a vista. Uma estrada por dentro da mata, campos de pastagens, salinas geometricamente distribuídas, com montes brancos de sal, com cataventos de todas as cores cobrindo a paisagem. Dizia-me Gislain Cruls, para mim que nunca vira terras de estranha que aquilo era o mesmo que se vê indo a Holanda tão falada. O automóvel cortava a areia, rompia a mata. E de repente paramos numa cidade com terra de igreja escondida por entre árvores e trepadeiras de todas as cores. Era a fazenda de um americano rico que se aproveitava de uma Redução dos jesuítas para fazer uma casa que é uma delícia de gosto e de propriedade de arquitetura. "Campos Belos" chama-se este recanto. E belos são mesmo os

campos que do alto do solar se descontinham, com longínquos horizontes e a imensidão da baixada esmagada pelo mistério da lama e das febreis.

Barra de São João ficava mais longe. Teríamos que andar uma boa hora inteira por debaixo de árvores. E por fim os pneumáticos começaram a sentir o areame das proximidades da praia. Lá no nordeste chamamos de taboeiros aquela vegetação rasteira, mirrada, nascida e criada em terras tão áspers. Por ali as trepadeiras silvestres enfeitavam o deserto. Faz gosto olhar os arranhabastões se enroscando nos cordeiros com a floração de jardim bem tratado.

Por fim estávamos à beira do rio São João. Do outro lado era a terra amada de Casimiro, terra por quem tanto ele chorou no desterro de Portugal. Debalde de uma figueira que devia ser do tempo do poeta esperamos a canção que nos conduzia para o outro lado. Viamos as casas velhas e mais para longe

uma igreja dos tempos antigos. Lá devia estar o cemitério.

S. João da Barra entra na categoria das pobres cidades sem jeito, doente, de morte, destas que se desagravaram com o fracasso de uma cultura ou com estradas de ferro passando por outras zonas. Está caindo aos pedaços. Casas inteiras sem telhado, com as pedras de suas paredes deixando ver a argamassa feita com óleo de peixe. Tudo aquilo construído para durar, para se impor ao tempo, e tudo se reduzindo a nada. Um dono de uma venda queria falar política conosco. Era um sonhador que ainda esperava a ressurreição da terra acabada. Um circo de cavallhões pregava reclames pelas palmeiras, com um aviso de um lirismo imenso. O ar, diretor do circo, o homem de peito de aço, o que parava automóveis a mague, também conservava manguinhos de costura, marca Singer ou de qualquer outra espécie. Um silêncio enorme caía sobre

Barra de São João. Só de muito longe se ouvia o rumor de mar, um rumor triste e abafado de canto-chão.

Tínhamos que ver o túmulo de Casimiro de Abreu. Estávamos ali para prestar esta homenagem ao grande lírico. Dante Milano nos falava de Casimiro como do criador da língua brasileira. Ele fora pelo menos com Gonçalves Dias dos primeiros que botaram no verso a saudade da terra brasileira. Os primeiros que choraram pelas nossas palmeiras, pelos nossos campos, pelas nossas mulheres. Mas choraram de verdade, sem comédia, com o coração e os nervos despedaçados de saudade.

Lá em cima trepado no morto estava o seu túmulo, num cemitério pequeno da terra. A igreja do alto do outeiro abriu as suas portas para nos receber, com o mesmo cheiro de morengo e de coruja das igrejas abandonadas. De uma de suas paredes caíra um exvoto, a história de um hiaste salvo das águas do mar pela in-

vocação do santo padroeiro. No fundo, como se fosse no fundo de quintal, estava o túmulo de Casimiro, humilde campa, com tampa de mármore, muito parecida com outros túmulos porque Casimiro não queria se salientar junto dos mortos e sua terra, se não fosse a visita feita a Barra... São João, pelo almirante Protógenes Guimarães. Ai o almirante mandou, como um senhor de bom coração que fizessem o túmulo de Casimiro bonito, que o cercassem de grades de ferro fundido, separando o poeta dos seus contemporâneos. Mas que não se esquecessem de botar o nome do governador em letras enormes como o benfeitor, o duque generoso que passara por aquelas paragens desoladas. E o pai de Casimiro está no cemitério de Barra de São João com as regalias e os enfeites de qualquer rico aqui do Rio no cemitério de S. João Batista.

Nunca vi cemitério mais próximo para um poeta do jeito de Casimiro como o de Barra de São João. De cima dele vê-se o mar roncando, muito verde, e o rio com a sua barra apertada entre pedras. Ventos de longe banham as campas paupérrimas. Ali Casimiro estava como se estivesse em casa, se não fossem as grades de ferro e a placa enorme com o nome do almirante.

Na manhã que lá estivemos abriam perto de Casimiro uma cova nova. Naquela tarde iriam enterrar bem pertinho dele uma menina que morrera em Barra de São João.

As pinturas murais dos cafés e dos restaurantes

(Continuação da página 339)

tas, no agora reveladas por Carlos Cavalcanti — Justino Miguelis, natural do Porto, chegou aqui em 1912, ex-aluno da nossa Escola de Belas Artes. Bravo Filho, Albino Beija-flor... Miguelis contou a Carlos Cavalcanti que foi o primeiro professor de Portinari, menino recém-chegado de Brodowski.

Mas o que Carlos Cavalcanti parece que não sabe, senão teria lido, é que entre esses pintores de café do povo se deve citar um dos nossos artistas mais finos, mais cultos, mais viajados — Guignard. O "Café e Restaurante Progresso", pertencente ao sr. Francisco Rocha, estabelecido à rua Barão Ribeiro nº 218, tem as suas paredes enriquecidas com três pinturas à tempera do conhecido artista. Uma delas está assinada pelo autor com todas as letras do seu nome. Vale a pena ir ao estúdio do Inhangá especialmente para ver os trabalhos de Guignard. Na parede à direita de quem entra, há um painel assinado — as três caracóis de Gabriel, limitadas lateralmente a pintura por dois golfinhos, ao alto a data de 1909, em baixo uma concha sobre a qual passa uma fita com o nome do descobridor do Brasil.

Na parede da esquerda, a primeira pintura representa o martírio de S. Sebastião, colocado no primeiro plano, amarrado a uma árvore e traspasado por seis flechas. Um S. Sebastião atético e formidável. O fundo é uma paisagem de montanhas, com a que se desorienta antes de chegar ao túnel da Manipueira. A cena é delimitada por uma imitação de molduras. A segunda pintura é uma natureza morta — um vaso de flores (girassóis, argêntos, lírios e outras florais menores) posto sobre a estante de uma janela — as fronteiras do quadro — através da qual se vê um fundo de montanhas.

Tentei puxar conversa com o proprietário do café para saber algum detalhe curioso dessa incursão de Guignard nos domínios de Miguelis, mas o sr. Rocha é de poucas falas. Aliás o café estava repleto e não havia mais a moeda para atender à clientela. Apesar de que já sabia pelo próprio Guignard, as pinturas não foram encomendadas. Guignard se ofereceu para pintar as paredes e o proprietário consentiu, dando plena liberdade ao artista. Não pude saber se o sr. Rocha aprecia as pinturas do seu café. Também não posso a café de sr. Rocha, se for tão bem como as pinturas de Guignard, o "Café Progresso" está na ponta e qualquer outro café do Rio junta dele é "café pequeno".

DRUMMOND DE ANDRADE

tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.

Se a poética de Manoel Bandeira, tal como a vimos definida pelo próprio, foi alguma vez empregada por outro bom perfeita consciência dos seus fins, esse outro chama-se Carlos Drummond de Andrade. Depois de Bandeira, de Mario e de Oswald de Andrade, em nenhum poeta brasileiro o lirismo foi, mais do que neste, libertação. Libertação das disciplinas, formais, mas, sobretudo, libertação das regras que determinavam a escolha dos temas poéticos. O autor de *Alguma Poesia* descobriu o que havia de poético naquilo que ele próprio chamou de "trágico jornalístico", referindo-se aos versos em que o grande Antônio Machado fez o registro da morte desse outro grande entre os grandes, Frederico Garcia Lorca. Manoel Bandeira já tinha escrito um *Poema tirado de uma notícia de jornal*, aliás incluído no volume *Liberlignagem*, que é do mesmo ano que *Alguma Poesia*, mas foi Carlos Drummond de Andrade quem exprimiu o *Poema do jornal*:

O fato ainda não acabou de acontecer
e já a mão nervosa do reporter
o transforma em notícia.
O marido está matando a mulher.
A mulher ensanguentada grita.
Ladros arrastam o cofre.
A polícia dissolve o mitingue.
A pena escreve.

Vem da sala de linotipos uma doce música mecânica

Dentro da sua segura formal, adivinha-se já, em *Alguma Poesia*, a profunda capacidade de simpatia humana de Carlos Drummond de Andrade. Não conheço o seu segundo volume de poemas, intitulado *Brejo das Almas*, mas li, num número do *Boletim de Ariel* de 1937, o artigo que esse poeta dedicou à morte de seu irmão Garcia Lorca, e li, também, no número da *Revista Acadêmica* consagrado a Portinari, o seu artigo: *Estive em casa de Cândido*, que é a página de simpatia mais extraordinária que tenho lido ultimamente, e que pude apreciar por saber o que são os jantares fraternais em casa de Cândido Portinari. Não me surpreendeu, por isso, que ao seu terceiro livro, recentemente publicado, Carlos Drummond de Andrade desse este título: *Sentimento do Mundo*. Poucos, como ele, poderão dizer que tem esse sentimento

Tenho apenas duas mãos
e o sentimento do mundo,

eis como o poeta se apresenta, e é a figura de um homem de braços abertos, na atitude de quem oferece a sua solidariedade a todos os outros homens, que nos vemos erguer-se diante de nós. Porque a simpatia o domina e o seu desejo seria poder amar todos os homens, procura compreendê-los, e daí o final melancólico do seu poema em prosa: *O operário no mar*:

Daqui a um minuto será noite e estaremos imediatamente separados pelas circunstâncias atmosféricas, eu em terra firme, ele no meio do mar. Único e precário agente de ligação entre nós, o seu sorriso cada vez mais fraco atravessa as grandes massas líquidas, choca-se de encontro às formações salinas, às fortalezas da costa, às meduzas, ataraxosa tudo e vem deixar o meu rosto, trazer-me uma esperança de compreensão. Sim, quem sabe se um dia o compreenderes?

Porque sente o mundo dos homens, pode dizer, no poema: *Os ombros suportam o mundo*:

Chegou um tempo em que não adianta morrer.
Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.
A vida apenas, sem mistificação.

ou, no poema significativamente intitulado: *Mãos dadas*:

O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes,
a vida presente.

Porque é profundamente humano, pode dizer estas palavras que, num poeta, constituem uma demonstração de humildade diante do Mundo grande:

Não, meu coração não é maior que o mundo.
É muito menor.

Porque assim é, pode sorrir do espírito incuravelmente literário, porque francês, do homem que escreveu *La Possession du Monde*, mas que não deu pela profunda realidade humana do Brasil. Porque assim é, pode escrever com um acento inconfundível de sinceridade que nem sempre se encontra nos poemas sociais, a *Elegia* 1938. Porque assim é, pode escrever os três admiráveis poemas que destaca do *Sentimento do Mundo* e que, para mim, o colocam, de agora em diante, entre os maiores líricos brasileiros. Intitula-se o primeiro: *Menino chorando na noite*, e considero-o uma das mais pungentes expressões da imensidão do sofrimento humano:

Na noite lenta e morna, morta, noite sem ruído, um menino chora.
O choro atrás da parede, a luz atrás da vidraça
perdem-se na sombra dos passos abafados, das vozes extenuadas.
E no entanto se ouve até o rumor da gota de remédio caindo
na colher.

Um menino chora na noite, atrás da parede, atrás da rua,
longe um menino chora, em outra cidade talvez,
talvez em outro mundo.

E se vejo a mão que levanta a colher, enquanto a outra sustenta
a cabeça
c nojo o fio oleoso que escorre pelo queixo do menino,
escorre pela rua, escorre pela cidade (um fio apenas).
E não há mais ninguém no mundo e não ser esse menino chorando

Intitula-se o segundo: *Os mortos de sobrecasaca*; e considero-o uma das mais patéticas definições daquilo que das nossas vidas subsiste:

Havia a um canto da sala um album de fotografias intoleráveis,
alto de muitos metros e velho de infinitos minutos,
em que todos se debruçavam
na alegria de zombar dos mortos de sobrecasaca.

Um verme principia a roer as sobrecasacas indiferentes
e roeu as páginas, as dedicatórias e mesmo a poeira dos retratos.
So não roeu o imortal soluço de vida que rebentava
que rebentava daquelas páginas.

Intitula-se o terceiro: *Lembrança do mundo antigo*, e considero-o, por contraste, a síntese poética mais lancinante do drama a que estamos assistindo na Europa:

Clara passeava no jardim com as crianças.
O céu era verde sobre o gramado,
a água era dourada sob as pontes,
outros elementos eram azuis, róseos, alaranjados,
o guarda-civil sorria, passavam bicicletas,
uma menina pisou a relva para pegar um pássaro,
o mundo inteiro, a Alemanha, a China, tudo era tranqüilo em
redor de Clara.

As crianças olhavam para o céu. Não era proibido!
A boca, o nariz, os olhos estavam abertos. Não havia perigo!
O perigo que Clara tinha eram a gripe, o calor, os insetos.
Clara tinha medo de perder o bonde das 11 horas.
Ela esperava cartas que custavam a chegar.
nem sempre podia usar vestido novo. Mas passeava no jardim
pela manhã!!!

Havia jardins, havia manhãs, naquele tempo!!!

É tão grande o seu "sentimento do mundo" que até "o surdo rumor de combates longínquos" é captado pela sua poesia como por uma antena. Aliás, o poeta sabe que esse "surdo rumor" está:

cada vez mais perto, mais, daqui a pouco dentro de nós.

POEMA HOSTIL A VIDA E' DE CABEÇA BAIXA

ALVARO MOREYRA

NOITE DE FRIO

A vida não se detem. Justamente porque é espírito, anda sempre mudando de expressões. A realidade de cada vida está em quem a vive. Nos outros, vivendo a sua, as alheias são aparências refletidas. Eu sou como me julgas, e sou assim apenas para ti. Para ele, já me apresento diferente. Sou tantos quantos nós somos. A discussão não acaba. Aconteceu isso com Proieteu e com Petronio, Santo Agostinho, Maria Stuart, Mãe Lere, Tomas Antonio Gonzaga, Anthero do Quental, Remy de Gourmont, Federico Garcia Lorca... Até hoje há quem prove que Shakespeare não foi Shakespeare e, por crimes iguais ao de Galileu, muita gente virou tarata. Classificar, não é possível. Só as criaturas sem espírito se confundem. Rastros. Ecos. Sobras. Não é difícil por etiquetas nelas. Porque, na verdade, não vivem. Dão uma ideia da vida. Uma ideia atrapalhada, porém justa. Eu disse, há muitos anos, que os imbecis são insuportáveis nas segundas-feiras. Mania de sintetizar. Os imbecis são insuportáveis todos os dias. O que é preciso é não exagerar. O abade Coignard aconselha que se desprezasse os homens com ternura. O rei Arkel murmurou uma vez: "— Se eu fosse Deus, teria pena do coração dos homens." Ignorava esse rei, vindo de mais, que muitos homens também não tem coração. No final de "Henrique 4.º" de Pirandello, um personagem protesta jocosamente contra os colegas que pretendem dominar o "doido": — "— Não é doido! não é doido!" "Henrique 4.º", fica, junto dos três servidores necessários. Fica, espantado da vida criada pela própria ficção, vencido pelo entendimento dos que sabia incapazes de entender: "— Agora sou doido, sim... à força... para sempre..." E era o único de juízo. Cervantes me surge mais humano. Don Quixote, na hora da morte, confessou esta certeza: "— Meus amigos, eu agora não sou mais doido". Ora, não há certeza pior.

Mas que frio bom!...

1910

Felippe D'Oliveira e eu chegamos ao Rio, nos começos de 1910. Felippe trazia um fraque. Eu trazia uma carta para Mario Pederneras. Os nossos sonhos eram iguais. Com os sonhos, a carta e o fraque, fomos, uma noite, visitar Mario Pederneras, lá no Largo do Humaitá, e ficamos logo da família. Conhecemos então Rodrigo Octavio Filho, Olegario Martanno também reto do mesmo tempo. E não me lembro do nome de outro companheiro que arranjamos, grande admirador de Gomez Carrillo e do Clube Mozart. Este clube não era de música. Era de jogo. O companheiro sem epíteto morreu afogado no rio São Francisco. Foi ele quem nos apresentou a Annibal Teophilho e Goulart de Andrade. Pelo Annibal ganhamos a amizade de Octavio Augusto. eram os poetas da época, celebrizados pela "Cegonha", o Annibal, pelos "Velhinhos", o Octavio Augusto, e Goulart pela "Luz":

"... livida lua,
 ai minguado de luz opalescente,
 saudade ignota que pelo ar flutua..."

Tinham dois versos: Luis Edmundo, com os

"Olhos tristes, vós sois como dois sóis no poente,
 cansados de luar, cansados de girar..."

e Hermes Fontes, que estreada retribuintemente com as "Apo-teoses". Não tardou que mais um rival aparecesse, vindo do Norte: Da Costa e Silva, de quem a cidade e o país deram o sôneto:

"SAUDADE

Saudade! Olhar de minha mãe rezando
 e o pranto lento deslizando em fio...
 Saudade! Amor de minha terra... O rio
 cantigas de águas claras soluçando...

Noites de junho. O cabaré com frio,
 no luar, sobre o arvoredo, piando, piando...
 E à noite as folhas lividas cantando
 a saudade infelizes de um sol de estio

Saudade! Asa de dor do pensamento!
 Gemidos vãos de canaviais ao vento...
 Ah! mortuárias de névoa sobre a serras!

Saudade! O Parnaíba, velho monge,
 as barbas brancas alongando... e ao longe
 o mugido dos bois de minha terra...

O MEU Y

Quando apareceu o meu livro de versos "Legenda da Luz e da vida", em setembro de 1911, João Luso, numa crônica do "Jornal do Comércio", escreveu: "Alvaro Moreyra... A implicância deste "y" e a vontade que se tem de errar este nome!" Dez anos depois, na "Revista do Brasil", a propósito d'"O outro lado da vida", disse Monteiro Lobato: "Alvaro Moreyra... Já neste "y" grego começa o trabalho de estilo de Alvaro..." Com menos simpatia, muita gente tem implicado com o meu "y". Eu podia lembrar aos amigos e ao público em geral que, descendendo de portugueses, encontrei no passado numerosos Vieyras, Ferreyras, Silveyras. Não lembro. Conta-lhes que eu me chamava mesmo com "i" e que, certo dia, um jornal de Porto Alegre trouxe uma notícia assim:

"MELIANTES

Ontem à noite, pela cidade baixa, Alvaro Moreyra e o seu costumeado grapo andavam oferecendo à venda um gramofone. A policia desconjou da origem do instrumento e meteu os meliantes no zafre."

És aí por que aconteceu o meu "y". Por que eu sempre tive medo das confusões... Isso, aliás, não estou que surgissem, mais tarde, dois novos Alvaros Moreyras, fazendo coisas que eu



Os pés do deserto me alcançam
 Trazem recados das rosas migradoras
 À beira da sombra vigio a matéria
 Trago lendas para o meu amor

Esqueceram as constelações em cima dos cadernos de música

Subo pelas cariátides
 Para derrubar o manequim de Eva
 E grito:
 O mundo é muito pouco
 Trazei-me os antigos segredos
 Daquí vejo os netos dos que ainda não nasceram
 Quem me tocar perderá a memória

MURILLO MENDES

CANÇÃO DA PRIMAVERA

Primavera cruza o rio,
Cruza o sonho que tu sonhas,
Na cidade adormecida
Primavera vem chegando.

Catavento enlouqueceu,
Ficou girando, girando...
Em torno do Catavento
Dançamos todos em bando.

Dançemos todos, dançemos,
Anadas, Mortos, Amigos,
Dançemos todos até
Não mais saber-se o motivo...

Até que as paineiras tenham
Por sobre os muros florido!

MARIO QUINTANA

anica flz... Um, roubou um guarda-chuva no Ministério da Agricultura: O outro tratou casamento no Meyer.

a GRANDE VIAGEM

Araújo Jorge, Felipe e eu descemos em Paris, gare de Lyon, no dia 13 de março de 1913. Passamos um dia no Hotel de Russie. Por economia e por literatura, nos transferimos para o Quartier Latin. Depois de instalados fomos tomar alguma coisa na Taverna du Panthéon. Como eu não calava a boca, Araújo Jorge propôs:

— "Ecoutez, mes amis! Dorénavant, nous allons parler seulement français, parce que, si nous parlions portugais, tout le monde va voir que nous sommes des étrangers et nous ex-proterons."

Felipe não concordou:
— "Não, é melhor continuar falando português, porque assim 'eles' poderão pensar que nós somos franceses..."

DISTINÇÃO

O Museu do Luxemburgo era um camarada da minha idade, um amigo íntimo. Eu o tratava por tu. O Museu do Louvre era um senhor muito mais velho, cerimonioso: — o senhor Louvre. Tenho saudades do Luxemburgo...

A QUERIDA PATRÍCIA

Encontrei-a, afiita, de rosto inchado, perto da igreja da Madalena:
— Não dormi toda a noite. Vou a um "cure-dents".

MÚSICA

A música não devia ter título, não devia se chamar. Cada um ouve nela uma voz diferente. A sugestão dessa voz muda em cada um. "Le jardin sous la pluie", para mim, é o meu quarto do Hotel Stress, com a lâmpada na mesa de cabeceira e tudo o mais perdido na sombra, calado, misturado, rosto de realidade, princípio de sonho...

TROCA

Homero Prates descompunha a fumaça das fábricas que estragava o céu de Porto Alegre. Ele não conhecia as Inglesas que cativam as paisagens do mundo, — meu Deus! tão diferentes das Inglesas que nós amávamos, naquelas tardes, à beira do nosso rio... Tinha saído dos quadros pre-rafaelitas, longuinhas, silenciosas, maeradas, de uma tristeza além de qualquer suposição. Pareciam, pelo estase em que andavam, não corpos reais, porém sombras exquisitas do país dos mortos. Para lhes falar, era com palavras de oração, numa sala coberta de tapetes, reposteiros, quicima-perfumes a queimar perfumes, vasos compridos cheios de lirins. De preferência no duto. Se houvesse uma troca perto a na igreja um órgão tocando, então a felicidade seria completa... Prolongavam a sensação da beleza... Cesario Verde murmurara:

"Milady, é perigoso contemplá-la quando passa, aromática e normal..."

E, de repente, houve a troca terrível das que eram fantasmadas pelas que se vestiam com o mesmo vestido, punham o mesmo chapéu na cabeça, os mesmos sapatos nos pés e tiravam recintos com a mesma mãozinha fotogrífica, exclamando as mesmas palavras... Mulheres de enorme viagem...

PRÁTICA

Napoleão, que também fazia delírios, fez esta: "O homem é um animal um pouco mais perfeito do que os outros animais e raciocinando melhor". Ele disse que "quem hesita não vence". E disse que "não há nada tão difícil de tomar, como uma resolução". E ainda disse: "Difícil não é enganar. Difícil é desenganar."

QUE É QUE EU SOU?

Um homem de sensibilidade ampliada, esticada pela imaginação, e que esconde isso por vergonha...

ALVARO MOREIRA.

VARÃO DE LUTAS

AIRES DA MATA MACHADO FILHO

Se, numa roda de moços medianamente cultivados, alguém perguntasse quem foi Julio Ribeiro, a maioria havia de caracterizá-lo como o autor de *A Carne*. A posteridade tem seus caprichos e a carência de informação literária agrava a natural injustiça.

Realmente, Julio Ribeiro escreveu *A Carne*. A voz unânime dos críticos contemporâneos definiu-a como romance malgrado. Quis ser realista e não passou de híbrido tentame romântico. Alfredo Pujol, embora amigo do autor, sentiu a público para dizer que o livro não passaria à posteridade. Antes o vaticínio se tivesse realizado... O que lhe tem conservado o renome não são algumas belas páginas que todos lhe apontam, mas o atrativo mulsão das descrições nuas e rojotas. E todavia, em 1887, na apresentação do período "A Procelária", um ano antes de publicar o seu romance, Julio Ribeiro bosquejou um paralelo que vale a pena ler: "A pornografia acusa rebasamento do senso moral, acusa estado patológico."

"O realismo indica pobre franqueza, indica resignação científica, que aceita o mundo como ele é". Quer dizer que o discípulo de Zola não havia de considerar pornográfico o seu livro, que tem durado, graças ao odor equivoco a que hoje chamamos *sex appeal*.

Em magnífico ensaio acerca de Julio Ribeiro, Origenes Lessa atinou com a verdadeira significação do romance, como testemunho do caráter inquebrantável e do estilo de vida do autor: "*A Carne*, falha embora como romance e como obra de arte, era um brado de guerra, era bordoadia sem dó no tartufismo provinciano".

Julio Ribeiro, provindo de família pobre, estudou com dificuldade e abriu caminho na vida com esforço tenaz. Perdeu a primeira esposa e viu morrer seguidamente três filhos.

Escrevendo à sua mãe, disse de si, na palavra da Escritura, que era um "varão de dores". Varão de lutas é que, na verdade, foi, sofrendo, trabalhando e vivendo.

Mas não escreveu apenas *A Carne*. Naquele grupo de moços a que aludi no princípio, de certo algum conheceria a Julio Ribeiro como autor de uma gramática muito boa, que era para seu pai o oráculo, em pontos de linguagem. Pois até a publicação dessa gramática representou um brado de luta. Insurge-se o autor contra a cansada rotina, que proufificava nos competidos. Na opinião de um oficial do mesmo officio, que lhe faz restrições nos métodos e processos, "renuncese-lhe de certo o mérito de fazer sido o primeiro a trasladar para compêndio didático a nova orientação, revertendo os alicerces da velada". O juiz crítico é de Maximino Maciel e o grilo de Antenor Nascetes, que, no seu esboço histórico da filologia no Brasil, aponta como iniciador do "período gramatical" (Vide *Estudos Filológicos*, pg. 21 e seqs.).

Artilho republicano virulentamente anti-clerical, todo entregue aos conceitos e preconceitos do seu tempo, por impulso natural de seu temperamento extremado, Julio Ribeiro tinha de fazer jornalismo. Escritor público, batalhou até o fim pelas idéias radicais. De seu jornal "A Procelária" apareceram onze números. Com o título de *Procelárias*, "Edições Cultura Brasileira" deram a lume, há tempos, esses artigos ainda antes da reftrega.

Para Julio Ribeiro era a luta uma condição da existência. Ardia com pouca lenha porque esgrimia por esgrimir. Quando partiu a primeira procelária, núncio infalível da tormenta, pôs no primeiro artigo, à guisa de programa, estas palavras definidoras: "Não tem alvo, não tem objetivo determinado: vem para lutar porque a luta é uma fatalidade, porque a luta é a vida".

Julio Ribeiro teve polémicas memoráveis. A Valentin Magalhães, que se meteu a dizer umas coisas sobre linguagem, o gramático não perdeu os desacertos, apesar do prestigio nacional de um jornalista da corte. "Tudo asneira! Tudo bobagem! Escreva a sua literaturazinha, mas não se meta nunca a discutir o que ignora inteiramente: filologia".

O reconto mais famoso deu-se com o Padre Sena Freitas. Amigo sen nos primeiros tempos, o escritor português entendeu de criticar *A Carne*, a que deu o nome "Carriça". Chegava a São Paulo, ainda atorloado com as pancadas memoráveis de Guerra Junqueiro mas, como diz com graça Origenes Lessa, "vinha montado em um prelo de Camilo". Com isso e com o resto, pode logo ocupar as melhores situações. Julio Ribeiro resolveu vingar-se. Tomou o pão na unha e entendeu de enfrentar o crítico, de homem para homem, não em vias de fato, mas brandindo a pena de combate. Fez crítica miuda das obras de Sena Freitas, e lá encontrou abundante matéria a nunca vista sova. Não tinha papas na lingua, de sorte que a polémica muitas vezes descamba em insulto pessoal. Mas é engraçadíssima. Diferem inteiramente do comum desapego de opiniões, que não raro dessora a crítica literária, cautamente vasada em reticente louvor. E o contraste é que faz a gente rir. Em *Uma polémica célebre* as "Edições Cultura Brasileira" recolheram esses famosos artigos.

Julio Ribeiro publicou ainda *O Padre Belchior de Campos*, romance histórico, em 2 volumes (1876-7), e *Cartas Sertanejas*, páginas de crítica da propaganda republicana, (1885). Antes de cumprirem a promessa de reeditar *Cartas Sertanejas*, os editores dos citados livros pôstumos tiveram de encerrar suas atividades. E é de desejar que alguma casa tome a si a empresa. Daqui apelo para Origenes Lessa, o inspirador das anteriores edições.

Coisa que nem todos sabem é que Julio Ribeiro nasceu aqui perto de Belo Horizonte, em Sabará, a 16 de abril de 1845, e morreu em Santos, a 1 de novembro de 1890. Daqui a quatro anos havemos de comemorar o centenário de seu nascimento.

Galeria de nomes ilustres



EÇA DE QUEIROZ — O grande romancista português nasceu em Póvoa do Varzim em 25 de novembro de 1845



MARTINS JUNIOR — Poeta, jornalista, filólogo e professor. Foi um ardente republicano e participou na Academia, nasceu em 23 de novembro de 1857



CRUZ E SOUZA — O poeta estranho e acromatado, o genial negro dos "Violões que choram...", nasceu em 21 de novembro de 1872



LUCIO DE MENDONÇA — Poeta romancista, jornalista eminente, foi ele o verdadeiro criador da Academia Brasileira de Letras

Dois poemas de Mucio Leão

PRIMEIRO POEMA

Quando este caminho estiver próximo a findar, meus irmãos, olhem para o poeta.

E se o poeta cantar, digam-lhe que se cale, porque a terminação dos tempos vai vir.

E se o poeta acreditar, digam-lhe que as suas crenças são inúteis, porque os anjos de Deus abandonaram o mundo.

Mas se o poeta sofrer, digam-lhe que a Morte traz nas mãos feiticeiras um bálsamo divino, para as almas que naufragaram na amargura.

SEGUNDO POEMA

Ela seria para mim a graça, o encantamento, a alegria de todas as coisas.

Esse beijo leve, feito de mansidão e pureza, eu o guardaria para ela.

Esse pensamento suave e aflito — pensamento todo de devoção — eu o guardaria para ela.

Essa carícia longa, essa imaterial carícia, eu a guardaria para ela.

Essas palavras de ternura vaga e constante — ternura quasi infantil e quasi religiosa — eu as guardaria para ela.

Oh! Ela seria para mim a música, o clarão da estrela distante, a penugem doce da rosa, a flama, o ritmo, a exaltação, a glorificação.

SUGESTÕES BRASILEIRAS DE OLINDA — Gilberto Freyre

Quem subir pela primeira vez uma rua velha de Olinda, que se lembre dos desperdícios da justiça do século que outrora subiram estas mesmas ruas para se queixar ao bispo; que se lembre dos outros homens, que há quatro séculos sobem estas ruas deiras. Uns para ouvir missa em São Francisco. Outros para se confessar em São Bento. Alguns de pés descalços, por penitência, sob o sol cru do meio dia pernambucano, ferindo-se nas pedras, arranhando-se nos espinhos, queimando-se nas arelas zangadas — de tarde tão doces — e nas vagas brancas dos montes. Ainda outros só para comprar doces às religiosas de Nossa Senhora da Conceição.

E agora o turista, para gozar a paisagem e a tradição. Outra forma de devoção e ao mesmo tempo de gula. Já encontra os caminhos amaciados pelos pés de muitas gerações de devotos, e gulosos em busca dos conventos, das igrejas e dos sobrados velhos dos altos. Há quatro séculos que os pés de outras gerações amaçam estes caminhos para o turista de 1939, de 1940, de 1941 e de 1942.

Não há, perto do Recife melhor situação donde se gozar a paisagem deste pedaço do Brasil cheio de coqueiros e de igrejas antigas, de cajueiros e de casas velhas, de mangueiras vindas da Índia e de jangadas partindo da praia para o mar, do que os altos de Olinda.

Quando Ramalho Ortigão passou por Pernambuco quem o recebeu no Recife foi Joaquim Nabuco. Foram juntos a Olinda. Do alto de um dos montes — o alto da Sé que emenda com o da Misericórdia — é que Nabuco quis que o escritor português visse a paisagem de Pernambuco. Do Pernambuco de

que o grande brasileiro dissera um dia: "A alma de Pernambuco, se a atual geração de pernambucanos, esquecendo três séculos de vida local, própria e distinta, renunciasse a ela, estaria... nas nossas praias, nas nossas árvores". Nas "mangueiras, cajueiros, coqueiros e jangueiras". Falhou dizer nos nossos montes: nos de Olinda, nos Guararapes, no das Tabocas, no do Arraial.

A paisagem que Nabuco escolheu para os olhos de Ortigão não é, deserto, e ele próprio o salientou, "um panorama em amplitude como o do Corcovado", nem uma dessas vistas de altura nas quais o mar fica tão baixo aos pés do espectador que perde o movimento e a vida...

A paisagem brasileira que se vê dos altos de Olinda está longe de ter a grandiosidade das do Rio de Janeiro ou das serras entre Santos e São Paulo; ou dos arredores de Belo Horizonte. Ou a amplitude das paisagens amazônicas. Não nos subjugam com nenhuma dessas imponências que dissolvem o espectador num universal tão vago que ele perde de vista a forma regional das casas, as linhas tradicionais das igrejas, o perfil histórico das fortalezas e ruínas, o sentido nacional das ruas. Os altos de Olinda não nos afastam da história do Brasil, mas ao contrário nos tornam mais impregnados dela. Toda a larga faixa de paisagem brasileira que o olhar recorta do alto da Sé ou da Misericórdia — tão larga que alcança o farol de Santo Agostinho — é um pedaço da natureza tropical salpicado de vitórias dos homens sobre as coisas brutas; dos portugueses sobre as selvas. Igrejas branquejando entre os cajueiros. Casas. Faróis. Fou-

EFEMÉRIDES DA ACADEMIA

28 DE NOVEMBRO

1841 — Falecimento de Manoel Antonio de Almeida, vítima do naufrágio do vapor "Hermes". É patrono da cadeira n. 28, criada por Inglês de Souza, e onde hoje se senta o sr. Xavier Marques.

1934 — Falecimento de Coelho Netto, fundador da cadeira n. 2, que tem como patrono Alvares de Azevedo. Em sua vaga entrou para a Academia o sr. João Neves da Fontoura.

29 DE NOVEMBRO

1806 — Nascimento de Manoel de Araújo Porto Alegre, filho do Rio Grande do Sul. Teve o título de Barão de Santo Angelo e morreu aos 73 anos de idade, quando conselheiro do Brasil em Lisboa. É patrono da cadeira n. 22, criada por Carlos de Laet, que foi substituído pelo Barão de Ramiz Galvão, depois substituído pelo sr. Viriato Coriêa.

1931 — Falecimento de Alberto de Faria, autor de "Mauá". Sucedeu a Oliveira Lima na cadeira n. 39, que tem como patrono F. A. de Varnhagen, e teve como substituído Rocha Pombo, que por sua vez foi substituído pelo sr. Rodolpho Garcia.

30 DE NOVEMBRO

1898 — Primeira sessão solene da Academia, para a recepção de João Ribeiro, substituído de Luiz Guimarães. Presidiu-a Machado de Assis. Falou em nome da Academia José Veríssimo. A sessão realizou-se no salão de honra do Ministério da Justiça, tendo comparecido o ministro da pasta, que era o sr. Epitácio Pessoa.

1912 — Eleição de Martin Brunsot para membro correspondente. Teve 9 votos, tendo o seu antagonista, Frederico Mistral, obtido 2.

3 DE DEZEMBRO

1875 — Falecimento, na Europa, de Aureliano Candido Tavares Bastos, autor das "Cartas do Soltão". É patrono da cadeira n. 35, criada pelo sr. Rodrigo Octavio.

1914 — Posse solene do sr. Antonio Austregalio, na cadeira n. 30, onde fora substituído Heracleito Graca.

5 DE DEZEMBRO

1913 — Falecimento de Salvador de Mendonça, criador da cadeira n. 30, que tem como patrono Joaquim Manoel de Macedo. Foi substituído por Emilio de Menezes.

1934 — Falecimento de Humberto de Campos, que substituiu Emilio de Menezes na cadeira n. 30.

tes. Barcaças. Restos de fortalezas e de engenhos. Boeiros de fábricas. Mocambos de pescadores. E não apenas as velas brancas das jangadas em que Nabuco enxergou "penas destacadas das grandes asas da coragem e do sacrifício e também da necessidade humana".

Mais do que isso, é uma paisagem, a que se vê dos altos de Olinda, que o próprio homem completa, pelas adeiras, meninos empinando papagaios. Mulheres de encarnado apanhando gravetos. Homens pescando pelos mangues. Negros velhos pegando caranguejo pela lama também preta. Frades franciscanos a caminho do convento. E cada figura dessas, em vez de uma intrusão, parece tão necessária à paisagem, quanto as igrejas, as casas, as jangadas, os coqueiros, os cajueiros, as águas, as barcaças — uma delas tão próxima de nós que se lê sem muito esforço o seu nome: Tabó. Tudo se irmana franciscanamente para completar essa paisagem, ao mesmo tempo cristã e brasileira.



UM LIVRO IMORTAL

(Continuação da pág. 344)

A minha ama de leite Guilhermina furtava as moedas que o Doutor me dava. Minha ama, então, hipocrita, deixava Suavecidades de menina: — Não, não fora ela! — E maldizia. Que ela absolutamente não furtava. Vejo, entretanto, agora, em minha casa. Que a mim somente cabe o furto. Tu só furtaste a moeda, o ouro que furtaste a moeda só, mas eu, minha filha, fui furtada mais, porque furtas o peito que dava leite para a tua filha!

Em meio à descrição do campo, feita numa espécie de bizarra pintura japonesa, alteia-se a "Árvore da serra", símbolo tanto mais perturbador quanto um tanto impreciso.

Não menos pungente o caso do "Corruptão", do passado que a humilhação da gaiola — o mundo? — tornou escaveirado e idiota.

Em "Eterna máguia" é o desespero da negação total.

Mas os "Versos íntimos", estes articulam um grilo de pessimismo, de irremediável nihilismo moral, encerram um conselho à náusea por todas as carícias, ou antes, um convite à ferocidade implacável, como raramente os humanos tem ouvido igual depois de Timon de Atenas:

Vés! Ninguém saltou ao firmamento Esterro da tua última quimera. Somente a Ingratidão — esta panacea — itera — Foi tua companheira inseparável! Acostuma-te a lama que te espera O Homem, que, nesta terra miserável, Mora entre fôrças, sente inevitável Necessidade de também ser fera. Toma um fôtoro. Acende tu o cigarro!

O beijo, amigo, é a vespéra do café. A mão que afaga é a mesma que apedreja. Se a algum causa inda pena a tua fôrça, Apedreja numa mão vil que te afaca, Apedreja nessa boca que te beijai!

Verifica-se, diante de tudo isto, que a obra de Augusto dos Anjos representa a mais abstrusa das mesclas de lirismo espiritual e de rudeza materialista. Nela as metáforas mais ingênuas e os adjetivos mais delicados misturam-se a frases de certidão de óbito ou de aula de psiquiatria.

Mas como o sonetista era absolutamente adorável, quando, esquecendo-se do seu jargão clínico, deixava o coração falar à vontade! Havia então nele algo de mais belo que a beleza, havia qualquer coisa como um caso de verdadeira santidade artística.

Grande Augusto! Mordido pela flama da neurose, pretendia repetir aqui algumas das blasfêmias de Richépin e conseguia apenas mostrar, nos momentos em que a Musa, traído-ra lhe punha o coração a nu, uma sensibilidade de escorchado, uma fraqueza de agonizante que sangra por mil feridas.

Talento aberrante, Augusto dos Anjos (e o seu nome augustinamente angelical não foi o de um predestinado?) desconcerta os críticos acadêmicos. Era, aliás, um desses espíritos que não poderão chegar nunca à serenidade, como o barão bebado de Rimbaud jamais poderia ancorar num porto remansoso.

("O Jornal" — 16-9-1938).

A árvore da serra

— As árvores, meu filho, não tem alma!
E esta árvore me serve de impecilho...
É preciso cortá-la, pois, meu filho,
Para que eu tenha uma velhice calma!

— Meu pai, por que sua ira não se acalma?!
Não vê que em tudo existe o mesmo brilho?!
Deus pôs almas nos cedros... no junquillo...
Esta árvore, meu pai, possui minha alma!...

— Disse — e ajoelhou-se, numa rogativa:
"Não mate a árvore, pai, para que eu viva!"
E quando a árvore, olhando a pátria serra,

Caíu aos golpes do machado bronco,
O moço triste abraçou com o tronco
E nunca mais se levantou da terra!

Augusto dos Anjos